

Rubens Pontes

# PASSOS SALTOS & QUEDAS

A aventura de viver

Rubens Pontes

# PASSOS

SALTOS E QUEDAS

A aventura de viver

## **Agradecimentos**

A Tião Martins. Sem sua onipresente participação, estas memórias não teriam sido revividas.

A Márcia M. Dias Barbosa, pela infatigável colaboração no trabalho de computação e montagem.

A Leida Lusmar Botelho, Hamilton Gangana e Oswaldo Oleare, pela generosidade dos conceitos emitidos.

A Sílvio Santos, pela releitura e pertinentes observações anotadas.

A Jonathas Silva Mattos, pela orientação técnica

A José Rubens Pontes, meu editor em Brasília

# Prefácio

O jornalista e publicitário mineiro José Alberto da Fonseca sempre disse que, “*na vida, tudo é prefácio, pois o melhor ainda vem por aí*”.

Esse mesmo Zé contava que o seu pai lhe ensinou o fundamento teórico da proclamada *mineirice: Em matéria de humildade, meu filho, ninguém ganha de nós*. Infelizmente, o Zé – assim como tantos outros que se foram cedo demais – concluiu sua trajetória neste ano de 2015.

Dedico essas toscas memórias aos que viveram intensamente o prefácio, mas se foram. Aos que estão firmes na sela. E a todos que irão continuar, por anos e décadas, a degustar o delicioso sabor de viver.

Mineiro de origem e capixaba por encanto e opção, revivi estas lembranças por amor à vida, às histórias e às pessoas com as quais tenho compartilhado uma longa trajetória profissional e humana. E, com este prefácio, manifesto a esperança de que o melhor da vida e da História, no Brasil, ainda virá, queiram ou não os pessimistas, derrotistas e inimigos da liberdade e da paz.

Se tudo é prefácio, que cada um também escreva o seu e o compartilhe com os demais. E assim, modestamente, entrego ao leitor este livrinho de histórias reais.

*Rubens Pontes*

# Primeira confissão

*“...não sei para onde vão as ondas  
nem aonde me leva a nave”.*

Pablo Neruda

Viver é aceitar que uma vida nunca é o bastante para todos os sonhos, mas por ser única, não se pode perdê-la reclamando porque um dia vamos chegar ao fim. E este é o destino de todos nós e de todas as coisas, incluindo o universo, do qual pequena parte contemplo da minha varanda – sentindo passar o tempo, perceber a entropia e viver cada dia.

Memórias serão sempre falhas e incompletas, até porque o autor e ator ainda não completou a trajetória que apenas até o “hoje” pode registrar, e o cérebro, tendencioso, seleciona os fatos que julga mais significativos, esquecendo parte da vida vivida. Além disso, é tolice própria dos humanos utilizar máscaras para ocultar quem são, seus sentimentos e as suas experiências. Negamos perdas e danos, valorizamos acertos e amplificamos pequenas conquistas, e destacamos um ou outro gesto de grandeza. E disfarçamos fantasias, desejos, projetos, arrependimentos e frustrações.

Viver, entretanto, é aceitar e compartilhar o que aprendemos ao longo dos anos – muitos, para mim, tanto nas pequenas vitórias quanto nos grandes equívocos.

Abandonar disfarces e máscaras e reconhecer a fragilidade essencial de todos nós, este foi o meu objetivo central, e certamente não consegui. Desse confronto, tão comum na idade mais avançada, surge o desejo de identificar e aceitar quem fomos e somos, com todos os erros e acertos próprios da trajetória humana neste maltratado planeta.

Este é um registro de memórias e confissões, elaborado, tanto quanto possível, sem máscaras e sem fantasias e feito de lembranças e desejos que sobreviveram à voragem do tempo. O texto é de jornalista, simples e direto, como fomos ensinados a fazer, mas com algumas pinceladas da publicidade - os dois

ófícios que encantaram e sustentaram o autor, nesta sua passagem ainda não concluída pela Terra.

# O tempo e a família

*“Meu tempo é hoje, eu não vivo no passado.*

*O passado é que vive em mim”.*

**Paulinho da Viola**

Enquanto vou reconstruindo na memória os dias, meses e anos de tão longa vida, vem à lembrança essas reflexões do cantor e compositor Paulinho da Viola, um sujeito que nunca foi dos mais falantes. Também não vivo no passado, simplesmente porque ele ainda é parte do presente, com seus momentos de muita alegria ou inconsolável tristeza.

Do meu casamento com Terezinha de Jesus Gravito, em Pedro Leopoldo, nasceram quatro filhos: Maria Teresa, José Rubens, Teresa Cristina e Isabel Teresa. Apesar da minha agitada vida profissional, procurei sempre acompanhar de perto todos eles e participar da formação intelectual e do crescimento de cada um dos filhos.

Ainda assim, Terezinha – mãe dedicada e exemplar – muitas vezes enfrentou bravamente o desafio de cuidar deles sozinha e orientar o desenvolvimento de cada um, em casa e na escola, nos períodos em que estive ausente e entregue ao trabalho.

Cada um deles seguiu seus próprios caminhos. Maria Teresa, inquieta e investigativa, diplomada em Educação Física, lecionou em algumas das principais instituições de ensino de Belo Horizonte, criou seu próprio instituto, procurando sempre novos e mais amplos horizontes para o futuro, com determinação e coragem. Descobriu detestar grandes metrópoles, passando sucessivamente por Três Pontas, escola em um acampamento no deserto do Iraque onde dava aulas para os filhos de funcionários da Mendes Júnior Internacional, depois Nova Viçosa (Ba) e hoje relaxa em Capim Branco, no interior de Minas, com Teresa Cristina e seus cinco cachorros (a mim, parecem ser dezenas), cuidando do jardim e do pomar e ainda lecionando. Henrique, o mais velho, e Pedro, que nasceu no Iraque, são os dois netos que ela me deu do seu casamento com Ricardo Lage.

José Rubens desde sempre demonstrou mais gostar de ler e estudar, pouco se importando com carreiras, e trocou seus estudos de física na UFMG para se dedicar ao jornalismo, em Brasília, trabalhando nas revistas Veja e Exame e em jornais vários. Com o retorno da democracia, foi chefe do Gabinete do Ministro da Fazenda, Paulo Haddad, e depois assessor de comunicação dos ministros Camilo Pena e Pedro Parente, da Casa Civil. Também foi diretor corporativo na francesa Compagnie de Saint Gobain. Casado com Moema Malheiros, continua em Brasília, onde também estão seus dois filhos Mariana e Rodrigo, que nos deram os primeiros seis bisnetos. Ela é psicóloga, casada com Sérgio Arymoraes, e Rodrigo, casado com Carol, geólogo, trabalha em plataformas da Petrobras.

Teresa Cristina – inteligente, culta, introspectiva e sonhadora, sensível e generosa – nasceu oito anos depois de José Rubens e formou-se professora de Geografia e História pela UFMG. Leitora incansável, com sólida formação humanística, procura com singular empenho transmitir seus valores aos alunos do Colégio Municipal “Paulo Mendes Campos”. Preservando a sua autonomia, não se casou, mas realizou o sonho de ter um filho, Cristiano, hoje se formando em fisioterapia na UFMG.

Isabel Teresa, a caçula, sempre uma doce menina, líder natural que impressionava a todos no austero Colégio Pio XII, por onde passaram também suas irmãs. Idealista, lutava contra a prepotência e arrogância de professores e autoridades várias. Liderou, no colégio, um movimento de defesa de uma garota discriminada, liderando uma greve. Foi vítima de uma tragédia provocada, falecendo após um acidente de automóvel. Jamais me recuperei, jamais aceitei essa perda.

Uma vida longa produz, necessariamente, perdas e ganhos.

No caminho que leva à velhice amigos vão ficando para trás, nas encruzilhadas e armadilhas do destino, e com eles podemos perder algumas das nossas melhores lembranças e referências. Mas, paradoxalmente, a passagem do tempo também nos renova, quando a vida se traduz e se confirma em novas gerações, para mim a quarta: bisnetos Leonardo, Sofia, Alice, Isabel, Luísa e Rafaela, pela ordem de chegada ao mundo. Eles são como estrelas que desceram

do céu e vieram nos consolar de nossas perdas e confirmar que a vida é mágica e que, em certo sentido, somos imortais.

# Um moço chamado Pontes

*Hamilton Gangana*

Naqueles tempos heroicos, ao completar o curso primário, o sonho dos meninos era trabalhar de “office-boy” com carteira assinada, numa empresa grande. Tive a sorte de, aos 13 anos, com autorização do juiz de menores José Américo de Macedo, começar a ganhar a vida na famosa e importante rua da Bahia, de comércio muito ativo e onde circulavam políticos, empresários, intelectuais, artistas, boêmios e também onde se instalaram o Grande Hotel, a Câmara de Vereadores, a Livraria Francisco Alves, o Cine Metrópole, o Park Royal e o restaurante-bar Trianon -, perto da Imprensa Oficial, da Escola de Direito, da Prefeitura e do jornal Estado de Minas.

Meu primeiro emprego foi na rádio Guarani, em Belo Horizonte, onde está hoje o Museu Inimá de Paula, como ascensorista, depois “office-boy” e, em seguida, auxiliar do departamento comercial, quando fui atraído pelo fascinante mundo da comunicação. Ao atender às solicitações dos corretores de anúncios, que precisavam de “uma mãozinha” - era preciso juntar as anotações de uma folha de papel e criar um reclame, texto comercial falado, que seria lido pelos locutores nos intervalos dos programas. Esse trabalho, na verdade, funcionou, para mim, como precursor de carreira, uma espécie de universidade, que exigia observação constante e aprimoramento, não só pela responsabilidade, mas como necessidade de aprendizado, para vencer as dificuldades, que eram muitas.

Certo dia, chega ao departamento comercial da rádio Guarani, que então funcionava nas dependências dos Associados, na rua Goiás, um moço moreno, gentil e solícito, chamado Rubens Pontes. Lembro-me bem de sua fisionomia alegre e soridente, de terno e gravata, capa e chapéu de shantung, sapatos com sola alta de borracha, moda na época. Mas o que me impressionou, sobremaneira, a partir do primeiro dia de trabalho, foram a facilidade e a competência do novo companheiro em escrever textos inteligentes, de redigir planos, propostas e ideias e de datilografar os pensamentos assim “de primeira sentada”, com as palavras

fluindo rapidamente, como se brotassem nas pontas dos dedos. Passei a admirá-lo e aprendi muito com ele.

Mas, só mais tarde soube valorizar e dimensionar a importância de ter conhecido e convivido tão cedo com aquela pessoa simples, o redator, jornalista e depois amigo Rubens Pontes, um intelectual com formação em Direito, escritor talentoso e criativo, muito considerado no mercado e que fora levado pela direção da novíssima TV Itacolomi para ser um dos pioneiros da equipe de produção de programas de maior sucesso da grade de atrações da emissora. “O céu é o limite” é belo um exemplo. Rubens Pontes foi também competente diretor-comercial e diretor geral da emissora. E esse tempo passou. Ele mudou-se para Brasília e, mais tarde, foi morar no Espírito Santo.

Já como publicitário experiente, tive a honra de dirigir a Associação Mineira de Propaganda – AMP – no início dos anos 80, ocasião em que a entidade prestou significativa homenagem aos principais nomes de profissionais do mercado, em solenidade ocorrida em comemoração ao Dia Mundial da Propaganda, 4 de dezembro. O estimado e querido Rubens Pontes foi oportunamente lembrado por nós, tendo sido saudado em belo pronunciamento de Élzio Costa, outra figura marcante do mercado da comunicação em Minas.

Tenho muito respeito por Rubens Pontes e sinto-me honrado em poder escrever algumas palavras sobre ele num momento tão especial como este. Assim fica eternamente marcada a minha admiração pelo amigo de priscas eras.

# Muita sabença e vivença

Oswaldo Oleare (\*)

Em 1981, o acaso nos colocou numa mesma jornada: a campanha do mega empresário Camilo Cola, poderoso dono da Viação Itapemirim, entre outras grandes empresas, a senador. Discreto, ele era o subcomandante de Nelson Mendes, publicitário escalado pela agência MPM para comandar a gigantesca campanha.

Só nos conhecemos, na verdade, depois de um terço da campanha de quatro meses, numa feijoada em um simples buteco de bairro da periferia, que agregava amendoim ao prato. Daí pra frente, trabalho, trabalho, butecos à parte.

Só então fui perceber que Rubens Pontes não era um apenas jornalista fincado nas primitivas perguntas “o que, onde, quando, como e por quê?” de qualquer mero jornalista. Era mais. Era uma biografia riquíssima. Um intelectual. Um mineiro que não foi diretor de banco, nem diretor do Atlético.

Rubens Pontes é um animal de duas patas, inteligente, gentil, sonhador, pensador, ético. Sua trajetória profissional não é um currículo, é um rico acervo.

Quando soube que seria o jornalista do Espírito Santo escalado pra falar sobre ele, tremi na base. Sempre fui desses jornalistas mais especializados em falar mal. Mas, como falar mal de um personagem tão rico, tão gigantesco, tão superlativo?

*Pramim*, Rubens lascou o conterrâneo Otto Lara Resende, *niquiqui* consagrou “o mineiro só é solidário no câncer”. Cá comigo, pensei: o Otto Lara Resende não conheceu o mineiro Rubens Pontes. Ele só não é solidário com os anti-FLAtleticanos, nossas comuns bandeiras.

Trato-o como meu tutor intelectual e o provoco sempre.

Outro dia, diante de uma virose de onze dias de cama, disse-lhe: “corro o risco de sobreviver”. Ele me respondeu: “Bom que seu otimismo ajuda a superar problemas que, embora da competência de médicos, somos nós que temos de resolver... Sempre que me vejo assolado pelos tropeções da vida, tenho me valido

de pensamentos que até parecem fruto dos meus desgastados neurônios. Como esse, do grande homem de Cordisburgo, nas veredas das Gerais:

- “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”.

Juca Pirama não disse que “a vida é luta renhida, viver é lutar?”

Rubens Pontes é um mineiro solidário que duma virose saca um dizer de um grande pensador. Dele, tenho só duas reclamações: a primeira, não termos bebido todos os vinhos que pensamos beber, juntos. E de não ter bebido mais da sua vivência.

E de não tê-lo conhecido uns trinta anos antes.

Certamente, eu não seria hoje o iletrado que assina estas linhas pobres sobre um colega de tanta sabença e tão vivida sabedoria.

(\*) *Oswaldo Oleari ou Oleare (jornalista envergonhado de um textim menor sobre um personagem maior).*

# O vai e vem da vida

*“Embora tudo mude nada muda  
porque tudo permanece aqui dentro  
e fala comigo e me segura no colo”.*

Lyá Luft

Este livro de memórias não é um livro de história, mas reúne diversas pequenas estórias que, acumuladas, terminam por recuperar e mesmo reviver uma trajetória humana e profissional do autor, desde a juventude nas montanhas de Minas até a opção pelo mar capixaba – a versão que foi possível recordar e registrar.

Dividir a vida em capítulos é coisa de novela, a nossa vida se desenrola como o tempo descrito por Albert Einstein, sempre em direção ao futuro, sem rupturas ou intervalos – não sei bem o que é viver no espaço-tempo, mas faço isso há quase um século, ocupando algum espaço e vendo o tempo passar. Mas a vida não é tão organizada, muito menos linear, e os fatos se misturam e se confundem e confundem até o tempo quando tentamos relembrá-la. Sobrevivemos aos saltos, entre rupturas e mudanças de trajetórias, entre perdas e danos, alegria e tristeza, crescimento e queda, sabedoria e idiotice – mas sempre continuamente vivendo para o futuro – a cada dia mais curto.

Memórias, como podemos contá-las, não serão lineares e uniformes como a vida também não o é, memórias são apenas uma das vidas- versão da nossa trajetória no planeta. Outras poderiam ser contadas, como os tais universos paralelos que dizem alguns (físicos ou místicos) existir.

Senti-me feliz ao escrever este livro, e certamente dei preferência explícita aos acertos, ainda que tenha sido um processo inconsciente. É um direito que compartilho com os eventuais leitores.

Na vida real somos prisioneiros do calendário e da direção inexorável da passagem do tempo, mas ao mergulhar em meus passados senti-me no direito de ir e vir nas recordações registradas – talvez algum de meus saltos *quânticos*, mas nada científicos, confunda um leitor, e alerto que o risco faz parte da viagem. No

balanço final, o vale mais o julgamento de quem me lê, me conhece e me acolhe em suas próprias memórias.

Mortais, falhos e incompletos, estamos sujeitos, todos, à mencionada preferência pelo relato de ações que comprovam o nosso bom caráter, coragem, inteligência e criatividade – o que justificaria a nossa passagem pelo mundo. Bobagem, não há qualquer sentido nisso, exceto aquele que cada um dá.

Quando contamos aos amigos fatos para nós significativos que presenciamos ou ajudamos a acontecer, pouco importa que tenham como pano de fundo a realidade dolorosa de abril de 1964 ou a alegria da multidão após duas décadas de silêncio na reconstrução da liberdade e da democracia.

Aqueles que têm inimigos deixam a eles a responsabilidade de contestá-los, mas para um autor que deseja ser tão discreto quanto um contista mineiro, nem essa preocupação sobrevive, pois não lhe sobram tempo e disposição para criar inimizades. Desentendimentos aconteceram, os necessários, espero, mas foram sepultados pelo tempo, um bom remédio contra as nossas tolices habituais, e tudo se transforma em amizade. Quando não aconteceu, foi porque não valia a pena.

Este não é um livro escrito para ensinar, e pretensiosamente como se fosse um Buda ou Borges, não deseja criar seguidores. E também não pretende estar cheio de profundidade, sabedoria, certezas e revelações espantosas, ou demolir desafetos e praticar a intolerância, criando uma seita amarga e vingativa. Este aqui é de curiosidade e de coisas que aprendi. É um relato apenas, de uma vida bastante longa dedicada à comunicação, em todas as suas vertentes, linguagens e ousadias.

Cabe ao possível leitor decidir se algo aprendeu, se valeu o tempo dedicado à sua leitura – eu ficarei grato de gerar alguma reflexão e, se agradar a uns poucos, será mais que suficiente para satisfazer o modesto ego do autor.

# Razão de viver

*“Afinal, quem é Rubens Pontes?”*

Pergunta Tião Martins, jornalista e escritor

Antigamente, quando a minha geração começava a viver e éramos todos jovens, a economia dos brasileiros era simples e se media em muitos cruzeiros e poucos dólares. Passado que ainda se fazia presente quando ingressei como aprendiz na vida agitada do jornalismo e da propaganda, da qual nunca mais escapei. E confesso sem arrependimento que não quis ou tentei escapar.

Nessas duas atividades, caracterizadas pela incerteza quanto ao dia de amanhã ou mesmo quanto ao cumprimento do nosso *dead line* ao final de cada e de todo dia, aprendi a me equilibrar na corda bamba da comunicação, sedutora e fascinante. Nos dois campos, participei do sucesso embriagador de algumas empresas e da catástrofe inevitável de outras. Espero mais ter ajudado as primeiras do que atrapalhado as segundas.

Neste livro alguns bons e maus momentos se somam, se misturam e se espalham por aí, pelo mundo e pelo tempo. Sei de algumas coisas a respeito deles, momentos, e de mim, talvez até saiba bastante, sem a pretensão de saber tudo e, certamente, bem menos do que gostaria.

É possível que uma ou outra mágoa tenha escapado ao controle. Ou que uma e outra frase pareçam um juízo final. Se isso acontecer, tente não dar muito peso aos critérios do autor, que – por ser também humano – está sujeito a esses deslizes.

Se estas confissões omitirem um ou outro não será por desapreço, mas por culpa da inevitável fragilidade da memória, companheira que é tão confiável na juventude e tão tênue e suspeita na idade avançada. Culparei a inexorável marcha da entropia, da qual não escapa nosso cérebro com seu bilhão de neurônios e nem mesmo o universo com seus bilhões de galáxias.

Felizmente, a palavra final será sempre do leitor, promotor, júri e juiz no julgamento do autor e dos seus personagens. É sempre assim. E é bom que seja, porque o autor pode dormir em paz até o dia da sentença.

Embora razões ideológicas motivem alguns profissionais e estudiosos a contestar essa realidade, o moderno jornalismo, a ascensão da publicidade e da propaganda ao status de arte e técnica requintadas, assim como a vertiginosa evolução do cinema e da TV são produtos típicos do capitalismo e das democracias ocidentais. Informação livre e direitos civis e políticos andam de mãos dadas.

Os regimes autoritários – por sua necessidade intrínseca de impor regras, limites e visões de mundo coerentes com o seu discurso e suas práticas – são incompatíveis com a arte, a criatividade e a invenção. A necessidade imperiosa de mudar ou esquecer a realidade não pode conviver com a circulação de críticas e ideias, que permeiam 24 horas de cada um de nossos dias.

E, mais cedo ou mais tarde, regimes autoritários e ditaduras envelhecem e se desmancham no ar, rejeitados que são por novas aspirações e por sua própria falta de ideias e incapacidade de renovar-se. Somente uma sociedade livre, capaz de reconhecer e aceitar suas próprias deficiências e contradições, tem a capacidade de conviver, ainda que em ambiente de conflito, com a liberdade de pensamento, criação e expressão que constitui a própria essência da arte, do jornalismo, da publicidade e da propaganda.

No Brasil e em outros países do Ocidente, a convicção quanto à superioridade da democracia não era assim tão sólida no período entre os tempos da República Velha até a derrota final do nazi-fascismo, que assumiu o poder na Alemanha e na Itália, ocupando depois pela força das armas quase toda a Europa e ameaçando subjugar o planeta. Um regime ditatorial, necessariamente condenado ao atraso antes de fracassar. O Brasil de Getúlio flertou com tais regimes.

Foi nesse cenário político e social e no rastro de suas lições, resíduos e distorções que muitos jovens brasileiros e, particularmente, a minha geração de mineiros ingressou no jornalismo e na radiofonia e atividades profissionais de propaganda e publicidade em meados do século passado. Alguns trocaram bem cedo esse campo de batalha pela política partidária, o direito, as artes, a literatura

ou as atividades empresariais. Outros se apaixonaram pelas diversas formas de comunicação profissional e a elas se mantiveram fiéis pelas décadas seguintes.

Estava entre esses últimos, mais um dos modestos operários e eventualmente dirigentes nas empresas dedicadas à comunicação via jornais, emissoras de rádio e TV e agências de publicidade. Mas também e seguramente, fui e sou um de seus mais fiéis apaixonados, ao lado de inesquecíveis companheiros de trabalho, que se tornaram meus amigos, mestres e modelos na arte da comunicação.

Presenciei o nascimento e acompanhei a afirmação nacional de profissionais de primeira linha, assim como o previsível desastre de outros, que se revelaram incompatíveis com a evolução vertiginosa de atividades que passaram, em poucos anos, do alegre e franco amadorismo para o rigor e a trepidação atuais.

Sou grato à vida e à profissão admiro e que abracei há 70 anos, por haver presenciado e, em certos casos e momentos, pouco perceptivelmente ter contribuído para tais mudanças que inseriram o Brasil na modernidade e na competição qualitativa com os países mais avançados do planeta.

Só outro privilégio é maior que esse: a felicidade de contar com amigas, amigos e companheiros que cresceram como profissionais e seres humanos admiráveis, ao longo desses anos. Contando com a paciência de todos, dedico a cada um deles as páginas que ora escrevo.

E quando um amigo tão próximo como Tião Martins pergunta quem sou eu, que sonhos me trouxeram até aqui e o que me leva a prosseguir rumo ao futuro, pois futuro ainda há de haver, a primeira reação é de perplexidade. Toda autobiografia, ainda que circunscrita a uma única visão de que tenho sido, é também uma espécie de ficção, um relato incompleto, pois o autor ainda vive e pode mudar de rumo, de crença e de jeito de ser. Como repetimos, nós jornalistas, uma versão dos fatos, entre tantas outras, alguma delas talvez verdadeira.

Além disso, os sonhos são tantos e tão variados que fica difícil resumi-los. Sendo eles, ao mesmo tempo, tão minúsculos quanto um grão de poeira perdido no espaço. Mas carregamos conosco a pretensão juvenil de sermos únicos, inconfundíveis e, na hipótese mais modesta, eternos, inesquecíveis.

Para começar, respondo ao Tião Martins que sou sagitário, porque nasci em dezembro, e dizem especialistas nas coisas dos horóscopos, o signo tem tudo a ver com a comunicação, em cujo meio fui parar ainda garoto. E sou atletícano há mais tempo ainda, desde quando assisti pela primeira vez um jogo do meu time lá na Colina de Lourdes, em Belo Horizonte, aos onze anos de idade, levado por meu tio André Pontes.

Dizem que o sagitário costuma ser viajante curioso e incansável, movido pela intuição e pelo desejo de compartilhar, como jornalista ou editor, tudo que aprende, ainda que nem sempre adote em sua vida os ensinamentos que recolhe nas suas andanças pelo mundo.

Ponto para o povo do horóscopo!

Meu sonho, hoje? Sem esconder as doces saudades das Minas Gerais, curtir a paz e a realidade deste bucólico e modesto balneário capixaba, onde o sabiá só não canta porque palmeiras aqui não há. Levei um pouco mais de 90 anos, Tião Martins, para me tornar o homem que sou hoje.

Valeu a pena? Penso que sim.

Embora tenha perdido a ingenuidade muito cedo, em tantas encruzilhadas, acredito que as escolhas acabaram sendo acertadas ou apenas as possíveis. E as experiências, boas ou más, serviram de ensinamento para encarar o que viria depois.

Ainda menino, sonhava ser maquinista da velha “Maria Fumaça”, que apitava estridente na curva da ferrovia, antes da estação de Rio Preto. Seria um comandante no domínio da máquina, conduzindo vagões de carga e de passageiros. Foi meu primeiro alumbramento, na linguagem poética de Manuel Bandeira.

Adolescente e leitor ávido de livros sobre as guerras do passado, embarquei no romantismo heroico de Alexandre, o Grande, da guerra de Troia, das arremetidas de Átila, rei dos hunos, e das conquistas de Napoleão Bonaparte. Li e reli, sempre com muita emoção, o relato de Henry Sienkevski em “O Diluvio”, sobre os embates entre o herói André Kmita e o vilão Príncipe Boguslav, na guerra pela libertação da Polônia. Adulto, visitei Varsóvia, que sofria então com o domínio soviético, mas a recordação mais forte do país foi o acidente de avião que

sofremos ao pousar o soviético Tupolev, que teve partida a suspensão, saiu da pista e tombou de lado, ferindo algumas pessoas. Eu nada sofri, foi apenas mais uma história para contar.

E já adulto, após frequentar o centro Preparatório de Oficiais da Reserva - CPOR no obrigatório serviço militar, tornei-me meio involuntariamente um segundo tenente do Exército brasileiro, aos vinte anos de idade, e sonhei que seria convocado para integrar a FEB - Força Expedicionária Brasileira, a caminho do front italiano.

Por coincidência, vinte anos mais tarde fui morar a poucos metros do quartel, e da esquina de nossa casa meus filhos mais velhos “assistiram” a passagem do 31 de março e 1º de abril, o golpe de 64.

Como tantos outros jovens daquele tempo, a mitologia grega, plantada desde cedo em minha imaginação, sempre disposta a torcer pela vitória dos heróis sobre os vilões, levou-me a admirar o heroísmo da resistência francesa contra a ocupação do país e a ação do exército aliado, desembarcando na Normandia para enfrentar as forças alemãs.

Mal percebia, então, o significado mais profundo desse confronto, que na ofensiva germânica parecia desmitificar a imagem de um mundo civilizado e valorizava o domínio do poder conquistado pela força das armas, as ditaduras e a opressão.

Outro choque, este instantâneo, veio de um ainda mais longínquo país, quando a II Guerra Mundial já terminava na Europa, com a rendição alemã. Apenas o Japão ainda resistia e, no dia 6 de agosto de 1945, um B-29 dos Estados Unidos lançou sobre Hiroshima, a segunda cidade mais populosa do Japão, uma bomba atômica sarcasticamente batizada como “garotinho” (little boy), destruindo 90 por cento da cidade. Mais de 70 mil pessoas morreram imediatamente e milhares outras morreram ao longo dos dias e anos seguintes, sob os efeitos da radiação. Três dias depois, outra bomba atômica foi lançada sobre Nagasaki, com os mesmos catastróficos resultados em Hiroshima.

O Japão já derrotado militarmente se rendeu, diante dessa lógica da atrocidade, mas a consciência mundial nunca mais foi a mesma. As bombas nucleares lançadas sobre o Japão modificaram radicalmente a minha visão do

mundo. Amadureci alguns anos naqueles dias. Essa nova consciência, nascida do absurdo poder do átomo, veio apagar de uma vez por todas o mito do heroísmo bélico.

Das visões da guerra ficou reafirmado meu compromisso com a democracia, os direitos individuais, a ética, e prometi a mim mesmo que jamais usaria artifícios semelhantes, destituídos de humanidade e destrutivos, para avançar em minha vida pessoal e profissional – não faria a minha própria *guerrinha* para conquistar posições quaisquer no meio em que iria viver.

Creio haver cumprido, rigorosamente, esse propósito assumido na juventude. Jamais, em toda a vida profissional, utilizei meios escusos para usurpar posições ocupadas por companheiros de trabalho, derrotar eventuais competidores ou ganhar dinheiro. Minha evolução profissional se deu naturalmente, ao longo dos anos, enquanto observava – quase sempre à distância e com crescente desprezo – as armadilhas forjadas por ambiciosos donos do poder político ou empresarial.

Realista, não me permito sonhar com dias melhores, neste nosso tresloucado planeta e ora decadente país, que ultrapassa sete bilhões de habitantes e ainda hoje se deixa dominar por destrutivas indústrias: bélica, farmacêutica, do petróleo e agora novamente a indústria *bélica* e opressora de credos religiosos intolerantes ou violentos.

Não perco, entretanto, a esperança de que a geração dos meus bisnetos tenha a lucidez de impedir que nações mais poderosas prossigam impondo sua loucura a povos que escolhem a paz, e que jamais grupos políticos internos a nossos países possam derrotar os valores democráticos.

Como jornalista, fui até onde minhas limitações permitiam e realizei projetos e sonhos suficientes para me sentir profissionalmente realizado. E na publicidade e propaganda trabalhei ao lado dos melhores do meu tempo, entre os quais destaco Hamilton Gangana, que começou bem jovem e chegou, por seu talento e competência, à presidência da Associação Mineira de Propaganda.

No cenário geral da comunicação, vivi decepções, mas até elas me abriram outras oportunidades no campo profissional. E hoje, livre das pressões externas, encontro um inesperado prazer em atividades que preenchem meus dias e noites.

A cozinha é uma delas. Desenvolvi, sem maiores pretensões, uma habilidade que compartilho com os amigos e que faz de mim um bom cozinheiro. Sem modéstia, aplaco a fome e recebo cumprimentos de meus comensais. Em momento de mais coragem e menos lucidez publiquei mesmo dois livrinhos de receitas, dos quais tenho discreto orgulho. Um deles, “Receitas de peixes e crônicas correlatas”, editado pela Expressão e Cultura, vendeu 872 exemplares em dois dias na Bienal do Livro de São Paulo. Uma glória.

Usando crayon e tintas à base de água, também cometi algumas telas de qualidade bastante duvidosa, que a família e os amigos julgam até razoáveis, mas para as quais não vejo muito futuro. Na sala da minha casa, em Manguinhos, o teclado que me ofertaram Iracema e Artur Tozzini nunca foi apenas decorativo. Estimulado principalmente por Márcia, aprendi a brincar com os acordes e os sons, sem carecer de aplausos.

São muitas e belas as pequenas recompensas que a vida nos dá.

# Sucesso e catástrofe

*“Nunca pensei que desprender-me da rotina me importasse tão pouco”.*

Mario Benedetti, em “A Trégua”.

Escrever memórias não é apenas registrar tudo que vivemos ou imaginamos ter vivido, mas também descartar aquilo que se tornou dispensável, por já não fazer sentido recordar e muito menos reviver. Pode parecer estranho, mas é libertador – e simplifica.

Considero que o relato escrito dessa longa trajetória individual é um dever e uma dívida para com meus filhos e suas famílias, amigos e até mesmo estranhos com quem eventualmente cruzei em minha vida e que a marcaram de alguma forma. Se estas confissões omitirem um ou outro não será por desapreço, mas por fragilidade da memória, companheira tão confiável na juventude quanto suspeita na idade avançada.

Também faço votos de que este depoimento tenha alguma utilidade prática na vida daqueles que hoje se iniciam na arte e na batalha da comunicação, inseparável companheira da democracia, do saber e da liberdade.

Veículos de comunicação, jornais, rádio, TV ou os novos meios digitais trazem, a cada dia, notícias de lutas, de guerras, de desastres e de violações dos direitos e da dignidade de homens e mulheres. Mas também nos contam que milhões de pessoas estão denunciando, enfrentando e superando esses desafios, realizando muita coisa positiva para as nossas sociedades. O grande problema hoje é como as democracias podem combater o terrorismo sem perder a sua essência. Em tempos recentes, Alemanha, Inglaterra e Itália derrotaram o terrorismo *nacional*, digamos assim, e se fortaleceram, mas o risco agora vem de fora, mais uma vez em nome de alguma religião.

Claro, a democracia norte-americana sofre hoje com a tendência meio suicida de seus eleitores de escolher um maluco despreparado, mas no longo prazo os valores democráticos são e serão preservados.

Em quase oitenta anos de trabalho e de observação, tudo em volta de mim e da comunicação mudou radicalmente: os modelos de produção, as estratégias empresariais, os gostos e as expectativas do público e as estratégias de sobrevivência e crescimento das empresas. Considero-me privilegiado, por ter sido um pequeno ator e inventor, além de operário e executor dessas mudanças.

Mas, simultaneamente, mudou muito pouco em sua essência, continua sendo uma profissão que exige vocação, sacrifício e mesmo algum talento, porque, como insistem alguns, a qualidade da informação e o conteúdo continuam sendo o mais importante fator para a boa comunicação.

O fundamental não é a quantidade de tempo que devotamos ao estudo e ao trabalho, mas sim a forma como aplicamos às mudanças do nosso cotidiano aquilo que aprendemos. Sou grato à vida por haver presenciado e, eventualmente até contribuído modestamente para tais mudanças, que inseriram o Brasil na modernidade e na competição com os países mais avançados do planeta. Felizmente, as mudanças do jornalismo e da publicidade foram no sentido de contribuir para a construção de uma sociedade democrática, ao final de um longo processo e atravessando duas ditaduras, além da incompetência de governos e elites.

Com ironia e fina malícia Jorge Luis Borges confessou, já no final dos seus dias, que passou quase a vida inteira “aprendendo a ser Borges”. Sem o talento do genial escritor portenho – e após décadas de existência – ainda hoje aprendo a ser mais modestamente Rubens & Pontes.

O autor aprendiz enfrenta o ato de escrever como balanço ou relatório pessoal, a fim de compreender que anjo ou demônio foi seu companheiro em cada momento da vida, escreve mais para si do que para os seus eventuais leitores. Escritores profissionais talvez não sofram tanto. Grandes ou pequenos, felizes ou trágicos, podem até se queixar do sacrifício, mas entendem que é a sua razão de existir. Para o amador, entretanto, por mais estranha que pareça tal declaração, trata-se de uma aventura no seu próprio desconhecido.

A memória humana, por misericórdia talvez, é seletiva e traiçoeira, pois para preservar o frágil ego do portador, ela se dedica a registrar os mais belos momentos e ocultar erros e quedas, perdas e danos, as esperanças perdidas e os

desesperos, maximizar o bem, reduzir a nada o mal. Ainda assim, ou por isso mesmo, voltar no tempo pode ser uma viagem de alto risco, até mesmo para os profissionais da ficção, que mergulham alegremente no seu ego e inventam personagens e cenários que gostariam de ter conhecido.

Com a sua visceral ironia, Borges repetiu mil vezes que se orgulhava mais do que lera, ao longo da sua vida, do que daquilo que escrevera. Não sendo escritor, meu único orgulho é oferecer ao leitor um retrato, tão fiel e sincero quanto possível, de uma trajetória que me permitiu conhecer e me tornar amigo e admirador de pessoas que deixaram na terra uma herança inesquecível.

Qualquer dia é dia de eliminar medos e secar lágrimas.

Como diz o velho ditado, o problema não é quantas vezes você cai, mas quantas vezes consegue se levantar. Cada um a seu modo, nós cumprimos uma jornada existencial cujo fim tentamos ignorar ou prolongar (ainda que em outro plano, existência ou universo) a qualquer preço. Lutamos por aprovação, crescimento, oportunidades, fama e medalhas de mérito e, além da imortalidade, sonhamos até mesmo com algum tipo de plenitude e felicidade.

Alguns se apegam a uma crença religiosa, qualquer que seja ela, para imaginar que haverá vida após a vida – outra oportunidade ou uma existência idealizada os aguarda. Outros se refugiam na esperança de que a ciência desenvolva, ainda em tempo de beneficiá-los, milagrosa tecnologia que lhes assegure a vida longa ou eterna. E muitos dedicam os seus melhores anos à tarefa de conhecer, justificar ou, no mínimo, interpretar a razão de ser dessa temporada na terra. Outros vivem.

O tempo, senhor de todas as coisas, acaba por nos ensinar que é tudo ilusão e vaidade. Ao longo de décadas, vamos descobrindo que alguns relacionamentos nos ajudam a chegar mais cedo ao autoconhecimento e à nossa construção como seres humanos íntegros, enquanto outros fazem tudo para nos afastar do destino que julgamos desejável.

Simples e sem grandes sobressaltos ou vertiginosa e cheia de surpresas, a vida é uma espécie de mapa ou guia de viagens que vamos desenhando ao longo de anos e décadas, muitas vezes sem dar atenção ao que experimentamos, aprendemos e deixamos para trás. Se ignorarmos ou desprezarmos as

consequências de cada passo dessa jornada, a memória corre o risco de se tornar um depósito inútil, um simples baú, no qual depositamos, misturamos e confundimos alegrias e tristezas, vitórias e derrotas, avanços e recuos, como se fossem uma coisa só e desimportantes. Para o autor inglês de ficção Douglas Adams, o importante é jamais esquecer o cobertor e o guia do mochileiro das galáxias – mas a viagem da existência não tem roteiro.

A “tecnologia da memória humana”, por não ser ainda tão moderninha quanto as máquinas atuais, pode lançar no esquecimento atitudes, fatos e descobertas que, por um motivo ou outro, fomos levados a considerar irrelevantes. Mas, felizmente, chega o dia em que as pressões do quotidiano vão minguando, já não somos escravos do imprevisível e cada dia mais breve futuro e, pela primeira vez, o tempo deixa de ser tão escasso e nos permite revirar e organizar os guardados da nossa longa, trepidante e orgulhosa existência.

É fácil julgar as ações alheias, mas poucas vezes nos empenhamos em compreendê-las. A todo indivíduo é dada, em certo momento, a possibilidade de avaliar perdas e danos, e se resistir à raiva, julgamento ou costume de culpar alguém, o sujeito pode criar o espaço para identificar o quê ou como quer mudar. Só a compreensão desse momento nos permite chegar a uma visão mais realista da própria existência. Visão menos comprometida com o orgulho, a vaidade e o passionalismo próprios da juventude e dos primeiros tempos da maturidade.

Você pode chamar do que quiser aquela voz interna que nos manda recados de tempos em tempos: consciência, intuição, guia espiritual ou experiência de vida. Ou grilo falante. O certo é que todos nós já ouvimos um dia essa voz, que tenta nos orientar e que costumamos ignorar:

“Não entre nesse negócio, cuidado com a decisão que está tomando, pense duas vezes antes de seguir em frente”.

Devíamos pensar duas vezes, no mínimo, antes de fechar a porta a essas advertências, mas a arrogância fala mais alto e seguimos em frente, para tropeçar na primeira esquina. Às vezes, aprendemos alguma coisa com esses desastres cotidianos. Mas, de modo geral e sobretudo na juventude, optamos por desprezar avisos ou chamá-los de falta de coragem e conservadorismo – afinal, pensamos então que temos toda uma vida à frente e podemos arriscar, mas, mesmo assim

pensando, talvez pelo ímpeto da juventude. Confesso com algum pudor que mais de uma vez ignorei essa sabedoria, hoje amadurecida, pagando, às vezes bem, às vezes, mal, pela impaciência que levou às consequências.

Apenas uma visão mais realista da sua própria existência permite que o indivíduo aprenda a avaliar perdas e danos sem as ilusões, a inexperiência e a paixão próprias da juventude e dos primeiros tempos da sua maturidade. Mas mesmo na maturidade ou na velhice poucas vezes fazemos uma avaliação honesta da própria vida, mentir ou omitir um pouco para si próprio costuma ser mais fácil.

Mas outro privilégio é ainda maior que esse: a felicidade de contar com amigas, amigos e companheiros que acompanharam a sua trajetória, evoluindo como profissionais e como pessoas admiráveis. Eles nos completam e ajudam a nos definir. Somado à família, fortuna que não precisamos incluir em declarações de renda, foi esse o bem mais precioso que acumulei como profissional e cidadão. Contando com a paciência de todos, dedico a cada um deles as páginas que se seguem.

# Tempestades e galinhas em Rio Piracicaba

*“O homem põe, Deus dispõe”.*

Anônimo

Passava minhas férias de fim-de-ano na casa dos meus pais, em Rio Piracicaba.

Chovia muito naquela noite de dezembro, antevéspera do Natal, quando acordei, alta madrugada, com as batidas na porta e com meu pai atendendo a pessoa aflita que o procurava.

Vi quando meu pai saia, vestindo uma capa gaúcha como proteção da chuva e montando no cavalo que seria sua condução até um sitio que se situava a 4 léguas e distância.

Voltei a dormir e acordei com o dia já clareando quando meu pai chegava em casa. Trazia duas galinhas como pagamento pela assistência médica à paciente salva por ele.

As férias terminaram, voltei a Belo Horizonte e conclui o curso secundário no Ginásio Afonso Arinos. A decisão para cursar medicina estava tomada e sai de casa para realizar matrícula no curso pré-médico, na Faculdade de Medicina, na Alameda Ezequiel Dias.

Peguei o bonde na Rua Pouso Alegre e no percurso, até a Praça Sete de Setembro, não sei por que, veio-me com a força de um furacão a lembrança daquela noite de dezembro, em Rio Piracicaba.

Não me senti capaz de repetir aquele “sacerdótico” juramento de Hipócrates, desci do bonde, subi a Rua da Bahia no rumo da Faculdade de Direito, na Praça Afonso Arinos, e por impulso me matriculei no curso pré-jurídico de dois anos. Prestado concurso ao final do ciclo, ao fim de cinco anos me tornei bacharel

em Direito. Foi assim, com essa mudança de rumo que finalmente iria me tonaria jornalista.

À época, meu pai aplaudiu o fato e o feito.

# Direito e Liberdade

*“A cabeça dos seres humanos nem sempre está completamente de acordo com o mundo em que vivem”.*

**José Saramago**, em “*Ensaio sobre a Lucidez*”.

Ao meu tempo não se apresentavam tantas opções profissionais “respeitáveis” ou especializações daquelas tradicionais, como na atualidade – a engenharia, das tradicionais mecânica, elétrica e civil, multiplicou suas especialidades para a casa das dezenas! Qualquer vocação ou insegurança pode ser facilmente abrigada em algum curso de grau universitário e mudanças de rumo se tornaram quase uma rotina nas universidades gratuitas. Aos meus 18 anos, e como tantos companheiros de geração, cursei Direito sem muita convicção e, sobretudo, com o pressentimento de que meu futuro profissional seria o jornalismo e não as letras jurídicas. Como já era repórter do jornal “Folha de Minas”, nada mais natural do que essa quase certeza de que o meu caminho já estava escrito.

Ainda assim, vivi bons momentos e a minha dose de frustrações nas salas e corredores da Faculdade de Direito, localizada ali mesmo onde impera até hoje, na Praça Afonso Arinos, quase na Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte. Certamente, aprendi bastante e também criei e consolidei amizades que resistiram à passagem do tempo e criaram vínculos com ilustres companheiros.

Na década de 40 o exercício profissional era atividade reservada basicamente para os homens, que dominavam maciçamente todas as áreas de trabalho relevantes em Belo Horizonte, relegando às mulheres apenas a oportunidade de dar aulas às crianças e aos mais jovens e pouco mais. Essa realidade se refletia na Universidade, com um pequeno número de alunas em cada curso. Naqueles tempos, digamos, “mais masculinos”, em graduações como Medicina, Direito, Engenharia, Arquitetura e Odontologia, só uma ou outra jovem se arriscava.

Entre os 96 alunos que colaram grau na turma de 1946, na Faculdade de Direito da UFMG, só havia cinco mulheres: Laura Guedes, Hegeny José Nahas, Teresa Aroeira Brito Lima, Maria Izar Tamm Bias Fortes, esta última filha do governador do Estado, e Zilah Corrêa de Araujo, minha particular amiga que se tornaria mais tarde escritora e crítica literária muito respeitada.

Essa proporção de apenas 4%, na minha turma, só se inverteu duas décadas depois, com o avanço de conceitos mais justos de igualdade de oportunidades, grandemente facilitada, na prática, pelo advento da pílula anticoncepcional, livrando as mulheres da quase obrigação da maternidade continuada e anualmente repetida. Hoje, mais de meio século depois, testemunho que, se a sociedade está pior, não se deve ao avanço da cidadania nem da participação feminina.

Nesses novos tempos, a presença de alunas em quase todos os cursos já iguala ou supera à dos homens, inclusive em áreas que antes se pensava que seriam eternamente masculinas, como Engenharia e Ciências Exatas. Em meados do século XX as feministas eram dóceis companheiras, se comparadas às ativistas de hoje.

Apesar da violência absurda de que as mulheres ainda são vítimas, número cada vez mais relevante delas disposto a reagir, resistir e protestar – exige hoje respeito à sua integridade física e moral. E, em todos os países onde o Estado leva a sério o seu dever de proteger cidadãs e cidadãos, os covardes que ainda agridem de qualquer forma mulheres são vistos como contemporâneos dos homens das cavernas e uma espécie que deveria estar em extinção.

Não faltam políticos dispostos a explorar o contingente feminino, na esperança de conquistar o voto delas - cinquenta e um por cento do total de eleitores registrados nos tribunais eleitorais - mas esses também devem se cuidar, porque o nível de informação e de politização é cada vez melhor e elas costumam ser mais exigentes para entregar o seu voto. De outro lado, a pequena parcela de mulheres presentes nas duas casas do Congresso é indicativa: parece que mulher eleitora não vota em mulher candidata...

No livro “O segundo sexo” (publicado em 1949 e uma referência para o movimento feminista), a escritora francesa Simone de Beauvoir afirma que, até então, nenhuma mulher havia escrito uma obra de importância mundial devido à

falta de oportunidade. Para ela, assumir a condição humana significa ser autônoma e livre, pois só a liberdade permite ao ser humano realizar-se plenamente e criar algo novo na sociedade.

Já me divertia mais no exercício do jornalismo do que com as aulas na Faculdade de Direito, e assim reconheço e admito que fiz um curso sem fascínio e sem brilho, mas ainda assim interessado nas aulas de alguns mestres, como Amílcar de Castro (pai do artista, também mineiro e ainda mais talentoso), Alberto Deodato, Franzen de Lima e Francisco Brant principalmente. As aulas do professor Alberto Deodato, concorridíssimas, terminavam sempre com aplausos gerais. E ninguém perdia as aulas do professor Amílcar de Castro, inigualável mestre de Processo Civil e homem de extraordinária cultura jurídica e notável capacidade de ensinar. O professor João Franzen de Lima, o único mestre com quem mantive relações depois da formatura, era homem de grande sensibilidade e calor humano e desenvovia paralelamente ao magistério a direção da Fazenda do Rosário, criação de Helena Antipoff. Foi posteriormente prefeito de Belo Horizonte,

O diretor da Faculdade, Francisco Brant, professor de Direito Penal e portador de notória dificuldade auditiva, poderia inculpar-me por procedimento insidioso durante os exames orais, na 5<sup>a</sup> série. A banca, composta de três professores, era presidida por ele e, sorteado o ponto, o aluno era inicialmente arguido por Francisco Brant, para só depois ser sabatinado pelos outros dois. Embora conhecesse, razoavelmente, a maioria dos capítulos do Código, a sorte não ajudou: quando chegou a minha vez, o ponto sorteado não era um desses capítulos. Entretanto, sabendo da surdez do mestre, que não formulava perguntas e exigia que o aluno discorresse sobre o tema sorteado, passei a repetir o pouco que sabia e repeti temas diversos sem qualquer vínculo com o ponto sorteado.

O professor Francisco Brant bem que colocava a mão em concha na orelha, para tentar me ouvir, mas eu me afastava da mesa e mantinha distância, para que ele não percebesse minha ignorância. Só não podia calar, porque o silêncio comprovaria o meu despreparo. E os outros dois examinadores, embora perplexos, preferiram não interromper o mestre, que se deu por satisfeito e me brindou com a nota 7, suficiente para a aprovação.

Fiz e mantive poucos amigos durante o curso, basicamente aqueles com quem estudara fora da Faculdade e alguns mais, com os quais me encontrava nos bares frequentados por estudantes e jornalistas.

Entre eles, Orlando Caldelas, Jaime Silva, Denizard Felinto Aires, José Bento Teixeira de Sales, Raul Machado Horta (que mais tarde iria se casar com a filha do governador Milton Campos) e Zilah Corrêa de Araújo. São nomes e rostos que guardo, com muita ternura, ao me lembrar daqueles anos e da nossa formatura, em 1946. Passei pelo curso sem despertar alguma paixão ou vocação oculta pelo Direito, e não me tornei um advogado, exceto por um curto período, quando vivi em Governador Valadares.

Naqueles anos, nos anos que antecederam 1946, os estudantes de Belo Horizonte, particularmente os alunos da Faculdade de Direito, adotaram explícita e pública posição de confronto com a ditadura Vargas. Por isso, mais de uma vez o prédio da Faculdade, na Praça Afonso Arinos, foi cercado pela cavalaria, mobilizada para evitar que as manifestações chegassem às ruas e mesmo à sede da Prefeitura, a meros 500 metros da Faculdade.

Não me recordo quem foi o autor da ideia e onde conseguiu a nossa “arma secreta” contra esses cavalarianos, mas certo dia, cercados em frente à Faculdade, os colegas atiraram na rua dezenas de sacolas contendo rolhas de cortiça e bolinhas de gude. E aplaudimos as muitas quedas cinematográficas de cavalos e cavaleiros. Mais de 20 anos depois, nos idos de outra ditadura, a estratégia foi novamente utilizada pelos estudantes, no mesmo local e com o mesmo propósito. Foram, em ambas as ocasiões, deliciosas vitórias, mas de curta duração. Perdemos a batalha, como era de se esperar.

Entretanto, fiéis às nossas convicções, organizamos depois uma pacífica manifestação de protesto que obteve grande repercussão em todo o país: a escolha do Brigadeiro Eduardo Gomes, candidato da UDN derrotado à sucessão presidencial, para ser o paraninfo da nossa turma de formandos. Essa postura de resistência democrática da Faculdade de Direito, apoiada por muitos professores, iria se repetir quase duas décadas mais tarde, após o golpe militar de 1964, que resultou na prisão de alunos e na cassação dos direitos políticos de professores, além de repetidos embates com a polícia na mesma praça de minha experiência.

Os jovens jornalistas de hoje podem estranhar que o curso de Direito produzisse e abrigasse futuros jornalistas, mas não existiam escolas especializadas em formar os valorosos combatentes da informação. Fui, nos tempos pioneiros, presidente da primeira comissão julgadora instalada para a seleção dos professores de jornalismo, cadeira recém criada na Faculdade de Filosofia da UFMG, ali pelos idos de 1959.

Além disso, a Faculdade de Direito já conquistara a fama de reduto de intelectualidade e se tornara um núcleo formador de grandes jornalistas, como o piauiense Carlos Castello Branco, o Castelinho, o mais importante e respeitado de todos os comentaristas políticos da sua geração e até a sua morte. O escritor Fernando Sabino também passou por lá, frequentando alguns semestres antes de se mudar para o Rio e, casado com a filha do então governador Benedito Valadares, conseguir nomeação como adido cultural na embaixada do Brasil em Londres, o que ajudou no surgimento de um grande escritor.

Como em qualquer faculdade, nem todos os professores eram brilhantes, mas o talento, a formação intelectual e até a posição política de alguns contribuíam para que fôssemos mais assíduos às aulas. E, além de advogados, juristas, escritores, jornalistas e professores, a Faculdade de Direito produzia também futuros delegados de polícia.

Foi o que aconteceu com um dos colegas da turma de 1946: classificado em segundo lugar em concurso público, foi nomeado delegado de Polícia em Conselheiro Lafaiete. Íntegro, correto e inflexível em suas posições, o novo delegado impôs a ordem na cidade, onde grupos de jovens baderneiros estavam acostumados a infernizar a vida da população.

Certa madrugada, acordado pela balbúrdia, não hesitou em ordenar a prisão de rapazes que corriam pelas ruas em algazarra e disparavam tiros para o alto. Às cinco da manhã, o dia clareando, surgiu diante dele um enfurecido cidadão, exigindo a soltura do filho, um dos arruaceiros.

- Exijo que solte o meu filho e peça desculpas – ordenou o homem, habituado a dar ordens às pessoas comuns. Com a tranquilidade de quem cumprira o dever, o delegado limitou-se a sugerir ao bravo pai que deixasse o rapaz preso

por mais algum tempo, uma forma de evitar futuras arruaças e eventuais consequências mais sérias.

- O senhor sabe com quem está falando ? Exijo que solte imediatamente o meu filho – berrou o homem, cabo eleitoral do governador. O delegado ignorou o berro e a influência. Mas, em poucos minutos recebeu áspero telefonema do Secretário de Segurança, com a ordem para a libertação imediata do arruaceiro. Ainda assim, manteve o rapaz preso por mais algumas horas, o que teria preço: uma semana depois, foi transferido para Ituiutaba, uma pequena cidade do Triângulo Mineiro, bem longe da Capital.

O trecho seguinte da história foi contado pelo próprio protagonista, até então jamais cometera um único deslize de comportamento: instalado em sua nova e desimportante comarca, pediu a um subalterno que convocasse para uma conversa o chefe do jogo do bicho na cidade. Informado da severidade com que o delegado tratava os contraventores, o homem já entrou na sala com medo:

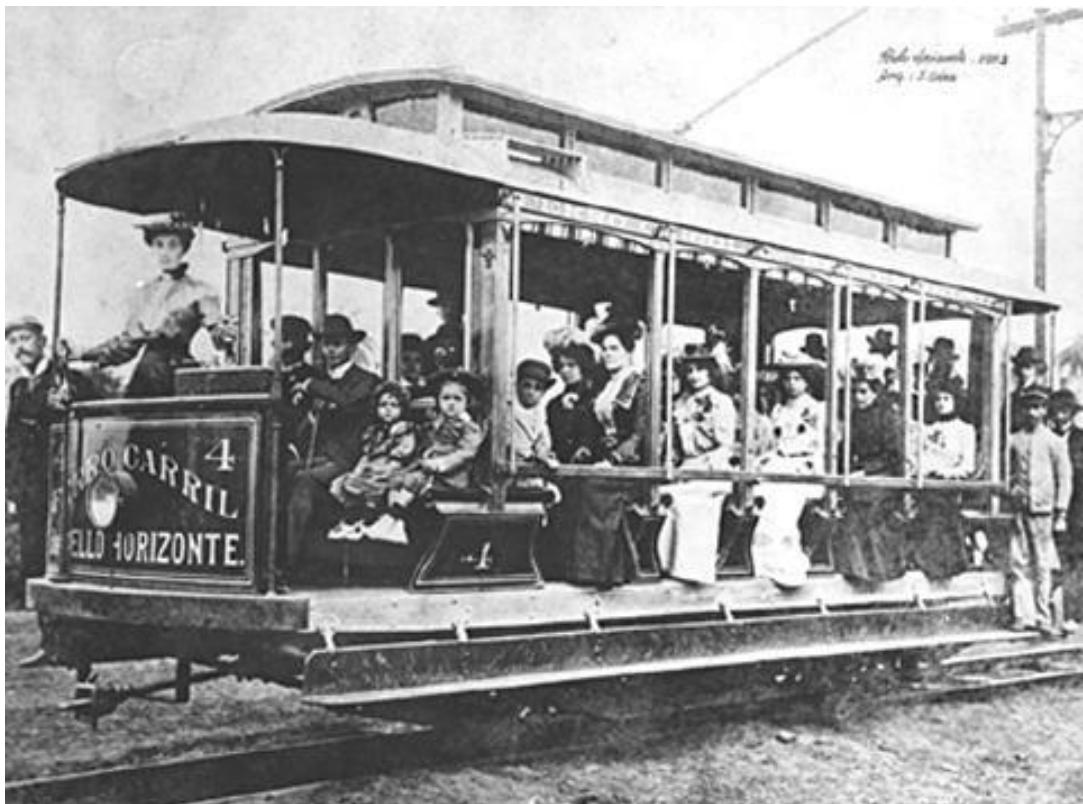
- É o senhor que comanda o jogo do bicho aqui, não é?

O homem não respondeu que sim, mas também não negou.

- Pois bem, não quero interromper o seu ofício, mas a partir de amanhã vou jogar, diariamente, dez cruzeiros na centena que será premiada.

E nada mais disse, nem lhe foi perguntado. Mas também nunca foi importunado por telefonemas de algum Secretário, sendo depois transferido para invejado posto em delegacia de bairro, em Belo Horizonte. E como todos os contraventores sabem, a lei, o direito, a ordem e a política nem sempre convivem bem.

# Belo Horizonte perdeu os bondes e parte de sua poesia...



# Um grande salto no escuro

*“O presente é um tecido não inteiramente só, onde áreas mortas continuam a existir, afetando as partes vivas. Como removê-las?”*  
Osman Lins, em “Nove, Novena”.

Costuma-se dizer que jornalistas são ou tendem a ser indivíduos curiosos, com um quê de aventureiros, desejosos por novos desafios, e isto é bem mais do que um clichê, é uma característica muito frequente entre nós. Em meados do já distante século XX novos desafios profissionais eram representados pelas mudanças decorrentes do surgimento das emissoras de TV e pela gradual profissionalização das atividades de publicidade e propaganda – estas últimas, aliás, terminaram por atrair alguns dos melhores profissionais da imprensa mineira, inclusive pelo nível de profissionalização e remuneração que ofereciam. De forma um pouco semelhante à atração de alguns dos melhores quadros do jornalismo quando da explosão das novas mídias digitais.

Antes da profissionalização da publicidade, com o advento das agências locais, nacionais ou internacionais de propaganda, os fortes jornais *Estado de Minas* e *Diário da Tarde* dominavam um mercado publicitário mineiro bastante amador e praticamente sem concorrência. Na época, sem agências, alguma coisa como 90 por cento da matéria comercial paga era encaminhada por corretores autônomos autorizados, destacando-se entre eles os irmãos Lamas (Theodolino, Jair e Wilson) e Antônio Gonçalves, este o intermediário das ações de propaganda da inesquecível Perfumaria Lourdes.

Na virada dos anos 50 existiam já em Belo Horizonte duas agências pioneiras: a Starligth Publicidade, de Orlando Junqueira, e a empresa de Danilo Vale, esta dedicada principalmente ao cinema de rua, com projeções patrocinadas por anunciantes. Algumas das maiores empresas de varejo tinham o seu próprio departamento de publicidade, enquanto outras já trabalhavam com as atividades terceirizadas - na Bemoreira, por exemplo, o comandante da *house* era Huascar

Terra Rodrigues do Vale, mas a sua concorrente, a Ingleza-Levy, já era atendida pela Starligth. A ASA. de Edgard Melo e Helio Faria, revolucionou o marketing da época, produzindo peças publicitárias para o lançamento da maior loja de eletro domésticos da Cidade, o PEPS, e ganhando com seu trabalho prêmio nacional cobiçado por todas as grandes agências brasileiras.

Mas, bem antes disso, os profissionais mineiros estavam limitados a redigir textos para o ambiente local, regionalizando as peças, pois os anúncios de âmbito nacional eram produzidos pela matriz das grandes agências, basicamente norte-americanas, como McCan Erikson, Standard e Denison. Como ainda hoje, eventualmente eram apenas *nacionalizadas* as peças criadas e produzidas nos Estados Unidos.

Mais tarde, no início da década de 1960, a competição entre agências de publicidade iria se tornar uma prática comum no comércio varejista de Belo Horizonte. Nesse período, a conta da Casa Guanabara, de Adriano Vaz de Carvalho, passou da multinacional McCann para a filial da brasileira Denison. A rede da Drogaria Araújo, tradicional e importante grupo local, passou a ser atendida pela Alpha Publicidade, agencia genuinamente mineira e belorizontina.

Algumas agências merecem destaque por sua atuação, como a Denison, gerenciada por Hercílio da Luz Malburg, que já reunia em Belo Horizonte profissionais que iriam alcançar expressão nacional, como Celso Japiaçu e José Alberto da Fonseca. A Norton, com José De Mingo, veio pouco depois, passando a atender as lojas da Bemoreira. Com duas emissoras locais de TV, e uma terceira em vias de ser inaugurada, a cidade despertara o interesse das grandes agências brasileiras e multinacionais.

A McCann Erikson, por exemplo, dirigida por Edgard Melo e seu parceiro Hélio Faria (avaliado sem nenhuma objeção como o melhor diretor de arte de todos os tempos em Belo Horizonte), já patrocinava o Repórter Esso, na TV Itacolomi. Tempos depois, Edgard e Hélio Faria iriam a deixar a multinacional para criar a ASA Criação de Publicidade, por bom tempo uma das maiores e mais importantes agências de Minas Gerais.

Outros publicitários mineiros, muitos deles com experiência anterior no jornalismo e nas emissoras de rádio, rapidamente se equiparam aos melhores

profissionais do Rio, São Paulo, Porto Alegre e outras capitais. Simão Lacerda, Walter Andrade, Márcio Rubens Prado, Afonso Barroso, Paulo Venâncio, Mário Veras, Newton Silva, Alberto Cunha, Renato Bergo, Orlando Junqueira, Almir Sales, Carlos Monteiro, Jeová Amaral, Marco Aurélio Matos, o poliglota Mário Gilberto Xavier d'Alcântara, Ramon Lago que iria atuar na BBC, em Londres, são apenas alguns dos profissionais que, ao longo dos anos, ganharam destaque no cenário mineiro e nacional.

No início deste processo a função de redator de publicidade ainda era pouco valorizada pelos jornalistas, que a consideravam uma atividade menor e, por isso, rejeitada pela maioria dos homens da redação, mas ainda assim aceitei quando Clementino Viana Dotti indicou o meu nome ao chefe de publicidade dos Diários Associados, José Vaz.

Ainda como jornalista, havia redigido o primeiro comercial ao vivo exibido em Belo Horizonte: a propaganda dos Charutos Suerdik, cliente da pioneira Starlight, de Orlando Junqueira. Não me dei conta naquele momento de que eu era um pioneiro, para mim foi apenas mais um *frila* realizado, decorrência dos baixos salários de jornalistas...

Certas ideias usadas na publicidade parecem ridículamente simples, mas produzem mudanças incríveis. Gosto de lembrar uma delas, que desenvolvi para um comerciante de móveis usados que, por falta de resultados, ameaçava suspender sua publicidade no “Estado de Minas”. Convenci o empresário-anunciante a mudar duas palavras em seus anúncios: de móveis usados para **móveis seminovos**. O resultado foi tão surpreendente – também para mim - que desde então essa abordagem foi definitivamente incorporada à venda de tudo o que já foi usado, desde roupas e móveis até automóveis. Não tenho ideia se a mesma “descoberta” aconteceu em outros lugares.

O bom publicitário é uma soma de conhecimentos, inteligência, feeling, disposição de correr riscos e vasta experiência no mundo real dos negócios. Criatividade nunca faz mal, também. Ao longo dos anos, agências altamente profissionalizadas foram se instalando com sucesso, em Belo Horizonte e em outros Estados. Uma delas foi a Setembro, de Almir Salles, que anos depois

assumiria a área de comunicação da vitoriosa campanha de Fernando Collor à Presidência da República.

Hamilton Gangana, em trajetória parecida com a minha, jovem ascensorista no prédio onde funcionava uma agência, trocou esse trabalho pela Rádio Guarani, onde assimilou rapidamente o que havia a aprender ali, e conseguiu, não muito tempo depois, criar a sua própria empresa, a Hoje Publicidade. Além de se tornar um dos profissionais mais conceituados de Minas, chegou à presidência da Associação Mineira de Propaganda.

Geraldo Holmann, que iniciou seu aprendizado na propaganda “por osmose”, servindo café aos visitantes da ASA, também teve carreira de sucesso e criou sua própria agência, a Holmann Publicidade. Inquieto, andou pelo Japão atendendo a interesses dos seus clientes e, anos depois, para surpresa dos amigos, repentinamente encerrou as atividades da sua empresa e foi viver no místico Vale do Amanhecer, uma espécie de Canudos que a clarividente Tia Neiva plantou em Planaltina, perto de Brasília. O Vale ainda existe, mesmo com a morte de sua fundadora, com a mesma proposta mística e pode ser visitado.

Arrojado e eficiente, Álvaro Costa Rezende, de excelente operador de câmera da TV Itacolomi, transferiu-se para a área comercial e terminou por me substituir como diretor comercial da emissora, criando posteriormente uma agência de publicidade, com atuação inclusive fora de Minas Gerais.

# Um coleguinha de redação



# Foca sim, mas com sorte

*“Sorte é quando a preparação encontra  
a oportunidade”.*

*L. Ribeiro*

Comecei a trabalhar na Folha de Minas como “foca”, um treinamento imposto aos novatos antes de sua admissão como repórter.

O período era de turbulência em Belo Horizonte, com uma greve de bondes que parou a cidade e criou sérios problemas para o comércio e para a vida de uma população que, sem seu único meio de transporte, ficava ilhada em suas casas.

Todas as equipes dos jornais – Folha de Minas, Estado de Minas, Diário da Tarde e O Diário, estavam mobilizadas na cobertura da greve, o acontecimento do ano.

Designado para acompanhar os experimentados repórteres do jornal, como forma de aprendizado, com eles fui, à noite, até a porta da Companhia Força e Luz, concessionária dos serviços de bondes, na Avenida Afonso Pena quase esquina de rua da Bahia, poucas centenas de metros da sede do jornal. Haveria, ali, uma reunião de uma comissão representativa dos grevistas com os dirigentes da Companhia, mas o encontro era vedado à imprensa e às pessoas estranhas ao meio. Eu não sabia dessa determinação, e quando o grupo de grevistas entrou no prédio, eu os acompanhei: foca no ofício, não tinha cara de jornalista, não tinha roupa de jornalista, não parecia jornalista e ninguém me barrou. Mas, foca também é ser humano, ou melhor, também é jornalista.

Assisti as discussões que se prolongaram até às 11 horas da noite e seu desfecho com o acordo assinado: a greve seria suspensa ao meio dia do dia seguinte, mas o anúncio da decisão somente seria divulgado depois da reunião da comissão com a classe dos motorneiros e cobradores que seria realizada às 9 horas da manhã, na sede do sindicato.

De um telefone, no local da reunião, liguei para a redação e, ao dizer o que havia presenciado, recebi instruções para nada comentar e ir direto para o jornal.

Até o diretor Gualter Gontijo Maciel, com o secretário de redação, Jair Rebelo Horta, me aguardava, ansioso. José Calazans Filho, redator de plantão, ouviu as informações eu levava, de memória, bateu a matéria e “Folha de Minas” circulou às 5 horas da manhã noticiando o fim da greve. Um retumbante “furo” jornalístico, principalmente no “Estado de Minas”, o jornal de maior circulação da cidade.

Na semana seguinte, minha carteira profissional foi assinada.

Passei a ser repórter, com um salário mensal que me permitiu mudar para uma pensão melhor, nas proximidades do jornal e da Faculdade de Direito, onde eu estudava, na Praça Afonso Arinos. O almoço melhorou.

# Nosso uber no jornalismo do pós guerra



Foto de Fernando Lopes

# O doce sabor da juventude

*“Diziam que os dias de jornalismo eram contados em triplo na vida de um homem”*

**Mauro Mendes Souza**, em “Macuco, Perdiz e Zabelê”

O registro número 151 no Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, datado de 20 de março de 1946 formaliza o meu ingresso nesta desafiante profissão e me ajuda a recordar o tempo da “Folha de Minas”, meu primeiro trabalho como profissional da imprensa, inicialmente como repórter e, em seguida, redator e secretário do jornal.

Na etapa seguinte passei a redator e secretário do “Diário de Minas”, atuando depois como diretor dos jornais “O Triângulo”, em Uberaba, e de “A Voz do Rio Doce”, em Governador Valadares. E, muitos anos depois, dirigi a Agencia Planalto de Notícias e a TV E, ambas em Brasília.

Em Belo Horizonte, exercei a superintendência das emissoras de rádio “Guarani” e “Mineira”, saltando em seguida, em 1954, para o desafio da televisão, como redator, produtor, supervisor de programação, diretor comercial e diretor geral da TV Itacolomi, a primeira emissora implantada em Minas por iniciativa de Assis Chateaubriand, o grande pioneiro.

No campo da TV fui ainda diretor comercial da TV Vila Rica (Bandeirante) e da TV Belo Horizonte, esta última já associada à Rede Globo, de onde assisti e noticiei – o que podia – do golpe militar de 1964. Pela posição política de seus donos, a TV Belo Horizonte foi uma espécie de “inimigo público número 1” dos opositores ao golpe, o que era uma bobagem, não necessariamente os funcionários tinham os mesmos valores políticos que os donos – ou dono. Durante algum tempo, no final da década de 1990, fui também consultor da presidência da TV Educativa - TVE, no Rio de Janeiro, e posteriormente dirigente da emissora, em Brasília.

Mas, como enfatizado, militei principalmente nas hostes da propaganda, território minado, tendo sido Superintendente Comercial dos Diários e Emissoras Associados de Belo Horizonte (jornais “Estado de Minas” e “Diário da Tarde”, rádios “Guarani” e “Mineira” e TV Itacolomi), redator sênior da MPM Propaganda, contato da ASA – Criação de Publicidade, em BH, e diretor do Grupo 6, Propaganda e Marketing, em Vitória, esta já em outra fase da vida.

O leitor que desconhece a intensa mobilidade dos profissionais dessas áreas, certamente irá estranhar que ainda tenha sobrado tempo e disposição para ser assessor de Imprensa do Comando da 4<sup>a</sup>. Região Militar, em Belo Horizonte, com o general Carlos Guedes, uma das principais lideranças do golpe militar de 64. Mas, neste caso não foi opcional, tendo sido convocado sem qualquer resquício de vocação e sem muita chance de recusar, tendo saído do obrigatório serviço militar como segundo tenente da reserva. Os companheiros de imprensa me deram amplo apoio para o cumprimento do trabalho.

Além disso, nas horas mais ou menos vagas, tive fôlego para editar, com Cid Rebelo Horta, a revista “Vida Industrial,” da FIEMG, e com Orlando Junqueira a premiada revista do Distrito L 11 do Lion’s Clube, e exercer atividades classistas, como diretor do Sindicato dos Jornalistas de Minas e da Associação Mineira de Propaganda.

Vida longa implica em longo currículo profissional (e variado, no meu caso) ou implica em vida tediosa. Por isso ainda foi possível registrar no meu *resumé* o trabalho no Grupo Gilberto Huber (editoras Páginas Amarelas, Esplanada e Expressão e Cultura, atuantes em Minas, Brasília, Rio e São Paulo). A mais conhecida delas, Páginas Amarelas, editava dezenas de listas comerciais, imprescindíveis antes das ferramentas de busca – meus bisnetos vivem em um mundo digital, mas meus filhos folhearam durante décadas os catálogos com listas de endereços, nomes e telefones de lojas e de profissionais, virando página a página... Fui Gerente de Relações Públicas em Belo Horizonte e superintendente de Comunicação Social do Grupo em Brasília, na época responsável pelas editoras.

Exerci, posteriormente, a função de gerente regional da ACI, Assessoria de Comunicação Integrada, empresa sediada no Rio de Janeiro e dirigida por dois expoentes e pioneiros da área no Brasil, Ney Peixoto do Vale e Arides Visconti.

Meu setor de trabalho cobria Belo Horizonte, Vitória, Campo Grande, Cuiabá e Brasília.

# Quando quase tudo começou...



# Tempos heroicos?

“A vida é luta renhida”

Gonçalves Dias – Canção do Tamoio

A ideia de vivermos tempos heroicos repete-se a cada meia dúzia de décadas, certamente porque gostaríamos de ter feito alguma coisa realmente singular, digna de ser celebrada e lembrada por milênios nas canções dos bardos. Assim como todas as gerações param para relembrar como a vida era boa em algum tempo ido, *the golden days...*

Mas pergunte a uma jornalista hoje, mesmo com a sua dupla ou tripla jornada, se ela gostaria de voltar ao tempo em que militava nas redações e as esposas cuidavam dos filhos, trabalhando apenas em casa, engomando roupas, lavando saias duplas e triplas na mão ou utilizando um ferro de mais de dois quilos, esquentado pelo calor de brasas para desamassar o único terno de linho S120 do marido jornalista...

Melhor vivermos cada um o próprio tempo, ainda que o meu tempo venha se prolongando bastante, felizmente.

Vivia já há algum tempo em Belo Horizonte, nas pensões que antecederam as repúblicas de estudantes, começando a Faculdade de Direito, quando meu pai veio a falecer. Médico típico do interior de Minas, mais recebia em galinhas e bênçãos do que em contos de réis, e assim precisei procurar um emprego para me manter na cidade e na faculdade.

Fui então convidado por um dileto amigo de meu tio José Pontes, Jair Rabelo Horta, advogado e jornalista, para trabalhar como repórter na Folha de Minas, então um jornal bastante relevante na cidade. Pouco pagava, mas gerava algum prestígio, certamente.

Algumas características da redação dos anos 1940 – 1950 se mantiveram até hoje, como alguma razoável especialização dos jornalistas, em áreas como Prefeitura, Polícia, Esporte e Sociedade – além da indefectível Geral, por onde normalmente se começava. Tive assim a minha dose de delegacias de polícia,

desastres, coletivas de autoridades municipais e estaduais e algumas missões especiais, normalmente ligadas à política e ao Poder.

E também já existia alguma espécie de secretaria de imprensa, um assessor da autoridade que, como quase todos, tinha dois empregos, um deles em órgão de imprensa. Eu próprio não cheguei a exercer este duplo papel, e meu segundo emprego foi mais lecionar e correr atrás dos frilas que jornalistas amam e odeiam – até hoje!

Tenho boas lembranças da máquina Remington que dividia com os companheiros de redação, apenas os medalhões tinham máquinas “exclusivas”. O secretário de Redação era quem usualmente se encarregava de marcar as entrevistas mais importantes para a edição planejada pelos editores e por ele na reunião de pauta, designando depois quem seria encarregado de cada uma. Estar em boas graças com ele ajudava a pegas as “especiais”, que poderiam gerar aumentos ou prêmios.

Tentarei recordar algumas de minhas aventuras nestes tempos ditos heroicos para o jornalismo.

Outra coisa não mudou: jornalistas continuam gostando da noite e de longas conversas onde salvamos a humanidade – ou pelo menos o país – em mesas de bar.

Bares, ainda existem, nós  
viramos apenas fotografia nas  
paredes. Mas como dói !



# Uma viagem no tempo

*“E sabe o que é mais fantástico?  
A viagem no tempo provavelmente é possível”*

**Adam Clark Estes**

Nos últimos anos a redução do mercado de trabalho para o exercício profissional tem sido um tema constante nas conversas entre jornalistas, que seriam vítimas de uma crise dupla: de um lado, a crise econômica que espanta anunciantes e reduz assinantes, de outro a pressão das mudanças tecnológicas e o crescimento das mídias digitais, principalmente com blogs e sítios editados por pessoas sem a nossa formação técnica e a visão e as obrigações éticas do jornalista.

Mas, uma viagem para trás no tempo nos levaria a uma realidade ainda mais dura e a um mercado ainda mais restrito, naqueles anos em que uma tímida democracia nos anos 40 e 50 parecia aumentar a importância dos jornais. As redações dos então principais jornais mineiros, que circulavam com poucas páginas, Estado de Minas, Diário da Tarde, Folha de Minas e O Diário, eram compostas por reduzido número de profissionais, mal remunerados e obrigados a uma segunda atividade, muitas vezes no Governo. A soma de todos os envolvidos na edição de cada um daqueles diários - editorialistas, reportagem geral, repórteres de setor, fotógrafos, seção de esportes e de polícia, noticiário internacional etc. – era inferior a meia centena de profissionais, nem se aproximando do número de pessoas que produzem um jornal diário relevante, mesmo fora do circuito Brasília – Rio de Janeiro – São Paulo.

Escolha, hoje, qualquer jornal importante que circule em uma cidade como Belo Horizonte e selecione uma das editorias mais relevantes em termos de leitores, de esportes, por exemplo. Quase certamente atuam hoje na editoria de esportes mais profissionais que nas três redações dos jornais que mencionei em relação ao meu tempo de repórter ou editor. Também o número de páginas era bem menor que o dos grandes jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo – em relação aos jornais

de hoje, a diferença seria ainda maior - e as condições de trabalho não podiam ser mais precárias.

Naquele tempo, os repórteres se locomoviam a pé ou de bonde, ninguém tinha um automóvel particular, muito menos jornalistas mal remunerados, e os carros de reportagem ainda estavam em um futuro distante. Nem ônibus havia para todas as regiões da cidade. Claro, internet e celulares nem mesmo em algum eventual filme de ficção científica (o filme *A Guerra dos Mundos* foi lançado em 1953, e a tecnologia de ponta eram os “raios elétricos” como arma dos marcianos), e ainda não existiam sequer “orelhões”. Nas reportagens anotavam-se à mão os aspectos mais relevantes de cada fato ou declaração e cada um tratava de correr de volta às redações, para que um redator “arrumasse” o texto, datilografasse tudo e o secretário de redação desse o título mais adequado a cada matéria. E, quando não havia máquinas disponíveis, fato bastante comum na época, tudo era escrito à mão mesmo e assim seguia para a composição.

Hoje, existem muito mais tecnologia e recursos, mas algo não mudou: a mesma cobrança implacável de editores e o mesmo caos no fechamento, o que faz parte da nossa alma. E, apesar de celulares, *tablets* e *notebooks*, continuamos, os jornalistas, a portar um bloco e uma caneta. Vícios de origem ou a genética da profissão – deve existir um gen qualquer comum aos jornalistas em nosso DNA !

É verdade que a população de Belo Horizonte, nos anos 50, não passava de 350 mil habitantes e mais de 50 por cento dela vivia nos dois únicos bairros localizados além dos limites da Avenida do Contorno: Floresta e Santa Tereza. E também é verdade que os jornais circulavam com número bem menor de páginas, mas ainda assim publicavam, dia após dia, todas as informações mais relevantes sobre o que acontecia na cidade, no país e no planeta e gradativamente a sua credibilidade junto à sociedade crescia, em paralelo à profissionalização.

Em meados da década de 50 havia em Belo Horizonte, atuando na imprensa, incluídas todas as redações de jornal, cerca de 100 profissionais. E assim todos se conheciam, eram amigos ou, no mínimo, frequentavam os mesmos lugares – não havia tantos “lugares” a se frequentar, assim nos víamos principalmente nos bares, noite afora. Os repórteres que atuavam na área de polícia, liderados por José Emilio Diniz Maciel (depois médico de renome no

Paraná), da “Folha”, chegaram a se congregar em uma espécie de sindicato só deles, para evitar que ocorressem “furos” no noticiário de cada dia, o que poderia atrapalhar a convivência.

Um dos setores mais penosos, na época, era o do noticiário internacional e fui responsável por essa área, com a função jocosamente intitulada de “secretário de oficina”. Em meio ao ruído infernal das linotipos alimentadas a chumbo e das pesadas rotativas alemãs, um datilógrafo, em uma pequena sala nada isolada do barulho e usando fones de ouvido, recebia e tinha que datilografar – com a necessária insana velocidade – o noticiário ditado por alguém a partir da sucursal no Rio de Janeiro. Nesse cenário, o jornalista de hoje perguntaria, imediatamente: onde estão os computadores? Mas sequer esta mágica palavra existia naquela época, nem mesmo em Los Alamos, no centro de pesquisas avançadas do exército americano (onde detonaram a primeira bomba A), quanto mais o equipamento. O primeiro computador, denominado ENIAC, surgiu em laboratório do Exército norte americano em 1943, aproximadamente, e pesando seis toneladas.

O papel do secretário era selecionar as matérias, dar-lhes redação apropriada na nossa cheia-de-segredos linguagem jornalística, criar os títulos e distribuir tudo na primeira página, com destaque para as notícias que julgasse mais importantes. Por isso, o sonho de todo responsável pelo noticiário internacional era voltar à redação e colher notícias da cidade, saindo daquela verdadeira e insalubre solitária.

Só consegui isso um ano depois, quando pude retornar a uma vida mais ou menos normal, acompanhar os companheiros nos restaurantes da madrugada, frequentar as sessões de cinema e namorar de mãos dadas no Parque Municipal.

Eventualmente, abria espaços na primeira página para a publicação de editoriais vindos da direção do jornal. A partir daí, as páginas, com seus respectivos textos, eram encaminhadas ao chefe da oficina, que as distribuía entre os linotipistas. E estes copiavam, em metal fundido, os textos vindos da redação. Os blocos de metal, presos em seguida a uma chapa, reproduziam o chamado “espelho da página” que iria ser impressa.

As chapas com o noticiário eram então aplicadas a uma espécie de papelão grosso, chamado *flan*. A partir daí, depois de uma revisão final, eram finalmente

produzidas as “telhas” em metal, uma a uma, e instaladas na imensa rotativa, para a impressão do produto final, o jornal do dia que normalmente já estava amanhecendo. Na época, essas atividades começavam por volta das 22 horas e terminavam por volta das cinco da manhã, de segunda a sábado.

E, ao final de cada noite, os linotipistas recebiam um latão de leite, cortesia da Itambé, a mais importante cooperativa de produtos lácteos da época. “Leite? Pra que leite?” – perguntarão os jornalistas e leitores digitais de hoje. Leite, caros rapazes e moças, era o antídoto então utilizado contra os riscos causados pela exposição ao chumbo líquido e o antimônio que os trabalhadores da oficina respiravam durante toda a noite, seis vezes por semana.

Mesmo assim, não era incomum o linotipista se aposentar ainda jovem, como portador de tuberculose e outros males do pulmão. Mas, apesar de tudo, esses profissionais da oficina, assim como repórteres e editores, eram todos declaradamente apaixonados pelo que faziam, muito mais do que com o emprego ou a carreira. Encerrado o trabalho da redação, já na madrugada, quase todos tínhamos os nossos pontos favoritos onde mergulhar de *copo* e alma, para enxugar o suor de cada dia, o que era praticamente uma obrigação profissional!

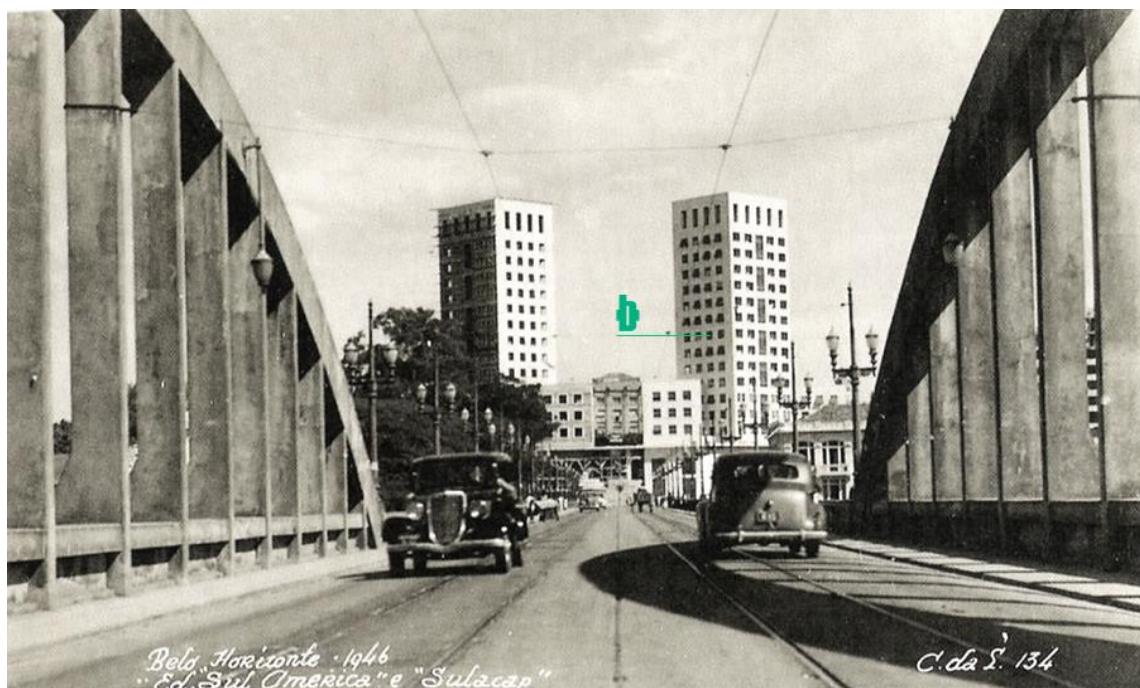
O pessoal da Folha de Minas se reunia no Café Polo Norte, na Avenida Afonso Pena, e somente depois de ler o jornal já impresso nos sentíamos autorizados a ir para casa. Outros locais de encontro da turma de jornalistas, durante a madrugada, eram o Restaurante da Cidade, na Rua Goiás, para a “ceia dos jornalistas” e a Gruta Metrópole, mais ou menos dominada pela turma dos Diários Associados, na rua da Bahia – esta, ainda existe, mas perdeu o charme e não criou verdadeira tradição. O Mercado Municipal com seus botecos e o Restaurante do Tavares, ali perto, o primeiro sempre o mesmo e o Tavares uma lembrança, são registros para sempre.

No tempo em que trabalhei na TV Itacolomi, nosso ponto de encontro preferido com os companheiros era o Bar Tip-Top, dirigido por uma matrona alemã, na Rua Espírito Santo ao lado do Edifício Acaíaca, sede da emissora. Bastava sentar à mesa e nem precisava pedir, salsichão e chope eram de lei e logo compareciam na bandeja do garçom, o soridente Luizinho...

Havia ainda um grupo mais boêmio do que a nossa boa média de então, que esticava a madrugada até além do amanhecer e às vezes fazia ponto também no Copo Sujo ou no Encouraçado Botequim, ambos também no centro da cidade. Já os repórteres de esportes preferiam os bares e botecos do bairro de Santa Teresa, como o Bar do Orlando, que já está beirando hoje o seu primeiro centenário servindo a mesma receita de deliciosa moela.

Anos mais tarde, depois de cruzarmos os quarenta da meia idade, passamos quase todos nós a buscar na “Janela da Saudade”, ouvindo a voz doce e aconchegante de Gilberto Santana, o relaxamento descompromissado depois do dia de intenso trabalho.

# Viaduto de Santa Teresa, passagem obrigatória naquela Belo Horizonte



1946

# Avenida Afonso Pena vista da Rodoviária - Ano 1930



# Praça Sete - Ano 1940



# Rua da Bahia - Ano 1948



# O cavaleiro andante

*“Sempre tô de pé pro que der e vier,  
vou do jeito que der”.*  
**Gabriel, o Pensador**

Otávio Frias Filho, diretor de redação do jornal Folha de S. Paulo, confessa em um belo texto que, ainda jovem, quis ser cientista, cirurgião, astronauta e arqueólogo. Tentou também ser advogado e professor, mas foi no jornalismo que encontrou sua paixão, destino e vocação de ser “um verdadeiro ignorante... mas ignorante curioso, que sempre quer saber mais sobre tudo”.

Há ironia e verdade nesse texto, que não exalta e nem diminui o papel do jornalista na sociedade. Uns queriam ser pilotos da Força Aérea, outros mergulharam fundo na atividade publicitária e, no passado, por engano, muitos entraram nas faculdades de Medicina, Arquitetura, Engenharia e, principalmente, de Direito. Queriam voar, curar pessoas, desenhar cidades, construir um novo mundo ou defender a liberdade dos cidadãos diante do Estado. Convencidos ou não da sua incapacidade de voar tão alto, tornaram-se todos testemunhas, personagens e relatores de histórias de outros seres tão comuns quanto eles, e que assim mesmo podem ser pessoas extraordinárias.

Uns se corromperam, em troca de uma fatia mínima de poder ou um ganho fácil eventual – mas até estas oportunidades eram pequenas, não existia o generoso dinheiro sujo de hoje, de campanhas, construtoras e governos. Outros encontraram na irreverência (e até no cinismo), um látego para castigar os incompetentes, os tolos ou a bandidagem organizada que, de tempos em tempos, conquista o poder.

Houve ainda aqueles que mergulharam diretamente na política, para o bem ou para o mal, dependendo da sua inclinação para o poder absoluto, ditatorial, como Carlos Lacerda, no Rio, para a defesa incansável da democracia, como Mário Martins ou na busca da utópica revolução, como Fernando Gabeira.

Os mais felizes ou mais infelizes, conforme o ângulo que escolhermos, entregaram-se de corpo inteiro à literatura, talvez porque a verdade nua e crua de cada dia fosse, para eles, venenosa e fatal.

Enquanto médicos, engenheiros, advogados, cientistas, escritores e pilotos da FAB trabalham com materiais e resultados palpáveis, concretos, o jornalista mergulha a cada dia no imponderável, no efêmero e na morte anunciada do seu desejo de verdade absoluta. A verdade que não existe, inteira, em lugar nenhum, sobre a qual podemos apenas e pobemente redigir uma versão.

Os outros humanos podem decidir se acreditam ou desconfiam do jornalista. Se o respeitam por buscar a verdade ou o encarceram por ser fiel à realidade que descreve. Diante dele, o outro se sente o outro, porque esse escravo do real vive de revelar também o que existe de pior nos humanos.

Cavaleiro andante sem lança, sem espada e sem montaria segura, o jornalista está sempre sujeito a cair do cavalo, como combatente solitário de uma causa muitas vezes perdida: a causa da liberdade, da felicidade e da eliminação de todas as formas de engano, exploração e domínio que os seres humanos utilizam para desumanizar os demais.

Por isso, se você mergulhar fundo na alma do jornalista (caso ainda haja lá qualquer coisa parecida com alma), encontrará – além das palavras, das crenças e efêmero contentamento do diário por cumprir cada missão – um desejo de salvação que não depende dos deuses e nem dos humanos.

Como diz Otávio Frias Filho, somos os mais tenazes ignorantes. Sabemos pouco, bem pouco, de muitas coisas. E, na melhor das hipóteses, conseguimos contar histórias de humanos, de bichos e de flores. Escrever histórias, na forma de notícia, é nossa missão no mundo.

E ninguém – mulher, homem ou criança – é obrigado a acreditar nelas ou a desmenti-las.

# Era uma metrópole...



# “Tempo bom em Belo Horizonte”

*“Estamos atravessando uma forte tempestade, mas em Belo Horizonte o tempo é bom”.*

Jornalista e escritor Roberto Drummond, em  
“A morte de D. J. em Paris”.

Apesar do romantismo que ainda cerca a profissão, o jornalismo, no mundo e no Brasil, nunca foi brincadeira de criança ou de jovens sonhadores e nem uma alegre jornada aventureira mundo afora, um bando de Indiana Jones vivendo e escrevendo sobre aventuras em locais perigosos ou cheios de charme. É profissão desafiante, que escraviza emocionalmente seus apaixonados e vicia seus praticantes, e pode ser muito perigosa. Os jornalistas mais experientes sempre têm mil estórias para contar.

Não faz muito tempo, o jornalista mineiro Symphônio Veiga publicou, com o estranho e esperto título “Escrachados e execrados”, a crônica de um fato acontecido no período anterior à Revolução, ou seja, antes do golpe militar de 1964. Por amável autorização do autor e amigo, o texto é reproduzido aqui para comprovar que a polícia mineira já estava de olho, há muitos anos, em ativistas políticos que tentassem ir além dos partidos políticos tradicionais: PSD, UDN, PTB, PR, PDC e outros. Além disso, o texto demonstra que já existia, na época, alguma cumplicidade de parte das empresas jornalísticas com as autoridades policiais, o que é sempre lamentável, quando se trata de impedir que os cidadãos discutam livremente suas opções políticas.

Vamos aos fatos, narrados por Symphônio Veiga:

No passado, era comum e quase unânime a postura desrespeitosa - e até cruel - dos jornais diários de Belo Horizonte em relação à ação de ativistas políticos de esquerda.

Na noite de 30 de dezembro de 1952, intelectuais, empresários e sindicalistas, entre eles Armando Ziller, Luís Bicalho, Sebastião Nery, coronel Olímpio, Aluísio Ordóñez, reuniram-se num prédio da rua Carijós, no centro de Belo Horizonte, para criar o que se chamou modestamente de “Movimento Mundial da Paz”. A polícia chegou de surpresa e escrachou todo mundo. No dia seguinte, os jornais publicavam manchetes execrando os ativistas:

*“Desmantelada pela polícia uma reunião comunista. Efetuadas numerosas prisões e apreendido farto material de propaganda vermelha”* (Estado de Minas)

*“Comunistas surpreendidos quando tramavam planos de ação”* (Diário de Minas)

*“Preso ontem em BH um redator do Diário (católico) entre os subversivos do credo vermelho”* (Tribuna de Minas).

*“Autoridades prendem e autuam 40 elementos da malta comunista em ação”* (Diário da Tarde)

O redator do Diário preso era Sebastião Nery, 20 anos, ex-seminarista, implacavelmente perseguido pelo jornal Tribuna de Minas, que também não dava trégua ao líder católico José Mendonça, redator-chefe de O Diário e presidente do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais.

“Confirmam-se as acusações da Tribuna de Minas sobre as ligações do sr. José Mendonça com elementos comunistas. Um dos presos é o jornalista Sebastião Nery, redator do jornal católico, que carregava um cartaz com o retrato de Prestes”.

Na reunião encerrada pelos agentes policiais havia pessoas de várias classes, até um militar, Olímpio, coronel reformado do Exército brasileiro, que aproveitou a confusão provocada pela chegada da polícia para sumir discretamente. Dias depois, já solto, o jornalista Sebastião Nery encontra-se com o militar em outra reunião: “O senhor foi lesto, o único que conseguiu fugir”. E o coronel retrucou, “Meu filho, não repita isto nunca, não fugi, porque um oficial do Exército não foge, apenas bate estrategicamente em retirada”.

Em abril de 1964, o mesmo Symphônio, que resumiu em poucas linhas as atribulações que a esquerda já vivia há mais de uma década, conseguiu enganar a Polícia Política com uma informação falsa, a fim de evitar a prisão absurda do repórter Jadir Barroso, um dos jornalistas políticos mais conceituados de Minas.

# Semanários de domingo

*“Sem o leitor, um livro não existe”.*

**Agusto Roa Bastos,**

Os governos recentes, presididos pelo Partido dos Trabalhadores, volta e meia levantam o tema da democratização dos meios de comunicação o que, ao final e no que interessa à sociedade democrática, é apenas uma forma mais ou menos disfarçada de censura. Registre-se que a liberdade de expressão e de informação – e portanto da atividade jornalistística - é pétreia cláusula constitucional, nem deveria estar sendo debatida. Alega-se, no Brasil e no conjunto da América Latina, que os meios de comunicação e a imprensa não devem servir apenas às dinastias familiares ou aos grandes grupos econômicos.

Na verdade, já tivemos em mais de uma oportunidade algo nesta linha dita mais popular, descentralizada ou democrática, inclusive em Belo Horizonte, sem quatrocentões ou empresários. Havia na época bons semanários, distribuídos nas noites de domingo, e algumas dessas publicações, editadas em Belo Horizonte, chegaram a se projetar como informativos importantes, ainda que o seu principal atrativo fossem a descrição e os resultados dos jogos de futebol, realizados à tarde – não, não havia transmissão ao vivo e em cores, no máximo apaixonadas e parciais narrativas nas rádios Guarani, com Álvaro Celso da Trindade, o Babaró, com seus 150 quilos de peso, e na Inconfidência, com o impecável Jairo Anatólio Lima.

Quando me iniciei na imprensa, “O Debate”, do jornalista Oswaldo Nobre, era o semanário de maior prestígio. Poucos, pouquíssimos dos bons jornalistas da minha geração, deixaram de participar da era dos semanários, como colaboradores de “O Debate”. E, para mim, foi uma autêntica escola. Escrevia uma matéria por semana e, para alegria da esposa, recebia o pagamento rigorosamente em dia, sempre às sextas-feiras, garantindo assim as compras na feira livre dos sábados. Como mencionei anteriormente, tínhamos todos um ou dois empregos e mais alguns extras.

“O Debate” formou bons profissionais de imprensa e deixou sua marca em muitos de nós. Oswaldo Nobre, que foi também um competente diretor administrativo do jornal “Diário de Minas”, levava a sério a profissão e era um verdadeiro gentleman, sendo em determinado período chefe de Gabinete do prefeito Otacílio Negrão de Lima. No período em que comandou o “Diário de Minas”, fez do jornal uma referência de qualidade. Publicavam-se matérias de real interesse para a população, mesmo que fosse necessário criticar falhas ou equívocos da administração municipal. E o prefeito, acreditem, era o proprietário do jornal – e eventualmente seu chefe também na prefeitura. Liberdade, precisamos disto.

Mais tarde, e aproveitando o espaço à esquerda em reação à ditadura militar e pela censura, também multiplicaram-se jornais sem respaldo de grupos econômicos, tais como o Coojornal e o Movimento, que tiveram forte presença junto aos públicos mais jovens e estudantes. Curiosamente, desapareceram com o fim da censura.

# Paixão mais antiga do que o jornalismo.



Equipe Campeã de 1958. Da esquerda para a direita, em pé: Anísio, Laércio, Veludo, Benito, William e Haroldo Lopes. Agachados: Nilson, Alvinho, Colete e Dino. Foto Estado de Minas.

Campeões de 1956

# A colina de Lourdes

*“A vida é isso, são as surpresas que não figuram no programa”.*

**Otto Lara Resende**, em “*O retrato na gaveta*”.

Brasileiros gostam de campeões e de futebol. Se você for o recordista mundial do salto triplo, tricampeão de Roland Garros ou medalha de ouro na natação, será um herói popular, ganhará aplausos e pedidos de autógrafos, ganhará até dinheiro. Mas por pouco tempo, brasileiro gosta mesmo é de futebol. Em finais de semana ociosos divido meu tempo entre as caminhadas na praia, o meu fogão e todo e qualquer jogo de futebol, já acompanhei até o campeonato da Coréia do Sul. O campeão foi o Gwangju. Timaço.

E nada confirma esta premissa melhor do que um valor que mais alto se levanta: a paixão pelo Clube Atlético Mineiro, esta sim, lógica e natural, perpassa a eternidade, impassível às críticas eventuais e infundadas.

Caí de amores por esse Galo desde os tempos da primeira era Getúlio e da Colina de Lourdes, onde se erguia o seu antigo estádio, o qual recordo majestoso e não modesto quanto o dos territórios ocupados por Palestra Itália, América, Vila Nova e Sete de Setembro.

Anos depois, quando trabalhava na TV Itacolomi, a programação infantil incluía um programa estrelado pelo Palhaço Moleza, um show de muito sucesso, que contava com a participação (tudo era ao vivo) de dezenas de crianças. Elza, a esposa do Palhaço Moleza, e o filho chamado de Palhaço Dureza também participavam, ela no setor de costura e guarda-roupa. O programa era um sucesso.

Mas, fazendo a conexão entre duas de minhas paixões, os dois eram, simplesmente, o pai e a mãe de Toninho Cerezzo, o grande craque do futebol do Atlético e da seleção brasileira de 1982, posteriormente uma estrela também dos campeonatos europeus. Quem visse aquele garoto, tímido e introvertido, cruzando os corredores da TV Itacolomi, jamais poderia imaginar a dimensão do seu talento

e do seu futuro, como símbolo do melhor futebol do mundo e integrante da nossa seleção de sonhos dirigida por Telê Santana.

Tempos depois, como Diretor Comercial da TV Belo Horizonte-TV Globo, certo dia fui procurado por José Ramos Filho, então diretor do Clube Atlético Mineiro, que me propôs realizarmos, em conjunto, sorteios dirigidos aos torcedores mineiros via televisão. O clube já tinha avaliado a tabela de preços da TV Itacolomi e queria fechar rapidamente a parceria, e de meu lado, decidindo como torcedor e como dirigente da emissora, portanto interessado em elevar a audiência, propus uma alternativa: a criação e apresentação, gratuitas, de um programa curto de cinco minutos, a ser conduzido por Jairo Anatólio Lima, da Rádio Inconfidência, desde que o sorteio fosse realizado exclusivamente no Canal 12, o nosso canal.

Fechado o negócio e acertados todos os detalhes, a emissora conquistou um elevado número de telespectadores no horário e fui agraciado com uma flâmula de mérito que, segundo a direção do clube, até então só 15 pessoas haviam recebido. Qualquer torcedor, ainda que dos rivais, pode avaliar o meu orgulho de atleticano, quando tratado assim. Guardo essa flâmula até hoje, 50 anos depois.

E acrescento, com inegável orgulho, que – ao menos entre os vivos – sou dos mais antigos torcedores do Galo, pois desde 1933 já acompanhava até os treinos do time, na saudosa “Colina de Lourdes”.

**Um cacique nos vigiava no  
Acaíaca, sede da TV Itacolomi  
em 1955**



# Um negócio explosivo

“Quem alcança seu ideal vai além dele”.  
Friedrich Nietzsche, em “Além do bem e do mal”.

Intencionalmente ou não, Assis Chateaubriand implantou nos Diários e Emissoras Associadas um modelo instável de gestão. Nenhum ocupante de cargos executivos de maior responsabilidade sentia-se à vontade para planejar e executar voos mais altos, porque a qualquer momento – e sem motivos claros – poderia ser afastado ou ser desautorizado no exercício de suas funções.

Oswaldo Chateaubriand, irmão de Assis e diretor geral em Minas, de quem me tornara amigo, faleceu em 1961, vitimado por um câncer fulminante. Não me senti à vontade para continuar no cargo por ele nomeado de Superintendente Comercial dos veículos “Associados” – Estado de Minas, Diário da Tarde, Rádio Guarani e TV Itacolomi.

. Mesmo contrariando a opinião de companheiros e amigos, deixei a função e reassumi a direção comercial da televisão, então comandada por Fredy Chateaubriand e Vinícius de Carvalho.

(Registro com prazer e como dever e reconhecimento a colaboração do companheiro Décio Lana Peixoto para o bom cumprimento do meu trabalho, nessa emissora e posteriormente na TV Belo Horizonte - TV Globo. Décio foi, ainda, parceiro no rústico rancho em Três Marias, onde nos refugiávamos nos fins-de-semana para descanso e pesca dos ariscos dourados do São Francisco. Afonso Torres, jornalista, advogado e grande companheiro, responsável pelos jornais da TV Itacolomi, continuou meu amigo até depois de deixarmos a emissora; Fernando Barroca Marinho, o diretor artístico que deu formato à programação e assegurou-lhe dimensão nacional. O casal de produtores Lea Delba e Vicentes Prates, responsável por algumas das melhores produções na linha do teleteatro).

Meses depois, houve uma ruptura na direção dos Associados em Minas: Plínio Franco, gerente geral, e Fredy Chateaubriand, diretor da TV, deixaram a

empresa. Ao mesmo tempo, Camilo Teixeira da Costa e Theódulo Pereira substituíram Plínio Franco, que antes parecia intocável.

Menos de um mês após a saída de Fredy Chateaubriand, recebi telefonema de Lindoval de Oliveira, da McCann Erikson, do Rio de Janeiro, cumprimentando-me pela indicação do meu nome para a Direção Geral da TV Itacolomi. A agência recebera essa informação da cúpula nacional associada. Nunca desejei ou trabalhei para receber este convite, mas tive que assumir o cargo a pedido, principalmente, de Theódulo Pereira, então diretor-secretário dos Diários Associados, que temia um possível conflito interno na luta entre colegas pela direção. E aceitei com uma condição: aguardaria, por 90 dias, a indicação de outro nome, permanecendo na diretoria comercial, com a qual eu me entendia melhor.

O trato foi cumprido.

Tempos depois, quando assumi a direção comercial da TV Belo Horizonte, já adquirida pela Rede Globo, a disputa por audiência era francamente favorável à TV Itacolomi. Tendo sido o único canal da cidade durante muitos anos, conquistara a fidelidade dos belorizontinos, que nunca gostaram muito de grandes mudanças – os dez programas de maior audiência eram da emissora associada, Canal 4. E maior audiência significava maior número de comerciais e, portanto, maior faturamento. Mas significava também uma programação já bastante repetida e conhecida, com longos e cansativos intervalos comerciais de até 20 minutos.

Não podendo lutar com as mesmas armas do concorrente, a tradição e a fidelidade, restava chamar a atenção dos telespectadores para o diferente, a novidade de uma programação moderna, diversificada e interessante, ainda que no início praticamente desconhecida da maioria do público. O desafio seria atrair a atenção do telespectador para programação da TV Belo Horizonte, Canal 12, com produções de alto nível, como Noite de Gala, Praça 11, Musikeli, entre outros atrativos, como a explosiva novela “O Direito de Nascer”, a novela de maior acompanhamento em Minas Gerais, até os dias atuais, fantásticos 80 por cento de audiência.

Convoquei Ubirajara Pinto, o Bira, chefe do estúdio, ouvimos o diretor geral da emissora, José Otávio de Castro Neves, e discutimos uma forma alternativa de

veiculação dos comerciais. Minha ideia foi colar um programa no seguinte, sem intervalo comercial entre eles. As mensagens seriam diluídas ao longo de cada programa, com quatro pequenas inserções de no máximo um minuto cada.

Acertamos em cheio.

Até por curiosidade, a cada longo intervalo comercial da TV Itacolomi muitos telespectadores mudavam do canal 4 para o 12 – sem controle remoto. Em pouco tempo, a TV Belo Horizonte já estava dividindo audiência com a Itacolomi e, na capital mineira chegamos a superar o índice levantado pelo IBOPE da emissora tradicional. Walter Clark, que atuava então na montagem da programação da TV Globo e com quem sempre tive um diálogo franco e construtivo, aplaudiu a iniciativa e adorou os resultados, passando a adotar o nosso modelo, que vigora até hoje em todas as emissoras do Brasil.

Em Belo Horizonte, além da programação rotineira, executávamos projetos de comunicação em parceria com as agências mineiras. Um deles, destinado a uma fábrica de tecidos da família Mascarenhas localizado no interior do Rio de Janeiro, foi desenvolvido em parceria com o jornalista e publicitário Tião Martins para a Standard Propaganda, na época gerenciada por Carlos Monteiro e Cristiano Paz. Mais tarde, rompido com o parceiro, Carlos Monteiro fundou e dirigiu o Sindicato dos Publicitários de Minas, enquanto Cristiano Paz criou e passou a comandar a agência SMP&B, excelente agência que anos depois se envolveu com o notório Marcos Valério, o operador do chamado “Mensalão”, resultando na destruição da agência e na condenação judicial e prisão de bons profissionais, tragados pela vaidade e pela ambição.

Ainda na área da televisão, como consultor da presidência da TVE, propus que os jornalistas Kao e Tião Martins desenvolvessem um projeto inovador e audacioso para a emissora, no Rio de Janeiro. Mas a presidência, tímida e insegura, pressionada pelos cargos de direção, engavetou o trabalho, herdado e copiado, anos depois, por novas administrações que assumiram a direção da emissora.

# Depois da violenta campanha eleitoral, a visita da vitória – Governador Valadares, 1956



# Cheiro de pólvora no ar

*“Mas então não adianta ser feliz nunca. Se na época nem se aproveita, comprehende?”.*

Lígia Fagundes Telles, em “Verão no Aquário”.

Ali pelos já longínquos anos 40 do século XX, a cidade de Governador Valadares era um campo de ferrenha batalha entre dois grupos políticos: de um lado, o PTB da família Albergaria, do outro, a UDN de Justino Carlos da Conceição Junior e Dilermando Melo.

Essas duas correntes não se limitavam ao enfrentamento político e à disputa de votos e cargos políticos, mas movidas por questões pessoais e também por interesses econômicos, eventualmente a disputa se tornava efetivamente uma batalha nas ruas e fazendas da região. E foram tantos os duelos a tiros e os assassinatos que a região ganhou a fama de ser uma das mais violentas de Minas Gerais. Vigorava a Lei de Talião, e se tiros das desejadas e populares Winchester 44 ou Parabellum 9mm abatesse o adepto de um dos partidos, podia-se contar como certa e próxima a morte de um adversário.

Sob o calor de 40 graus, circulava sempre pela cidade algum tipo mal encarado, embrulhado em uma capa gaúcha, daquelas de tropeiros, sem manga e com abertura para o braço segurar as rédeas da montaria nas noites frias e dias chuvosos – e também para segurar a carabina.

Em 1949, quando o prefeito Dilermando Melo, da UDN, contratou-me para editar o semanário A Voz do Rio Doce, eu não sabia efetivamente dessa realidade e desses estranhos costumes. Jornalistas experientes também podem viver momentos de inocência desinformada. Entretanto, o próprio nome do jornal era fruto desse radicalismo político dos partidários da UDN, que se recusavam a reconhecer até mesmo o nome da cidade – Governador Valadares – dado à antiga Figueira do Rio Doce.

Assim, nomeado para chefiar o gabinete do prefeito, trabalhei normalmente em minhas funções e no jornal, mas após alguns meses o meu nome foi incluído em um áspero e agressivo discurso proferido por vereador do PTB.

Respondi à agressão pelo jornal, com um editorial cuja violência eu reconheceria hoje como desproporcional, mas na época o ambiente violento e mais rachado do que o “nós e eles” da atualidade em que me envolvera e a minha idade exigiam e justificavam atitudes assim.

Em poucas horas, o jornal, que circulava aos domingos, teve sua edição de mil e quinhentos exemplares esgotada na saída das missas, celebradas na igreja matriz. Um recorde. Aos 24 anos e com a leveza e presunção próprias dos jovens, em nenhum momento imaginei que poderia ser vítima de alguma violenta retaliação.

Um passageiro que viajaria para Belo Horizonte, onde o prefeito Dilermando Melo aguardava audiência com José Maria Alkmim, o secretário das Finanças do Governo de Minas Gerais, levou para ele um exemplar. Após ler o artigo – e convencido de que eu poderia não estar vivo já no dia seguinte – o prefeito adiou a reunião com o secretário e embarcou no primeiro voo para Governador Valadares, a fim de salvar a minha vida.

A segunda-feira para mim, no entanto e inadvertidamente, foi um dia como outro qualquer. Mantive a rotina de sair de casa pela manhã, ir até a Prefeitura, sair para o almoço, seguir para o escritório de advocacia (que era também a redação do jornal) e, à noite, pedalar a bicicleta até o Ginásio Ibituruna, onde dava aulas de história e de português. Na terça-feira, entretanto, houve um episódio que me convenceu do risco ao qual estava exposto.

Caminhando, distraído, em direção à Prefeitura, pela Avenida Minas Gerais, dividida em duas pistas por um canteiro central, ladeado por estreitos passeios para pedestres, nem percebi que o tal vereador vinha em sentido contrário. E, como estava indo pelo lado de dentro do passeio, deduzi, naturalmente e sem refletir, que ceder a passagem cabia ao outro, que vinha do lado da rua. E foi exatamente isso que aconteceu.

Perplexo, o vereador desceu do passeio e me cedeu passagem.

Continuei a caminhar naturalmente, como faria em qualquer rua do Brasil, como na Rua Mármore, em Santa Teresa, com as suas calçadas tão estreitas quanto as do centro da cidade, no Rio antigo.

Só não podia prever a repercussão desse episódio, na cidade envolvida no radicalismo dos dois partidos políticos. A notícia de que o violento vereador descera do passeio e que eu, em manga de camisa, lhe dera as costas e seguira em frente, sem sequer olhar para trás, circulou rapidamente pela cidade e me tornou uma espécie de herói, capaz de desafiar qualquer perigo ou ameaça. Comentário típico de uma daquelas cidadezinhas imaginárias do velho oeste de Hollywood, e a população adorou a história, é o corpo fechado, sem medo.

Até então eu nem sabia que as lideranças da UDN haviam contratado um jagunço para me proteger, o que dificilmente poderia aceitar, se informado fosse. Assim, nas minhas caminhadas pela cidade, sempre distraído pensando nos trabalhos ou na família que começara a formar, era seguido pelo “meu” capanga, sempre a alguns passos de distância. E só fiquei sabendo, bem mais tarde, que fora também contratado pelos “inimigos” um outro jagunço, um conhecido pistoleiro oriunda da vizinha Bahia, chamado Cabo Verde, para dar fim à minha distraída valentia.

Certa noite, Cabo Verde decidiu ir a Figueirinha, bairro do meretrício, na periferia da cidade. E, ao entrar no bar, armado, foi atingido quase a queima-roupa por um tiro mortal. De carabina, naturalmente, e disparado pelo meu “protetor”, que se antecipara à chegada do outro jagunço.

Mais uma vez, fui personagem central das notícias que circularam na cidade. Diziam que eu, tendo o corpo fechado, encomendara a morte do Cabo Verde, iniciativa que me tornou famoso e homem adequado para viver na cidade, sem medo de ninguém e disposto a enfrentar os inimigos com as mesmas armas, ou seja, editoriais e, principalmente, balas de chumbo – entre as crianças, faziam sucesso nesta época as “balas Chita”, quem não provou delas, perdeu. Mas do pecado da valentia e dos assassinatos confesso a minha total inocência.

De outra geração, Renato Russo poderia muito bem ter-se inspirado na história para compor outra canção, semelhante ao Faroeste Caboclo, que foi

situado em Brasília, e contando assim de forma mais criativa e emocionante a minha história no vale do Rio Doce.

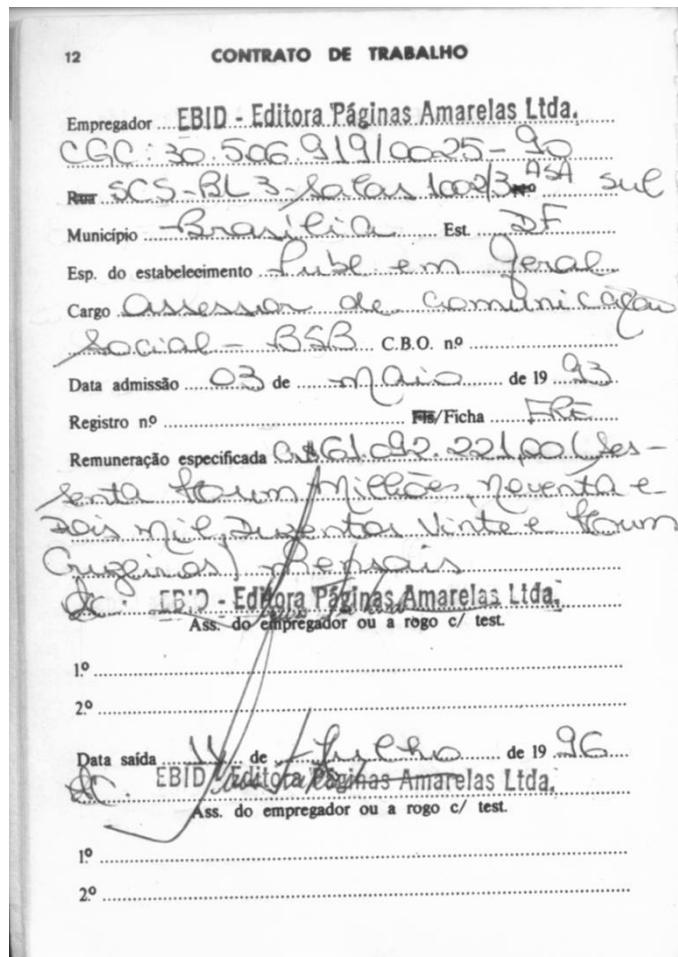
O tempo passou, mas não a luta política que apenas se agravava *com* a proximidade das eleições presidenciais. Tensões, ameaças, brigas e mais outros tantos tiros circulavam pela cidade, junto com os boatos políticos. Aconselharam-me a andar armado e até me deram de presente um revolver que eu mal sabia carregar.

O médico Arnóbio dos Guimarães Pitanga, que me conhecia bem e se tornara um bom amigo, aconselhou-me a deixar o campo de batalha e voltar para Belo Horizonte. Por ser casado e minha mulher estar grávida, o médico entendia que viver em uma cidade quase sem lei, como a Governador Valadares daquele tempo e dos anos que viriam, não era recomendável para um jovem e futuro pai – ou para o futuro órfão e sua família.

Dando razão ao médico, o prefeito Dilermando Melo indicou-me para fazer um curso sobre administração pública, em Belo Horizonte, com duração de três meses e o salário de chefe do seu gabinete. Segundo ele, era um prêmio pelos serviços prestados à sua gestão e que me permitiria a adaptação a uma nova etapa da minha vida profissional.

# Jornalista recebendo milhões.

## E não era campanha eleitoral... coisas da inflação...



Sessenta e um milhões, noventa e dois mil e duzentos e vinte e um cruzeiros.  
Mensais.

# O declínio do Império Huber

“*Tudo aquilo era loucura, simples loucura!*”

**Aluízio Azevedo**, em “*Casa de Pensão*”

Alguns produtos que reinaram por anos ou décadas simplesmente desapareceram do mercado e estão desaparecendo também da memória das pessoas à medida que nós, os dinossauros, caminhamos para a extinção. Vocês, se militam na comunicação, certamente se recordam das “máquinas de escrever”, dos aparelhos de telex ou dos disquetes de 5 ¼, sem falar nas “máquinas xerox”, mas será ainda pensam nas listas telefônicas ou em catálogos de informações comerciais?

A gigante norte-americana Sears Roebuck, há quase 150 anos, publicava um catálogo de produtos para compras pelo correio com mais de 200 mil itens – era a Amazon da passagem para o século XX, com seus 80 km de esteiras transportadoras apenas no depósito central, que media 300 mil m<sup>2</sup>, o maior edifício do mundo em 1906. As listas telefônicas, o *google manual* que reinou por mais de 50 anos, chegou a ter duas mil páginas, em dois volumes, na cidade de São Paulo. Hoje, nem mesmo para prender portas serviria.

Foram as listas telefônicas, as conhecidas *páginas amarelas*, que deram origem à formação de um verdadeiro império de empresas, principalmente na área editorial, que se formou no Brasil sob o comando da família Huber.

Criada nos Estados Unidos em 1880 e instalada em São Paulo um ano depois, a Telephone Company of Brazil voou mais alto que qualquer outra, no seu tempo. Em 1947, Gilbert Jacob Huber, que viera ampliar os negócios da companhia, adquiriu os direitos de explorar as Páginas Amarelas no Brasil, fundando a empresa LTB - Listas Telefônicas Brasileiras. Dez anos depois, Gilberto Huber, um ousado e talentoso matemático, seu filho e sucessor, assumiu e ampliou extraordinariamente os negócios e a presença das Páginas Amarelas, cobrindo 85% do território brasileiro e mais de 90% da população.

Ingressei no Grupo Gilberto Huber em 1970 e vivi ali períodos de euforia e de amarga frustração, com o orgulho de participar de um singular projeto e a tristeza de ver a empresa no buraco negro da liquidação. No correr dos anos, presenciei o declínio e a queda de um dos mais formidáveis conglomerados de empresas atuantes no Brasil e voltadas principalmente para a área de informações impressas.

Perplexo, era como reviver tudo de amargo que presenciara nos Diários Associados: o fim da revista “*O Cruzeiro*” e a queda das emissoras pioneiras de TV no Rio, São Paulo e Belo Horizonte, além da morte dos grandes jornais que cobriam os principais Estados brasileiros.

Tudo isso, que já fazia parte da história, parecia se repetir no chamado “Grupo Gilberto Huber”, que reunia, além da LTB, a EBID - Editora Brasileira de Informações Dirigidas, a Editora IPESI, a Editora Páginas Amarelas em mais de 20 Estados brasileiros, Páginas Amarelas de Portugal, Páginas Amarelas da Holanda e Páginas Amarelas da Argentina.

Fora da área editorial, o grupo operava ainda a Cerâmica São José de Guaçu, A-1 Publicidade, Turbil Investimentos, Companhia Piratininga de Seguros Gerais, Metalon, Fábrica de Papel e Celulose, Propesa, EEE – Elaboração de Estudos Econômicos, Estatísticos e Empresariais.

LTB era a sigla do pool da empresa contratante – Listas Telefônicas Brasileiras, com presença em mais de 80 por cento do território brasileiro. Dizia-se, na época, que nenhuma aeronave sobrevoava o Brasil sem levar a bordo pelo menos dois executivos da companhia.

A área de comunicação social, também gigantesca, incluía os setores de atendimento ao público, marketing, vendas, distribuição, projetos e departamento jurídico. Éramos 12 gerentes de relações públicas, liderados por Ney Peixoto do Vale (o criador do Prêmio Esso de Reportagem), locados nas principais áreas de atuação: Sul, Centro, Norte, Nordeste. Meu setor tinha sede em Belo Horizonte e incluía, além de Minas, Mato Grosso, Espírito Santo, Goiás e Distrito Federal.

Nosso principal produto eram as Páginas Amarelas, com milhões de exemplares editados e distribuídos anualmente, no Brasil, Argentina, Portugal e Holanda. A empresa editava ainda o Guia do Mercosul e o Livro Vermelho, além

de obras literárias nacionais e internacionais (via Editora Expressão e Cultura) e livros jurídicos, didáticos e para didáticos (via Editora Esplanada).

A AGGS-Artes Gráficas Gomes de Sousa, empresa localizada na Avenida Brasil, no Rio de Janeiro, produzia formulários contínuos, imprimia os livros distribuídos pela editora, foi uma das gráficas pioneiras em formulários contínuos e chegou a ser a segunda maior do país.

Algumas marcas e muitas pessoas dessa época iriam se tornar bem conhecidas e respeitadas no meio profissional, como as Artes Gráficas Mendes de Sousa e o engenheiro pelo ITA, João Luiz Lopes Dias, seu diretor, hoje um *partisan* brasileiro na resistência contra os desmandos do governo. Ou Pedro Renato Eckersdorf, profissional multimídia que atuou também na Europa, depois presidente executivo da ANATEC, Associação Nacional de Editores de Publicações, sediada em São Paulo.

Muitos profissionais dessa época merecem ser citados: Galmêndio Carraro, um líder nato; Railton Cançado e João Ferreira da Cunha, na área de vendas; Ricardo Pamplona, infatigável dirigente das editoras do Grupo, e o sensato Dario Machado. Santana, diretor administrativo e financeiro, lutou até o fim tentando soluções nunca encontradas. Beth Chermont, impecável e imperturbável secretária executiva da Presidência, continua sendo, ainda hoje, uma das minhas melhores amigas.

Nélson Corrientes Claro, gerente administrativo em Belo Horizonte, e Caio Portela foram alguns dos meus companheiros mais próximos, durante muitos anos de convivência, além dos inesquecíveis amigos fraternos Ferdinando Bastos de Sousa, Paulo Gonçalves, Roberto Palleta de Cerqueira, João Ferreira da Cunha; José Ottoni Carvalho Gonçalves Ferreira, o Zé Boró, eficiente responsável pela sensível área de distribuição das listas telefônicas em Minas Gerais.

Sentia-me privilegiado por participar do trabalho nosso de cada dia e tinha a convicção de que, nas próximas décadas, tudo iria fluir sempre com a segurança e o rigor profissional que dizem ser uma característica dominante no capitalismo norte-americano. Por tudo isso, a queda foi ainda pior, mais amarga e dolorosa.

Circulavam em São Paulo comentários de que Gilberto Huber, que herdara do pai a empresa implantada no Brasil, fora um dos empresários que deram

suporte financeiro ao golpe militar de 1964. Nesse período, sussurrava-se, discretamente, que um general de brilhantes estrelas, apontado como o “Richelieu brasileiro” estava na relação dos pagamentos mensais da empresa.

E, gradativamente, ofícias superiores da reserva das Forças Armadas, passaram a integrar a cúpula do grupo, segundo explicações informais e pouco convincentes, “para facilitar as negociações com as companhias telefônicas que forneciam os dados para a edição das listas”. Deve registrar que as empresas de telecomunicações eram estatais e dirigidas quase sempre por militares e que, sem elas, seria impossível a edição das listagens atualizadas.

Confundir política e negócios é a pior de todas as receitas, como ficou provado pelo declínio vertiginoso desse império empresarial, que chegou ao fim em 2005, com a decretação da falência. E como reafirmam na atualidade as incansáveis investigações de corrupção nas relações governo – empresas e o fim de alguns impérios.

Ao longo desse período, os melhores profissionais do alto escalão foram paulatinamente deixando a empresa, ao mesmo tempo em que as decisões se concentravam cada vez mais na presidência.

Para mim, o pedido de demissão de Galmêndio Carraro, profissional equilibrado e realista, o grande nome da companhia, foi um sinal claro de que a situação iria se agravar.

Com a saúde abalada, Paulo Gonçalves, o genial negociador e galante conversador, também se afastou, assim como Roberto Palleta de Cerqueira. E o competente João Ferreira da Cunha, Superintendente de vendas, refugiou-se em Anápolis, sua terra natal. À época, Nilton Brum, gerente da área, migrou para o Guiatel, o concorrente em Belo Horizonte.

Ao mesmo tempo, Ferdinando Bastos de Sousa, sólida referência para as decisões da cúpula, assumiu uma posição de confronto com o presidente, evidenciando que a unidade necessária para vencer as dificuldades já estava definitivamente comprometida.

De Brasília, onde atuava, e também nas reuniões do Conselho do Grupo secretariadas pela eficiente e correta Beth Chermont, para as quais passei a ser convocado, na sede da empresa, em São Paulo, acompanhei o desenrolar da crise

e o agravamento da situação. Como ninguém propunha alternativas que salvassem a companhia, as reuniões se tornavam cada vez mais sombrias. E o fim, estampado no desalento de diretores e conselheiros, parecia cada vez mais próximo.

Quanto a mim, sem vez e sem voz, nem sequer sabia o que ainda estava fazendo ali. Alguns me aconselharam o afastamento, enquanto era tempo, mas – por teimosia e insensatez – permaneci no posto, acreditando em um milagre.

Afundei junto com a empresa.

Tive que honrar compromissos que assumira em nome dela e que não foram cumpridos, como os aluguéis das salas que sediavam a empresa, em edifício nobre de Brasília, com telefones, internet e outros serviços.

Em junho de 2005, quando a falência da empresa já se tornara inevitável, fui convocado por Gilberto Huber para um encontro em sua residência, na Rua dos Franceses, em São Paulo. Nesse dia, aconselhou-me a ingressar na Justiça do Trabalho, se quisesse receber tudo que me deviam, desde os salários atrasados até as despesas que fizera em nome da empresa, já impedida de realizar esses pagamentos espontaneamente.

Preferindo não contratar para isso o advogado que Huber me sugeriu, dei procuração ao doutor Simildo Mancini, meu antigo companheiro. Gilberto Huber determinou à senhora Maria Lúcia Fukuda, gerente da área de Recursos Humanos, que somasse tudo que me deviam, sem qualquer contestação por parte da empresa.

Mas, mesmo assim, um diretor remanescente quis contestar parte dessa dívida. Já irritado com toda a situação, escrevi-lhe uma carta bem malcriada, com cópia para o presidente, que me enviou a seguinte resposta, escrita com todos os erros próprios de um homem educado nos Estados Unidos e que falava mal a nossa língua:

*“RSP (sigla como era eu chamado no Grupo). **Como é de ser, (e sempre foi) sua resposta é certo e correto. Por isso espera o dia de volta a uma convívio mais de perto! Abraços de um seu amigo (espero posso manter reciproco também verdadeira).** Gilberto.”*

Transcrevo o trecho para demonstrar que basta uma pequena atenção para agradar e satisfazer até um homem maduro e experiente no campo profissional e na vida pessoal. Essa correspondência, acredite, serviu-me de algum conforto. Mas a realidade é que ninguém, acima do presidente, tinha autoridade para resolver os problemas financeiros dos escritórios de Brasília, muito pequenos em comparação com a crise no Rio e em São Paulo.

Decidi, portanto, ingressar na 56<sup>a</sup> Vara do Trabalho de São Paulo com uma ação contra a EBID, Páginas Amarelas, e o advogado da companhia não ofereceu qualquer contestação. Selamos então um acordo pelo qual a empresa assumia a responsabilidade de pagar tudo que me devia. Mas o juiz, desconhecendo as razões apresentadas por meu advogado, vinculou esse pagamento ao recebimento de um precatório da Prefeitura de São Paulo em favor da empresa.

Esse capítulo da história se deu em junho de 2005.

E até este momento em que escrevo (fevereiro de 2017), o valor que me devem continua retido na 56<sup>a</sup> Vara do Trabalho, em São Paulo. Ignoro, porque a deusa Justiça não dá explicações para pobres mortais, o que aconteceu ou não nesses dez anos.

# Ilha da Fumaça, em Vitória, quando a fumaça era apenas neblina



# Quando os anjos dizem amém

*“Se a idade aumenta... conserva  
a vontade de viver. Não se chega  
a parte alguma sem ela”.*

Fernando Pessoa

Fora da trajetória profissional, advieram fatos que mudaram o roteiro da minha vida. Senti que chegara o momento quase mágico de escolher novos rumos, de me propiciar sonhado tempo de reflexão e de paz, algo que costuma ser mais presente em carreiras tradicionais, mas que raramente mobilizam jornalistas e publicitários, envolvidos dia e noite com novos e fascinantes desafios e movidos pela adrenalina da busca do novo, do inusitado, do original.

Decidi pelo Espírito Santo, uma entre outras possibilidades que vislumbrei ou que a mim trouxeram – o que não falta nesse Brasil de imensos e variados territórios é onde buscar novos ares. Não sei explicar como e por que razão escolhi o litoral capixaba para viver esse período que, na minha imaginação, seria de recolhimento, descanso e reflexão. Às vezes penso que a atração pelo Espírito Santo é parte da herança que recebi de dois dos meus ancestrais mineiros, cuja vida eu gostaria ainda de pesquisar.

Antônio Pires da Silva Pontes, nascido em Mariana e registrado na mesma igreja matriz onde quase cento e cinquenta anos depois seria eu próprio batizado, foi um dos primeiros governadores da Província do Espírito Santo, nomeado em 1797. Seguiu-se a ele um sobrinho, Manoel José Pires da Silva Pontes, outro dos meus antepassados, que assumiu a governança da Província em 1812, enquanto Napoleão invadia a Rússia e começava a sua marcha para a derrota. Parênteses: de todas as descrições para a mencionada campanha desastrosa de Napoleão na

Rússia, nada é melhor do que o relato musical registrado em *A Abertura Solene Para o Ano de 1812*, de Pyotr Ilyich Tchaikovsky.

Mas a nossa influência nos destinos do Espírito Santo acabou antes da Proclamação da Independência, em 1822 e me fixei quase anônimo no litoral capixaba, pensando que tal escolha seria apenas um intervalo no conjunto da minha existência. Mas o tempo, esse companheiro tantas vezes misterioso e surpreendente, veio demonstrar a sabedoria daquela decisão e revelou que não seriam apenas alguns meses de sol e de mar.

Mais que do sol, das fascinantes praias e do ar puro, minha paixão pelo Espírito Santo resultou do acolhimento que me ofereceram os capixabas, quando eu mais necessitava disso. Em qualquer lugar do mundo, um vizinho que acaba de desembarcar em nossa terra é olhado, inicialmente, com desconfiança. Quais serão os costumes e as intenções desse desconhecido? Que novidades ele traz? Que instrumento ele toca? Por que escolheu a nossa terra para viver? O que espera de nós?

Além disso, a desconfiança dos capixabas em relação aos mineiros que desembarcam no Estado para ficar tem razões históricas. Vem desde a “invasão” do Sul do Estado, na época da colonização, passa pelos conflitos sangrentos que ocorreram na região do Contestado. Entretanto, vencida a desconfiança inicial, as varandas e as portas se abrem em um grande abraço para nos acolher.

É também certo que desconheciam meus antepassados invasores dos tempos do primeiro Reinado...

Nesses quase 20 anos, tornei-me um mineiro-capixaba, de mente e coração. Fiz amigos inesquecíveis e conquistei outros que se empenharam, solidários, em me deixar cada vez mais feliz e à vontade no território deles.

Fora da área profissional, entre tantos, cito – proclamando a minha fé na amizade - Regina, uma inquieta e sensível intelectual, mergulhada na sua permanente e sofrida interrogação sem respostas sobre o que é a verdade, e seu marido, o sensato Silvio Santos – o engenheiro, não o comunicador – sempre preocupado com os problemas sociais do País, e que se tornou, desde o primeiro encontro, amigo de infância e interlocutor inteligente das minhas perplexidades; Rodolpho Dalla Bernardina, um homem que domina e trata com compreensão a

terra que lhe dá em troca os seus melhores frutos, generoso e interessado companheiro no café com papo das minhas tardes em Manguinhos, e sua mulher, a guerreira Lucimar, para quem adversidade é apenas barreira para ser superada; o cervejeiro e tricolor Adilson Drumond, um engenheiro que domina com sabedoria seu ofício, alegre e brincalhão, sempre de bem com a vida, e a cordial e prestativa Orminda, com seu sorriso sempre disponível, vizinhos e amigos; o escritor Theodiano Bastos, que usa a palavra escrita como um aríete na defesa de suas inabaláveis convicções, e sua mulher, a sempre atenciosa e lúcida Maria do Carmo, que tira da vida o que de melhor a vida tem.

Amigo recente, mas como se fosse há anos, Orlando Eller, um jornalista acima de qualquer suspeita que aparece também como um dos melhores e mais sensíveis cronistas capixabas, um continuador da obra de Rubem Braga e Attilio Gati. E o gentilíssimo Cristóvão Siqueira Brito, que me abastece com as melhores bananas colhidas abaixo da linha do Equador.

Duas extraordinárias figuras humanas, a sensível Iracema, uma esteta que faz das coisas mais simples uma obra de arte, artesã com domínio do metier, uma cozinheira que honraria qualquer grande restaurante brasileiro, e o marinheiro Artur Tozzini, presenças constantes há mais de 20 anos, aqui e lá, fraternal amigos desde quando ele, Almirante, servia em Brasília no Estado Maior das Forças Armadas. Hoje, moram em Vitória, após longo pérriplo como condecorado oficial graduado, comandando navios nos rios da Amazônia, no comando da Escola Aprendizes Marinheiros, em Vila Velha, em portos da Inglaterra, em Portugal, no comando do sensível e estratégico VI Distrito Naval, em Corumbá, depois em Ubatuba e finalmente no Espírito Santo, já agora farda, diplomas e medalhas reverenciados como objetos de lembranças de uma vida devotada à segurança da Pátria.

Ainda há paraísos no Brasil,  
este fica nas minhas  
redondezas



# Uma acolhida fraterna

*“Nunca ouço os preâmbulos”.*

Franz Kafka, em *“O Processo”*.

Assim, como descrito, decidi passar uns tempos no Espírito Santo e o tempo mostrou que foi uma boa decisão. Bem acolhido pelos capixabas e pela luz e vento marinhos, com apartamento alugado em Vila Velha, na curva da praia junto ao Clube Libanês, fui aos poucos me aclimatando à beleza dos lugares e à gentileza das pessoas.

Corria o ano de 1980, quando atravessei de barco o canal que me separava da cidade de Vitória e fui a um encontro com meu antigo companheiro de trabalho na TV Itacolomi, João Batista Bacalhau, então diretor de vendas de importante empresa do ramo imobiliário, a VIMCAP.

Explicar como se dá o encadeamento de certas situações é tarefa difícil até para quem lê cartas, joga búzios ou decifra as linhas das mãos. Nesse encontro com João Batista Bacalhau, fiquei sabendo que a empresa na qual ele trabalhava enfrentava dificuldade para atrair compradores para os apartamentos de um grande edifício em fase final de construção na Praia do Canto, área nobre da cidade, um lançamento sem sucesso.

O amigo imaginou que, analisando o problema por outros ângulos, talvez eu pudesse dar à Eldorado Publicidade, a agência de propaganda mais importante de Vitória, que produzia as peças de venda, alguma contribuição positiva. Levado à agência, fui recebido pelo diretor José Eduardo Prado Coelho e saí de lá com a missão de estudar o problema.

Recolhi subsídios, usei toda a experiência acumulada em anos de trabalho na área e desenvolvi um projeto de relançamento do Edifício Mirante da Praia, na Rua Moacir Avidos. Criei peças para a mídia impressa e, principalmente, comerciais ao vivo para exibição na TV Gazeta, com a participação da atriz Tônia Carrero, estrela da TV Globo que brilhava então (mais uma vez) em novela de grande audiência.

Uma semana depois voltei à Agência com o projeto, pronto para ser submetido ao cliente. Calculara o valor do meu trabalho em 1.500 *qualquer coisa*, na moeda da época que já esqueci, após trocar ideias com o publicitário mineiro Paulo Miranda, que por acaso me visitava naqueles dias. Como a agência pediu que eu também defendesse o projeto junto ao presidente e aos diretores da VIMCAP, decidi que poderia acrescentar mais 500 ao valor do trabalho.

E foi aí que meu Anjo da Guarda (sempre ele) surgiu no cenário.

Quando me consultaram sobre a remuneração pretendida, respondi que, por desconhecer as condições do mercado, era preferível que a agência propusesse o valor. Reunidos, José Roberto Prado Coelho, o diretor comercial da Rede Gazeta, Xerxes Gusmão Neto, e o gerente da agência, decidiram me oferecer 30 mil, na moeda da época.

Imagino que fiz cara de bobo, feito jogador de pôquer quando blefa. E aceitei, antes que mudassem de ideia: *Se acham que é justo, tudo bem. Vocês conhecem, e eu não, as condições do mercado. E até vai me servir de critério para outros trabalhos.* .

Recebi o pagamento estipulado, entrei no Supermercado São José e comprei um belo estoque de bons vinhos do Velho Mundo guardados na adega. Paulo Miranda, naturalmente, participou da longa degustação.

Em pouco mais de um mês, a construtora vendeu todos os apartamentos do Edifício Mirante da Praia, fato que elevou meu prestígio junto à Agência e que iria me propiciar futuros novos trabalhos.

Tempos depois, em uma dessas curvas que o destino inventa, encontrei em Vitória o jornalista e publicitário mineiro Tião Martins, que viera à cidade tratar de assuntos na área de comunicação do governo do Estado.

Nessa época, estava discutindo com o empresário Jones dos Santos Neves Filho, proprietário da VIMCAP, a denominação que daríamos a um dos edifícios que a imobiliária pretendia construir e compartilhei o desafio com o companheiro de Minas.

Publicitários adoram provocações assim.

Após perguntar pela localização e características do projeto, nossa vítima do dia remoeu em silêncio algumas opções, rabiscadas em folha de papel e,

finalmente, jogou sobre a mesa uma sugestão surpreendente: *Viña del Mar*. Hoje, batizado como *Edifício Viña del Mar*, em área nobre da Capital, o prédio é homenagem mineira à publicidade e à beleza capixabas.

Gosto de lembrar que um jovem cronista capixaba, na época residindo e trabalhando em Belo Horizonte, escreveu em 1935, no jornal *Correio Mineiro*, uma frase que jamais esqueci: “Minas é o País dos Homens Amáveis”.

Rubem Braga, que em sua personalidade e em seus textos jamais hesitou em ser bravo, mas também generoso, não escreveu isso para agradar os mineiros, assim como não tenho que ser gentil para reconhecer a generosidade com que os capixabas me receberam em sua terra.

Não posso é sufocar o orgulho que sinto tanto da minha origem mineira quanto dos amigos e dos laços de família que, talvez inconscientemente, contribuíram para a escolha do Espírito Santo como cenário dessa nova etapa da minha existência.

Tempos depois, fui morar em Jacaraípe, em uma casa “à beira-mar plantada”. Mal saía pelo portão e já pisava na areia da praia.

O que mais um mineiro poderia querer da vida?

Só uma boa secretária do lar, talvez. E tive uma, para ninguém botar defeito, mas que pede anonimato, por razões que serão óbvias: Dona Jota, negra baixinha e simpática, que vivera sua adolescência em uma “casa de mulheres” e, devido à inexorável passagem do tempo, passara a cozinheira do bordel e, mais tarde, já idosa e abandonados os pecados, tornara-se evangélica.

Todas as manhãs eu me levantava bem cedo para caminhar na praia e, ao voltar já encontrava na varanda a mesa posta, com suco de laranja e sanduiche de queijo, minha preferência. Enquanto lanchava, dona Jota abria a Bíblia Sagrada e, talvez preocupada com a salvação da minha alma certamente perdida, lia para mim o versículo assinalado, com interpretação semelhante à dos pastores profissionais.

Certo dia, tendo que ir a Vitória e aguardando telefonema de Belo Horizonte, pedi a ela que atendesse e anotasse qualquer recado. Só então, muito constrangida, confessou que não sabia ler e escrever. Mas e a leitura da Bíblia, todas as manhãs? Que milagre era aquele? Confessou então, conscrita, que decorava e memorizava cada palavra e frase lida pelo pastor, na véspera. E repetia tudo, na

manhã seguinte, com as pausas exatas nas vírgulas e a ênfase nos trechos mais incisivos.

Fascinante, absolutamente fascinante, esse esforço de uma pessoa que, já idosa, “*encontrara Jesus*”, como gostam de dizer nos cultos.

Aprendi a cozinar com ela.

# O destino e seus encantos

*“Eu tenho um coração maior que o mundo,  
formosa Marília, bem o sabes”.*

**Tomás Antonio Gonzaga**, em “*Marília de Dirceu*”.

Meu círculo de amizades em Vitória foi se ampliando ao longo dos anos e me orgulho da convivência com Nélson Mendes, os irmãos Bené e Coutinho, do setor de criação em agências de propaganda; Evandro Meneses, contato que trabalhou comigo na agência Grupo 6; Oswaldo Oleare, parceiro desde a primeira hora, Penha Oleare, secretária da agência; Wladimir Godoy, então diretor e apresentador do telejornal da TV Gazeta; Xerxes Gusmão Neto, diretor da Rede Gazeta; José Eduardo Prado Coelho, da agência Eldorado, e João Batista Bacalhau, o antigo companheiro na TV Itacolomi. O jornalista e escritor, poeta, pintor, o multi-mídia Marien Calixte, inesquecível companheiro de muitos bons momentos, de quem fui parceiro na montagem da solenidade de inauguração do edifício Palácio do Café, em Vitória.

Numa idade em que até cortar unha do pé implica em riscos, assumi cuidados especiais: meu combalido coração velho de guerra tem mantido seus batimentos sem maiores tropeços com a assistência amiga do conceituado cardiologista doutor Miguel Daroz, com seus diagnósticos matematicamente infalíveis, como vem fazendo, há mais de 20 anos, desde Belo Horizonte, meu caríssimo amigo Marcus Marinho, renomado cardiologista e atletícano da velha guarda. As mágicas agulhas do doutor Marco Vago, homem com singular e sensível visão do mundo e das coisas que ele contém – ou que deveria conter – asseguram-me a necessária bravura, nos planos físico e mental, para enfrentar com otimismo o amanhã esperado. E finalmente, no campo da saúde que me permite uma vivência razoavelmente saudável, em Manguinhos a professora Renata Silva Jorge de “Viver Pilates” e os exercícios por ela semanalmente ministrados.

Com alguns aprendi muito. E Jones dos Santos Neves Filho, eleito deputado federal em campanha da qual participei, foi um deles, companheiro em Brasília, durante anos, de um nunca adiado almoço de todas as quintas-feiras.

Alguns já mudaram de plano e deixaram muita saudade: José Roberto, Xerxes, Bacalhau, Jones Santos Neves, Marien e Nélson Mendes, este último um dos melhores profissionais que conheci na área da propaganda e marketing e de quem me tornei fraterno amigo. Amigos que morreram tão cedo deixando sua marca em lembranças para sempre e que me fazem recordar escritor mineiro:

*“O mundo é mágico. As pessoas não morrem, ficam encantadas”.*

Entre as curvas, retas e encruzilhadas da minha longa existência no planeta, aprendi – ainda desta vez com Guimarães Rosa– que *“Deus nos dá pessoas e coisas para aprendermos a alegria. Depois, retoma coisas e pessoas para ver se já somos capazes da alegria sozinhos... Essa... a alegria que Ele quer.”*

Vivendo em regime de união estável – e longa – com Márcia, companheira solidária de tantos momentos, entendi, no entanto, que mais importante do que olhar para cima ou para traz é olhar, juntos, para a frente, numa mesma direção.

# Um retorno a Belo Horizonte, ainda jornalista



# Caminhos Cruzados

“...tudo que eu sempre quis é que tudo  
acabasse bem”.

Amóz Oz, em “A caixa-preta”.

Vida longa, muitas histórias, muitos “causos”, muito tempo – ao longo desse quase século acredito que vivi mais de uma juventude, ainda que nenhuma delas repita as descobertas da primeira. Há quem não concorde, que viva linearmente do nascimento ao final, do pó ao pó, mas para outros, poetas da existência, vivem muitas, repetidas, superpostas, duradouras, etéreas, irreais, todas vidas.

Aliás, ninguém supera os poetas em matéria de sonhos, mistérios e ilusões, eles que são as antenas da raça, como cantou Ezra Pound. Uns serão eternamente jovens, porque não sabem mais viver sem a poesia, que até o fim dos tempos será sua razão de existir. Outros renunciam bem cedo, por excesso de ambição, escassez de talento ou corrosiva e vigilante autocrítica.

Ainda que sem extrema vaidade ou grandes pretensões, fui poeta, confesso, em minha primeira juventude. Tive até um poema publicado na Antologia “*A mulher na poesia brasileira*”, de Da Costa Santos. Mas o tempo, os sucessivos compromissos profissionais e uma vigilante autocrítica acabaram por me afastar dessa trilha. A autocrítica nem precisou ser corrosiva, foi apenas precisa.

Mesmo assim, ou exatamente por isto, a releitura destes versos de Fernando Pessoa ainda toca profundamente o meu coração:

*O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente*

*Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.*

Por não saber fingir ou não ter a grandeza de alma dos grandes poetas, abandonei a poesia ainda na juventude, logo após a formatura na Faculdade de Direito. E, tempos depois, por impaciência com sua linguagem congelada e seus trejeitos antigos, abandonaria também o próprio Direito.

Quando da mudança para Governador Valadares ainda pensava nas possibilidades da advocacia, seria um bom complemento à atividade de jornalista e uma maneira de criar relacionamentos em uma cidade nova. Assim, Lúcio Soares, Oswaldo Soares da Cunha e eu instalamos um escritório no centro da cidade, mas a realidade logo se impôs, dos três, apenas o Lúcio entendia e gostava do ofício.

Soares da Cunha dedicava boa parte do seu tempo à criação de suas fascinantes trovas (*Eu vi minha mãe rezando/ aos pés da Virgem Maria / Era uma santa escutando / o que outra santa dizia*), que o levariam mais tarde à Academia Mineira de Letras, enquanto eu, convocado pela comunicação jornalística, produzia e dirigia o semanário “*A Voz do Rio Doce*”.

Em Valadares, revivendo os tempos de estudante, morei em uma “república” montada por engenheiros brasileiros da Morrison Knudsen, empresa que executava o alargamento da bitola da Estrada de Ferro Vitória a Minas. Entre os colegas destacava-se pela obsessão com a qualidade e a precisão de seu trabalho o engenheiro João Camilo Pena, que fez brilhante carreira na CEMIG, chefiando a construção da barragem de Três Marias, e posteriormente como Ministro da Indústria e do Comércio – quando foi chefe de meu filho, também jornalista. Culto leitor dos poetas clássicos, também foi ouvinte paciente das minhas aventuras no campo da poesia e construímos uma amizade que atravessou décadas, apesar disso.

Por indicação de Aimoré Dutra Filho, (companheiro na “república”, professor de Matemática e mais tarde chefe de Gabinete do ministro Mário Andreazza), à noite dava aulas de Português e História para as quatro séries do Ginásio Ibituruna.

Após essa experiência de dois anos em Governador Valadares, returnei a Belo Horizonte e ao jornalismo. Como o grupo que dirigira a *Folha de Minas* havia se transferido para o jornal *Diário de Minas*, lá fui acolhido e ali permaneci até 1955, convivendo com grandes profissionais, como Gualter Gontijo Maciel, Jair

Rebelo Horta, Wilson de Abreu Castelo Branco, José Calazans Filho, meu inesquecível compadre Álvaro Chaves - o Tip-Top (seu filho, Álvinho iria se tornar mais tarde conhecido publicitário), Ivan de Vasconcelos Barros, João Camilo de Oliveira Torres, Mauro Santayana, Rodolfo Rocha, José Maria Rabelo, Borjalo, e um profissional que se tornou um grande amigo: Jader de Oliveira.

Repórter excelente e inquieto, Jader iniciou sua carreira no *Diário de Minas*, trabalhou em jornais de Buenos Aires e finalmente foi descoberto pela BBC, em Londres, onde atuou por mais de 30 anos, liderando o grupo de jornalistas estrangeiros e comandando as transmissões para os países de língua portuguesa.

Apesar da distância, fomos amigos fraternos até o seu falecimento e mantivemos sempre uma intensa correspondência, trocando ideias sobre o que se passava no Reino Unido e em nosso desunido Brasil.

*Caro Rubens,*

*Estou começando 2007 esplendidamente, restabelecendo contato com você. Só não sei onde você está: Belo Horizonte, Brasília ou Espírito Santo. Há muito tempo, o Edgard Melo me disse que você estava pensando em comprar uma casa em território capixaba (que não ficasse na região contestada...). Eu continuo firmemente aqui, quer dizer, firmemente por falta de opções a médio prazo. E, mesmo acertando em todas as respostas daquele teste que o Jairo Anatólio Lima te mandou, trabalho como nos tempos do Diário de Minas... Aliás, daquela redação são poucos os que continuam de pé: além de você, o Ivan de Vasconcelos Barros, o Mauro Santayana, o Rodolfo Rocha, o José Maria Rabelo e este locutor que vos fala. É tudo que sei. Eu me aposentei na BBC há seis anos, quando já trabalhava como correspondente do Correio Braziliense e do Estado de Minas (depois de ter passado pela Veja, O Globo, CBN, Abril argentina...).*

*Meus filhos, Marcelo e Eduardo, que você conheceu, já têm vida própria. Marcelo mora em Edimburgo e compõe trilhas e sonoriza filmes; Eduardo mora em Estocolmo e é escritor, com dois livros já publicados, ambos em Nova York. Estou morando com Nelly a 40 quilômetros do centro de Londres, numa cidadezinha*

*chamada Cobham, depois que saímos de Londres. Meu endereço completo vai abaixo, para que você não argumente que não veio me visitar por não saber onde eu me encontrava, como na sua última vinda à Inglaterra.*

*Um grande abraço, Jader.*

# Ghost Writer no Convento das Macaúbas

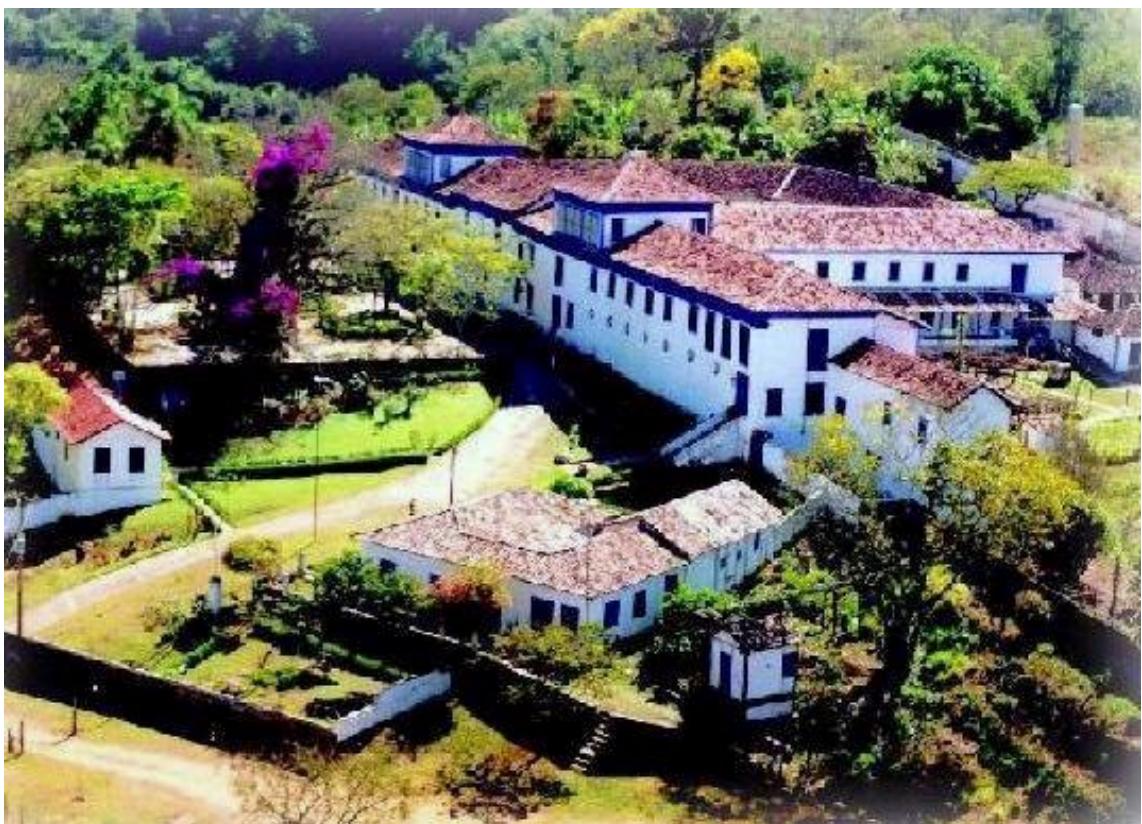


Foto de Carlos Magno de Almeida

# A benção do Cardeal

“...nunca deixava situação nenhuma indefinida”.

Doris Lessing, em “As Avós”.

Quando Getúlio Vargas, em 1930, à frente de um exército improvisado implantou no Brasil um governo autoritário provisório, destituindo os governadores dos Estados e nomeando inteventores, só um deles – Benedito Valadares, em Minas Gerais – permaneceu no poder com o título de governador.

Antigo editor de um jornal e ex-prefeito de Pará de Minas, Valadares só deixou o Palácio da Liberdade em 1945, ao final do período de governo autoritário de Getúlio Vargas. Em seguida, foi nomeado para o lugar dele o desembargador Nísio Batista de Oliveira, dando início ao longo período de interinidade dos inteventores. Nísio Batista foi sucedido por Júlio Ferreira de Carvalho, que também ocupou o cargo temporariamente, até ser substituído por João Beraldo.

Naqueles anos, o cardeal de São Paulo, dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, apontado como o “Richelieu Brasileiro”, detinha força política suficiente para mover os peões no jogo do poder e era respeitado e ouvido até pelo presidente da República. Mineiro da região de Caeté, dom Carlos Carmelo celebrara sua primeira missa, ao receber a tonsura, no Convento de Macaúbas, perto de Santa Luzia.

Por isso, durante sua viagem a Minas Gerais, decidiu visitar o velho Convento, pertencente à congregação das Carmelitas Descalças, freiras que não mantinham contato algum com o mundo externo e viviam da fabricação de vinho de jabuticaba, muito apreciado pelos visitantes. A produção era negociada através de uma porta giratória, sem qualquer contato visual com o comprador.

Designado pelo jornal para acompanhar a visita do Cardeal, imaginei que teria então uma oportunidade única de conhecer as áreas internas do Convento de Macaúbas, ao lado dele e de sua pequena comitiva de sacerdotes. Deu quase tudo certo, mas não permitiram a entrada do nosso fotógrafo.

Fiquei absolutamente deslumbrado com a pequena capela, no segundo andar da casa, com sua biblioteca composta por magníficas obras escritas à mão, luminárias de rara delicadeza e uma imagem de Nossa Senhora com olhos azuis de safiras lapidadas e a manta de ouro que refletia a luz do sol entrando obliquamente pela janela estreita da capela.

Todo esse conjunto de toque renascentista fazia lembrar a chegada dos missionários católicos, no século XVII.

Na parte inferior do Convento, onde as irmãs ofereceram um chá ao Cardeal, dom Carlos Carmelo fez uma oração que não ouvi e falou sobre sua visita a Minas, “governada com sabedoria e equilíbrio pelo doutor João Beraldo”, como me falou um dos sacerdotes presentes.

A grande surpresa veio depois, ao retornar à redação, quando percebi que algo extraordinário estava acontecendo.

Murilo Rubião, oficial de Gabinete do interventor, o diretor do jornal, Gualter Maciel, e Jair Rebelo Horta, chefe da redação, estavam todos à minha espera, ansiosos.

Queriam confirmar a informação de que o Cardeal elogiara, em seu discurso no Convento, o desempenho e a figura de homem público do interventor João Beraldo.

Todos acreditavam que essa fala poderia assegurar ao interventor um período mais longo como chefe provisório do governo de Minas, e daí a sua importância para o jornal e seus responsáveis. Esfriei até a beira de me congelar, porque não ouvira o discurso, agora classificado como o momento mais importante da visita.

Entretanto, sabendo que o cardeal retornaria a São Paulo no dia seguinte, bem cedo (antes do jornal circular), em uma composição especial da Central Brasil, não tive dúvidas: diante da velha Remington usada na redação, recriei o discurso do cardeal, entre aspas, como se tivesse usando notas taquigráficas.

E ganhei cumprimentos do diretor, juntamente com elogios à minha percepção da importância política do acontecimento.

No dia seguinte, fui ao Palácio Cristo Rei, na Praça da Liberdade, à procura de prometidas fotos do Convento (que o fotógrafo do jornal não pudera bater), para uma reportagem que eu pretendia escrever.

No amplo salão do segundo andar do prédio, com a janela aberta para o sol, voltado para o Palácio da Liberdade, sentado em uma poltrona dourada, o Cardeal Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota me viu entrar. A viagem da manhã fora transferida para a tarde, a pedido do Arcebispo dom Antônio dos Santos Cabral.

Confesso que, naquele momento, quase me senti como a mulher de Lot, paralisada sob a forma de uma estátua de sal. Mas o Cardeal, com um sorriso, fez um sinal para que me aproximasse. Trêmulo, cumpri as homenagens de costume: ajoelhado, beijei o anel do cardeal e, antes que pudesse balbuciar qualquer explicação, ele se antecipou:

- *Você foi muito fiel à minha fala. O doutor João Beraldo já me telefonou, muito grato e reconhecido.*

Disse mais algumas palavras, que nem ouvi direito, e me abençoou. Não sei se foi pelo noticiário, que agradou os poderosos do momento, ou pelas bênçãos do Cardeal, mas o certo é que recebi do jornal uma gratificação que me propiciou um belo jantar naquela noite, algo tão raro como as gratificações, ambos raramente aconteciam.

# A arte de eleger um Presidente

“É tudo ou nada”, de Michael Behe  
em *A Caixa Preta de Darwin*.

Por mais que a imprensa queira se manter isenta diante dos partidos, é quase impossível ficar à margem de lutas políticas que mobilizam e afetam todas as camadas da sociedade. E os jornalistas costumam estar entre os primeiros cidadãos convidados a desempenhar um papel importante nas grandes disputas.

Quanto Juscelino Kubitschek, então governador de Minas, decidiu se candidatar à Presidência da República, seus assessores na área da comunicação (entre eles, Jair Rebelo Horta, Gualter Gontijo Maciel, José Moraes e Murilo Rubião) planejaram a implantação de uma rede de jornais e emissoras de rádio que desse ampla cobertura ao candidato, durante a campanha eleitoral.

Na área da imprensa escrita, em Minas, um jornal seria instalado no Triângulo Mineiro e outro em Juiz de Fora. Em Governador Valadares, um semanário – “A Voz do Rio Doce” – já se associara ao grupo. Fui indicado e aceitei dirigir o jornal “*O Triângulo*”, sediado em Uberaba, mas sem perder o vínculo com a “*Folha de Minas*”. Além disso, condicionei minha ida para Uberaba à futura indicação para um jornal que seria instalado em Juiz de Fora, com equipamento de primeira linha que já fora adquirido na Alemanha.

Em maio de 1952, desloquei-me para o Triângulo Mineiro, com a expectativa de rápido cumprimento da missão e breve retorno. Com salário dobrado, como é usual em campanhas políticas, já me sentia quase rico.

E rico, de verdade, poderia ficar, se um nordestino chamado Assis Chateaubriand não tivesse atravessado no caminho de JK.

O poderoso e sempre surpreendente Chateaubriand – proprietário e diretor dos Diários Associados, a maior rede de comunicação instalada no Brasil – solicitou uma reunião com Juscelino Kubitschek no Hotel Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, para uma conversa que iria mudar o rumo da vida política do País.

Com seu estilo desabrido, mas sedutor, *Chatô*, como era chamado pelos íntimos e por candidatos a íntimos, foi direto ao ponto:

*- Pois então, doutor Juscelino, soube que o senhor está montando uma rede de jornais e emissoras de rádio para dar cobertura à sua pretendida campanha presidencial. Para isso, sei também que já comprou um jornal no Triângulo Mineiro e duas emissoras de rádio em Pernambuco e no Paraná.*

Juscelino, que de tolo nada tinha, percebeu logo a intenção de Chateaubriand e se limitou a concordar, em silêncio. E veio então a proposta curta e direta, no conhecido estilo do jornalista:

*- Doutor Juscelino, o senhor pode ver a cadeia de emissoras, revistas e jornais associados de duas maneiras: a favor da sua candidatura ou contra a sua candidatura. Neutra é que não vai ser. Nunca será.*

E o acordo foi selado, então.

JK desistiu do seu projeto de criar jornais e emissoras de rádio e a cadeia associada passou a defender, vigorosa e abertamente, a candidatura do político mineiro.

Eleito presidente da República em 1955, dois anos depois JK cumpriu a segunda parte do acordo. Assis Chateaubriand, que se elegera senador pelo Maranhão, renunciou ao mandato e foi designado para chefiar a Embaixada do Brasil em Londres, posição com a qual parecia sonhar há tempos, sabe-se lá por que motivos.

E, como bom nordestino, atirado e sem meias medidas, tornou-se conhecido na corte de Elizabeth II por iniciativas surpreendentes, como no episódio relacionado com um colar de ametistas que mandara fazer para presentear a Rainha.

Embora o costume inglês estabeleça que nenhum plebeu pode tocar sequer nas mãos da Rainha, Chatô fez questão de ele próprio colocar o colar no pescoço de Elizabeth, que não teve como impedir a audácia do pernambucano.

O certo é que o poderoso comandante dos Associados recebeu a recompensa completa por seu apoio à eleição de Kubitscheck, enquanto os parceiros de JK, no Brasil, desmontavam a estrutura que haviam imaginado para reforçar a campanha e dar posterior cobertura aos atos presidenciais.

O equipamento adquirido para o jornal que seria produzido em Juiz de Fora, que já havia chegado ao porto do Rio de Janeiro, teve outro destino. E, quanto a mim, retornoi a Belo Horizonte, desta vez para atuar no *Diário de Minas*, jornal recém-adquirido por Otacílio Negrão de Lima e onde fui reencontrar toda a equipe da *Folha de Minas*.

Além disso, o jornalista José Moraes, secretário de Imprensa do governador Juscelino, convocou-me para participar de um restrito grupo de trabalho de comunicação, no anexo do Palácio da Liberdade.

# Belo Horizonte de muitas esquinas e de um presidente que gostava delas



JK ouvindo Milton Nascimento, o Bituca, numa esquina de Belo Horizonte

# O irresistível JK

*“Não há esperança sem temor, nem temor sem esperança”.*

*André Comte-Sponville em “Uma educação filosófica”.*

O episódio ocorreu em Uberaba, onde já se realizava, anualmente, a concorrida feira agropecuária que até hoje atrai ao Triângulo Mineiro milhares de visitantes do Brasil e do exterior.

Grandes criadores de gado, vindos de todos os cantos do País, apresentam em Uberaba os exemplares mais belos, resistentes e promissores do seu rebanho, com a esperança de que sejam premiados, porque o valor dos vitoriosos cresce sem limites.

Designado pela *Folha de Minas* para acompanhar e cobrir a visita do governador Juscelino Kubitschek, deram-me também, como costumava acontecer na época, a missão de angariar alguma matéria paga para o jornal. Criadores de gado havia muitos, todos endinheirados, mas poucos dispostos a gastar seu dinheiro com notícias no jornal.

Procurei o proprietário do touro vitorioso na exposição e sugeri a publicação de uma reportagem especial sobre o campeão. - Um quarto de página seria o ideal – disse a ele.

O fazendeiro gostou da ideia, mas – além do touro – queria que o governador Juscelino Kubitscheck aparecesse ao seu lado na foto, que aí, sim, seria inesquecível e uma lembrança importante na vida dele.

Com a irreverência própria da juventude, hoje denominada “cara de pau”, interrompi o alegre bate-papo de JK com uma roda de expositores e políticos e lhe contei sussurrando o que se passava. Corria o risco de ser ignorado secamente pelo governador, os demais políticos, os assessores que circulavam como abelhas em torno dele.

Entretanto, com aquele seu jeito entre irônico e simpático, característica tão própria dele, Juscelino perguntou-me quem era o dono do boi e foi até ele, apertou-lhe a mão e manteve um animado diálogo com o fazendeiro, que não cabia em si de tanto orgulho.

Depois, perguntou pelo touro premiado e pelo fotógrafo. E o atento Antônio Freitas, nosso fotógrafo, registrou então, para a posteridade, a imagem do touro, do fazendeiro feliz e do sorridente JK, segurando a medalha bem ao lado do animal e do seu dono.

Concluída e registrada a cena, o Governador de Minas me chamou de lado, sempre sorridente, e sussurrou uma amigável advertência, antes de me oferecer um último cumprimento:

*- Foi tudo bem, não foi? Mas olha aqui: se você não conseguir uma página inteira, vou dizer ao Gualter (diretor da “Folha”) pra te demitir.*

Foi fácil conseguir que o expositor, deslumbrado, pagasse por uma página inteira. E o melhor de tudo é que nem tive que dividir minha comissão com JK.

Difícil é imaginar que outro governador, em qualquer Estado brasileiro, aceitaria – hoje ou mesmo naquele tempo – um apelo e um convite tão estapafúrdios de um jovem repórter provinciano...

# Um grande abraço

“... Ah, meu Deus, como tudo se passou tão depressa! Os anjos não tomam conta do tempo”.

Autran Dourado em “*O Risco do Bordado*”.

A vida profissional é cheia de surpresas, algumas delas imprevisíveis e quase inacreditáveis.

Quando atuava em Brasília junto à TVE e Agência Planalto de Notícias, convidaram-me certa vez para fazer uma palestra sobre o tema “*Comunicação na Terceira Idade*”, para um seleto clube que reunia senhoras e homens acima dos 60 anos.

Combinamos que a palestra teria a duração de 35 minutos, seguidos de um debate livre sobre o tema. Ao entrar no auditório, que ficava na região do Lago Sul, área nobre do Distrito Federal, calculei que havia mais de 40 pessoas à minha espera.

A presidente do “Clube da Melhor Idade”, esposa de destacada figura da sociedade brasiliense, apresentou-me ao público com elogiosas referências. Levantei-me então, recebido com aplausos, e caminhei lentamente para o praticável onde haviam instalado o microfone.

O silêncio no auditório indicava que havia, de fato, um interesse real pelo tema da minha palestra. Comecei por elogiar a iniciativa e o interesse do Clube da Melhor Idade por um assunto que estava na ordem do dia das autoridades governamentais, empenhadas em levar à sociedade informações sobre seus atos e decisões. E até aí correu tudo bem, como se espera de pessoas educadas.

Mas, de repente (e até hoje não sei identificar que pequeno demônio passou pela minha cabeça), pedi licença ao distinto público para fazer uma crítica à denominação que haviam escolhido para aquele grupo de homens e mulheres.

Movido pelo diabinho incógnito, desses que podem nos empurrar para a beira do fogo eterno, elevei a voz, para ter a certeza de que todos ouviriam.

- Eu os cumprimento e vejo no auditório uma maioria de mulheres, o que para nós é muito confortador. Mas me permito um reparo quanto à denominação “Clube da Melhor Idade”.

Fiz uma pausa curta, como ensinam os mestres, e prossegui:

- Eu, que já passei dos 70, tenho autoridade para afirmar que a melhor idade termina aos 40. A partir daí, já somos velhos. E a velhice é uma droga.

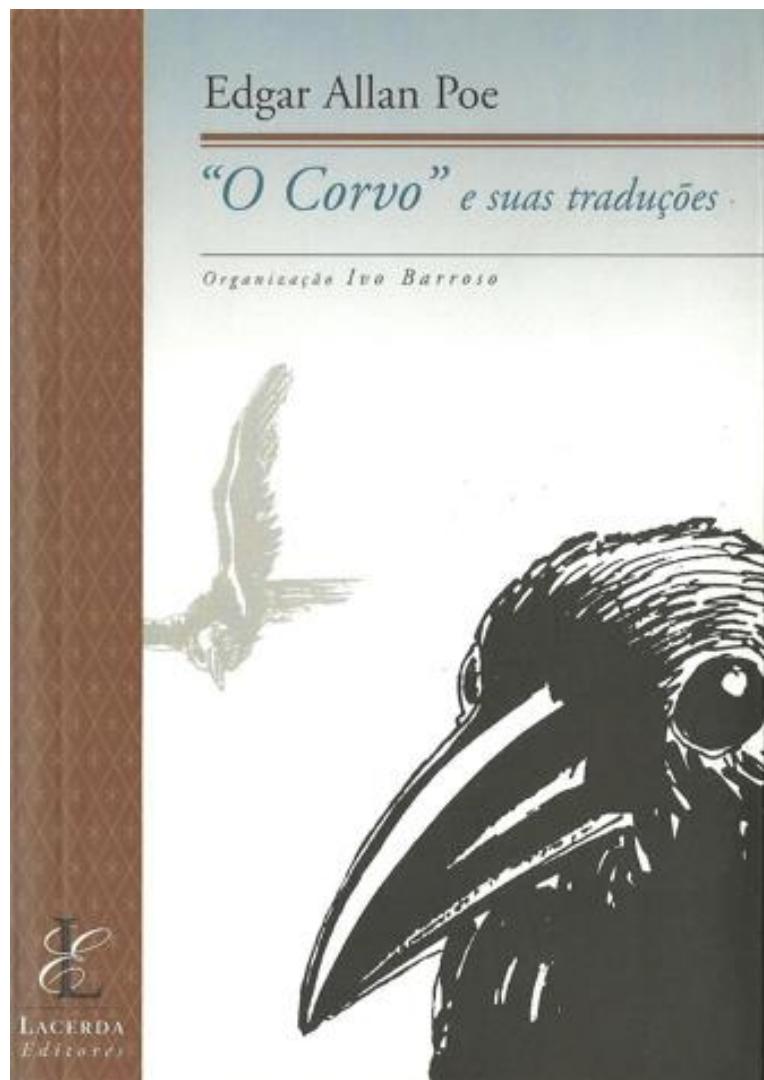
*(Um amigo, o jornalista Luiz Aparecido, que me acompanhara ao local, jura que cheguei a dizer que “a velhice é uma merda”. Ele pode ter pensado isso. Quanto a mim, jamais seria tão grosseiro com aquelas pessoas distintas e felizes por pertencerem à tal da “melhor idade”)*

De qualquer modo, o silêncio do público tornou-se mais frio e espesso que uma geleira do Polo Sul. Alguns logo se levantaram para sair. E a presidente do Clube da Melhor Idade, absolutamente perplexa, abria e fechava a boca como se mastigasse algo que pessoas razoavelmente educadas não ousam mastigar ou engolir em público.

Percebendo que já não haveria clima para continuar, recolhi as anotações, desci os degraus do praticável e, em meio aos olhares irados de mulheres e homens da melhor sociedade brasiliense, saí do auditório.

Nem tão devagar que parecesse provocação e nem tão depressa que me julgassem medroso, como cedo aprendem os políticos e os mineiros.

# Um jornalista de província e nada provinciano



# O melhor do seu tempo

*“Eu refletia, à meia-noite, erma e sombria...”*

(“O Corvo”, de Edgar Allan Poe,  
segundo Milton Amado)

Conheci profissionais inesquecíveis por seu talento, assim como gestores e funcionários de todos os níveis que nunca foram além da encenação e da fantasia. Gosto de lembrar os primeiros, por tudo que aprendi com eles. E arquivei os demais na pasta imaginária das lembranças que, com o tempo, foram perdidas.

Só outro privilégio foi maior que esse: a felicidade de contar com amigas, amigos e companheiros que também cresceram como profissionais e seres humanos admiráveis, ao longo desses anos, sempre me emprestando um pouco de seus talentos.

Se me arriscasse a citar alguns, acabaria cometendo injustiças, ao esquecer outros. Por isso, escolho o nome de um companheiro que – no jornalismo – foi uma soma de todas as virtudes profissionais e humanas que pude conhecer e apreciar.

Jornalista ainda imberbe e iniciante, li – fascinado – a magistral tradução de “O Corvo”, assinada por Milton Amado e que me tocou mais fundo que a versão de Machado de Assis, o grande nome da literatura brasileira (livro mais recente de Ivo Barroso estuda as traduções de Poe e destaca esse trabalho que menciono. )

Querendo conhecê-lo, mas sabendo que era casado e raramente saía de casa à noite, ousei procurá-lo um dia na redação de “O Diário”, onde me foi apresentado por José Mendonça, diretor do jornal. Pode até parecer estranho, mas a paixão compartilhada pela literatura costuma produzir encontros assim.

Em “O Diário”, jornal mantido pela Arquidiocese de Belo Horizonte, Milton Amado, com o pseudônimo de Lucílio Marian, publicava uma coluna diária intitulada “Quadro Negro”, repetindo o sucesso anterior de Rubem Braga e sucedido por Felix Fernandes Filho, ambos na “Folha de Minas”.

Milton Amado jamais ganharia um concurso de elegância masculina. Magro, curvado, tímido, sempre se vestiu mal e nunca se entregou a exibições e piruetas sequer no campo da sua especialidade, o jornalismo e a literatura. Entretanto, foi quase um gênio, nesse território minado. E um gênio reconhecido por intelectuais de renome, como Aurélio Buarque de Holanda, Érico Veríssimo e Carlos Heitor Cony.

Traduzia obras de grandes autores, como Cervantes e La Fontaine, para a Editora Itatiaia, dirigida na época por Pedro Paulo Senna Madureira, e era admirado por escritores de renome. Além disso, fazia traduções assinadas por outros escritores mineiros, que lhe pagavam por seu trabalho e ficavam com as honras da autoria.

Consta que Oscar Mendes, nome coroado em Minas, por exemplo, era um dos seus clientes, mas não tenho provas disso, salvo pela confidência do próprio Milton Amado, depois que já havíamos consumido algumas doses daquela saudosa *Januária*, a caninha que sempre foi sua mais fiel companheira.

Foi ele o melhor redator do meu tempo, opinião confirmada por José Mendonça, então diretor do jornal mantido pela Arquidiocese e ele próprio um respeitado profissional da imprensa, poliglota que conhecia e dominava o latim, grego, hebraico, francês e inglês.

Ameno, cordial, simples e correto são apenas algumas das qualidades que as pessoas, muitas pessoas, atribuíram a Milton Amado, profissional respeitado, querido e admirado por todos, desde aqueles que dirigiam o rival “*Estado de Minas*” até os repórteres de polícia de “*O Debate*”.

Nascido em Governador Valadares, em 1914, ano da Primeira Grande Guerra, Milton Amado faleceu em Belo Horizonte em 1974. Interrompida assim tão cedo, a vida e a obra de um dos grandes nomes da imprensa mineira são até hoje reverenciadas por aqueles que sabem reconhecer e admirar, sem inveja, o talento dos seus contemporâneos.

# Ninguém era inocente do Montanhez...



# Os bailes do Montanhez

*“Nunca fui ao Montanhez sozinho. Estudante pér-  
rapado que era, ia sempre com alguns colegas,  
para a indigente divisão das despesas!”*

Márcio Rubens Prado, no livro *Montanhez*

Por mais remoto que seja o local escolhido, as grandes obras de construção urbana atraem, além dos candidatos autênticos a uma oportunidade de trabalho, toda espécie de aventureiros. E, inevitavelmente, uma legião de senhoritas e senhoras que o zé povinho chamava, naquele tempo, de “damas da noite”.

Sendo a maior e mais discutida obra pública da sua época, no Brasil, a construção de uma nova capital entre as montanhas de Minas Gerais foi fiel a esse costume histórico.

A vida não estava fácil para ninguém e muito menos para elas, mas as profissionais da noite vieram em bando para a antiga Serra do Curral. Vieram para ficar, como aconteceu em outras províncias brasileiras, e se estabeleceram nos locais de acesso mais fácil para os trabalhadores. E, com elas, vieram inovações que roubavam o sono dos pais e faziam de cada noite uma nova aventura para a rapaziada.

O Montanhez (como se escrevia então) foi uma dessas novidades. Frequentar o Montanhez, cabaré dançante na Rua dos Guaicurus, onde só se podia entrar de terno e gravata, era a diversão preferida de jornalistas e estudantes, naquele remoto tempo. E até ele era uma diversão controlada por fiscais, para garantir que ninguém abusasse das moças e nem saísse sem pagar.

Ao entrar, recebia-se um cartão, para ser picotado e marcado pela dama, a cada dança concluída. Entretanto, como jornalistas e estudantes nunca foram de carregar dinheiro no bolso ou guardá-lo debaixo do colchão, o grande golpe, para dançar mais vezes que as registradas no cartão, era namorar a parceira.

Poucos alcançaram esse privilégio, bem poucos, e era um momento de glória, quando conseguiam. Aí, podiam dançar dez vezes seguidas, ao som da

orquestra regida pelo maestro Castilho, mas o cartão marcava só a metade. Ou até menos, quando os fiscais se distraíam.

Era permitido dançar. E só dançar. Nada mais. O ambiente exigia respeito, como nas gafieiras do Rio de Janeiro. Vi, mais de uma vez, homens serem alijados do salão por desrespeitarem a parceira. Os bravos fiscais, chamados de “leões de chácara”, não hesitavam em expulsar qualquer indivíduo metido a engraçadinho.

Mas todo esse cuidado nunca impediou que os espertos tentassem saltar a cerca, como aconteceu com um amigo muito próximo, colega na Faculdade de Direito e companheiro no CPOR. Dono de certa independência financeira, porque seu pai era proprietário de um bar de grande movimento e com mesas de sinuca, na Floresta, esse amigo, já quase noivo de uma jovem estudante de Medicina, aplicou o “golpe do namoro” com uma dançarina do Montanhês.

A garota passou a ser a sua parceira de todos os sábados, nossa noite de ir ao cabaré. E, com o passar do tempo, percebi que meu amigo falava cada vez mais da “sua” dançarina. Além disso, trocou a nossa rotina dos sábados pela frequência durante a semana, quando o Montanhês ficava mais vazio. Resumindo a trama da novela, meu amigo estava perdidamente apaixonado por sua parceira de dança.

Além de romper o noivado com a estudante de Medicina, sem contar aos amigos, deixou de ir à Faculdade e aos exercícios militares no CPOR durante uma semana inteira, para viajar com sua amada. Poucos meses depois, naquele mesmo ano e rejeitando as ponderações e conselhos dos amigos, casou-se com a bela garota do Montanhez.

Foi o fim do seu sossego e o começo de um tempo marcado por ansiedades e desconfianças. Ao sair com a esposa pelas ruas da cidade, ainda provinciana, ir a uma sessão de cinema ou fazer compras, olhava – desconfiado – para qualquer homem que cruzasse o seu caminho, buscando sinais de crítica ou de tentativa de sedução da sua amada.

Após algum tempo, afastou-se até dos amigos, deixou de frequentar os nossos bares preferidos e se enclausurou na casa que alugara em Venda Nova, bairro distante do centro. Em dezembro, apareceu sozinho na festa de colação de grau, realizada no Cine Brasil, não foi ao baile de formatura, no Cassino da Pampulha e, antes do Natal, partiu para outra cidade, sem deixar endereço.

Nunca mais tivemos notícias dele.

Em 1945, ano da pequena história que se segue, a chamada “zona do meretrício” já ocupara, em Belo Horizonte, toda a extensão da Rua dos Guaicurus, desde a Feira de Amostras (onde hoje impera a Estação Rodoviária) até a Praça da Estação e os primeiros quarteirões das ruas São Paulo e Rio de Janeiro, transversais.

Um dos meus colegas na Faculdade de Direito (e certamente não foi o único a gozar de tal privilégio), tornara-se amante – ou amasiado, como se dizia na época – da proprietária de uma pensão localizada na Rua Rio de Janeiro, entre a Avenida Oiapoque e a Rua dos Guaicurus.

Informado de que o rapaz estava gravemente enfermo, cometi a tolice de visitá-lo à luz do dia, nessa área movimentada – e vigiada - da cidade, por onde passavam inocentes pedestres durante o dia e, ao cair da noite, as garotas de todas as madrugadas.

As “moças de família” que residiam naquele trecho da Floresta desciam pela Rua Varginha e, ao passarem pelo “*território do pecado*”, seguiam pelo meio da rua, evitando a calçada e os possíveis e indesejáveis encontros.

Nessa época, morava na Rua Varginha, no alto da Floresta, roteiro natural para quem descia caminhando para o centro da cidade. A Varginha terminava na ponte sobre o Ribeirão Arrudas e a Rio de Janeiro começava depois da ponte, em direção ao centro. Desci mais cedo que de costume, para fazer a visita ao colega e amigo. E às sete e meia da manhã, tão inocente e puro quanto entrara, saí da pensão noturna no exato instante em que um grupo de moças – e entre elas a minha namorada – passava em frente à casa.

Perdi a namorada, é claro.

A jovem nem sequer permitiu que eu lhe desse a minha versão do que acontecera; não sendo jornalista, não estava interessada em apurar as possíveis versões do fato ! Para ela e suas companheiras, eu vinha de uma noitada altamente pecaminosa. E pecado tão grande, ensinavam às meninas, não podia ser perdoado por “moça de família”.

Anos mais tarde, com a valorização da área, o prefeito Américo Renê Gianetti decidiu transferir as moradoras da *zona* para a Rua Bonfim. Foi um desastre. A maioria das mulheres se mudou para lá, mas algumas resistentes

permaneceram na Guaicurus ou foram criar pequenas ilhas de pecado em diversos pontos da Lagoinha e adjacências.

Quem lê alguns livros do jornalista e escritor Wander Piroli pode entender perfeitamente o cenário, o susto e a decepção daquela antiga moça de família, mesmo que não tenha frequentado a região.

# A voz do dono



# A visita do Big Shot

*“...há outras pessoas que se não salvam o mundo é só porque o mundo não se deixa salvar”.*  
**José Saramago** em “*Todos os nomes*”.

Como a TV Itacolomi foi montada exclusivamente com equipamentos fabricados e fornecidos pela RCA Victor, um dos principais executivos da empresa americana tornou-se amigo de Assis Chateaubriand e, a convite do nosso comandante, veio ao Brasil conhecer as cidades onde já haviam sido inauguradas as emissoras de TV associadas: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Foi motivo de várias homenagens, banquetes e coquetéis nos melhores clubes do Rio e de São Paulo, com a presença de governadores, prefeitos, empresários, jornalistas. Foram tantas as recepções, tantos os coquetéis, tantos os discursos, que o executivo norte americano, com mais de 70 anos de idade, chegou visivelmente exausto a Belo Horizonte.

Do Aeroporto da Pampulha, onde diretores dos Diários Associados e autoridades o receberam, seguiu direto para o Grande Hotel, na Rua da Bahia, e se trancou na suíte presidencial para repousar. Não quis nem saber do café que os anfitriões lhe ofereceram.

Sua programação, de apenas um dia, incluía visita aos estúdios da TV Itacolomi, onde seria servido um coquetel, visita ao governador e jantar de gala no restaurante do Automóvel Clube.

Onofre Miranda, chefe de relações públicas dos Diários Associados de Minas, foi incumbido de ciceronear o executivo da RCA Victor em um passeio pela cidade, antes do jantar que reuniria o *grand monde* belorizontino.

A aflição começou por volta das 9 horas da noite. Sem notícias, ninguém sabia do paradeiro dos dois. Chegou a hora do jantar e nenhuma notícia. Por volta das 11 horas, telefonema dado pelo Onofre Miranda informava que o visitante não tinha condições de comparecer à homenagem e pedia desculpas por sua ausência. O gerente da empresa, em Belo Horizonte, o representaria no jantar.

No dia seguinte, bem cedo, o executivo da RCA embarcou no Aeroporto da Pampulha para o Rio e, de lá, retornou aos Estados Unidos.

Dias depois, Chateaubriand recebeu longa carta de agradecimento assinada pelo *big shot* americano: meia dúzia de linhas sobre a recepção no Rio e em São Paulo e duas páginas sobre a visita a Belo Horizonte.

Entusiasmado e encantado, citou várias vezes o nome de Onofre Miranda, para cumprimentar os Diários Associados pela competência e profissionalismo do seu chefe de relações públicas, que lhe propiciara os melhores momentos da sua passagem pelo Brasil.

O que não disse e nem lhe perguntaram foi o motivo de tanta satisfação e tanto calor. Acontece que Onofre Miranda, ao buscá-lo no hotel e percebendo a exaustão do visitante, alterou o seu tour pela cidade. Levou o visitante a alguns pontos tradicionais, sem se deter neles, e à noite desviou o roteiro que os levaria ao Automóvel Clube. Visitaram os cabarés da zona boêmia, tomaram drinques no Chantecler e dançaram no Montanhez.

O homem voltou ao hotel às quatro da madrugada, descansado, feliz e lampeiro. E na carta a Assis Chateaubriand contou que vivera, em Belo Horizonte, momentos inesquecíveis. Os melhores da sua visita ao Brasil.

Onofre sabia das coisas, todas elas.

# Aventuras noturnas



# Estranhos prazeres da noite

*“No trato com os poderosos, sempre que necessário, nunca teve receio de usar a heresia, a irreverência ou o atrevimento”.*

**Passos de uma Paixão** – Dídimos Paiva e a dignidade no jornalismo.

O consumo de drogas, fantasma dos tempos atuais, podia até ser um problema em Nova Iorque ou Paris, onde grandes músicos e cantoras famosas já fumavam, cheiravam ou injetavam no corpo esses métodos de busca do prazer desmesurado e da morte, mas na década de 40 ainda não chegara ao cotidiano dos jovens mineiros.

Nas madrugadas frias da Capital ainda em formação, jornalistas e estudantes desafiavam a morte e os bons costumes com extravagâncias que, relatadas hoje, podem até provocar um discreto sorriso, travessuras adolescentes, mas que nem por isso deixavam de ser perigosas para os praticantes e detestadas pelas autoridades.

Uma dessas aventuras noturnas era escalar o estreito arco de cimento do Viaduto de Santa Teresa, em cima da Serraria Sousa Pinto, e caminhar por ele até a outra ponta, a 20 metros de altura dos trilhos da ferrovia. Tínhamos plena consciência do perigo que corriámos, mas em todos os tempos e lugares o desafio à morte sempre exerceu estranho fascínio sobre os jovens. Principalmente quando impulsionados pela coragem da embriaguez.

Numa certa madrugada, com todos os bares já fechados, um grupo de jornalistas e intelectuais decidiu realizar essa proeza, que outros já haviam realizado antes de nós. Os primeiros aventureiros a escalar o arco foram dois futuros escritores – Murilo Rubião e Fritz Teixeira de Salles – e o também futuro mestre do Direito José Maria Casasanta.

Os três completaram a travessia.

Em seguida, foi a vez do poeta Emilio Moura, que enfrentou muito bem a subida, mas – alcançado o ponto mais alto da curva – ficou paralisado pelo medo. Nem tremer ele tremia, para não correr o risco de desabar. E, logo atrás do poeta, outros dois malucos já estavam chegando ao ponto mais alto e não podiam nem continuar o desafio, nem recuar.

Um berreiro coletivo se instalou em plena madrugada. E foi preciso chamar o Corpo de Bombeiros para retirar, com algum esforço e cuidado, os *Tres loucados do Viaduto*. E sendo esse desafio uma espécie de prova de machismo e coragem, defendemos a honra dos companheiros por algum tempo, mantendo rigoroso sigilo em torno do fracasso.

Por algum tempo, sim, porque jornalistas são escravos dos fatos, mas também das revelações de tais fatos, algo genético, creio, inscrito no DNA. E alguém, jamais identificado, não resistiu à tentação de relatar aos ausentes o vexame daquela madrugada.

Em outra madrugada, depois de “fechadas” todas as páginas do jornal, saímos juntos da redação rumo ao restaurante popular da Rua Goiás, cenário quase obrigatório da ceia diária dos jornalistas, mais devido ao preço baixo do que à qualidade da refeição que nos serviam.

Fazia muito calor, algo pouco comum nas madrugadas da Belo Horizonte daquele tempo, e algum dos valentes rapazes da imprensa deu a ideia de tomarmos banho nos lagos da Praça da Liberdade, àquela hora absolutamente deserta.

Ideias assim viravam imediatamente um desafio, ao qual ninguém podia fugir, sob pena de já acordar no dia seguinte devidamente maltratado pela maledicência dos companheiros.

E lá fomos nós, rumo à Liberdade, certos de que nenhum obstáculo impediria o banho noturno do nosso pequeno exército de Brancaleone. Naquela época os policiais também se recolhiam mais cedo aos quartéis.

Nada a temer, portanto.

Só não sabíamos, é claro, que uma das patrulhas da polícia do major Ernesto Dorneles iria passar logo em seguida pelo local e apanhar em flagrante um bando de jornalistas pelados.

Certamente sonhando em ir bem depressa para sua casa, sua cama e sua mulher, o sargento que comandava a patrulha ficou tão bravo diante da cena que ordenou a imediata apreensão das nossas roupas, todas elas. E nos levou, nus e frustrados, diretamente para o prédio da Secretaria de Segurança Pública, bem em frente ao lago.

Mas prender jornalistas, naquela época, era privilégio da polícia política, e o sargento, preocupado com a repercussão do banho e das prisões, ligou imediatamente para o secretário de Segurança.

Já eram quase cinco da manhã, quando desembarcou no prédio da Secretaria o delegado Hélio Soares de Moura, com ótimo humor, apesar de ter deixado para trás os seus cobertores. Riu da situação e do nosso desconsolo, ordenou a devolução das nossas roupas e ainda nos ofereceu a conveniente talagada de conhaque, embora o inverno ainda estivesse bem distante.

# Elegância mineira



# Many, pioneira da moda

*“Tantas coisas que antes teriam sido importantes para ele não o eram mais”.*  
**Italo Calvino**, em “O Barão nas árvores”.

Cidade funcionalista e provinciana, a Belo Horizonte dos anos 40 aprendia, lentamente – e às vezes com algum espanto – a imitar Londres e Paris, metrópoles que já ditavam costumes e modas que o planeta inteiro iria adotar nas décadas seguintes.

Ainda que não ousassem usar, em público, as criações, costumes e estilos das britânicas e francesas, as garotas e madames da Serra do Curral admiravam, secretamente, a coragem das pioneiras.

Many Catão, elegante e criativa artesã de chapéus para madames, sempre foi uma dessas pioneiras. Extrovertida, falante e sintonizada com os costumes europeus, foi a primeira a romper com o estilo interiorano que vigorava na jovem capital mineira.

Na cidade provinciana, com seu espaço geográfico limitado pela Avenida do Contorno e só ultrapassado pelos bairros da Floresta e de Santa Teresa, os homens usavam obrigatoriamente chapéu, terno e gravata, para trabalhar ou frequentar bares e cinemas.

Já as mulheres de todas as idades, vigiadas de perto por mães, pais, tias e avós, jamais saíam de casa com saias e vestidos acima dos joelhos ou blusas justas ou decotadas. A ordem vigente, ainda que eventualmente desafiada por mocinhas mais fogosas, era jamais atrair a atenção indevida do público masculino e nem dar motivo para falatórios à banda feminina.

A Avenida Afonso Pena, totalmente arborizada por duas alas paralelas de ficus, era o centro *chic* da cidade e ia da Feira Permanente de Amostras – onde depois foi construída a Estação Rodoviária – até a antiga Praça do Cruzeiro.

Durante o dia, por esses quarteirões centrais onde se instalaram as principais lojas, circulava a maior parte da população de 350 mil habitantes da

jovem capital mineira. E à noite, de um lado e de outro da Avenida Afonso Pena, entre a Avenida Amazonas e a Rua da Bahia, a juventude fazia o seu discricionário *footing* nas calçadas. De um lado, só as brancas e os brancos. Do outro, mulatas e negras, observadas por mulatos e negros.

E, por mais curiosos que fossem, os homens e as mulheres não cruzavam a avenida para o lado oposto. Apenas o cronista Franklin Teixeira de Salles, da *Folha de Minas*, irreverente e desafiador, tinha permissão para atravessar a Avenida e admirar sem pecado as curvas generosas das mulatas que ali desfilavam.

Importado das pequenas cidades do interior de Minas, esse costume do *footing* noturno, entre seis da tarde e, no limite máximo, dez da noite, durou quase duas décadas, em Belo Horizonte, enquanto a população crescia vertiginosamente e tudo o mais mudava rapidamente.

Certo dia, às duas da tarde, indo pela Avenida Afonso Pena rumo à redação da “*Folha de Minas*”, na Rua da Bahia, percebi que um grupo de curiosos acompanhava alguém, em silêncio e a poucos passos de distância. Parecia uma passeata silenciosa e sem cartazes. Como os jornalistas são mais curiosos que quaisquer outros seres da espécie humana, acelerei o passo até ultrapassar o grupo e identificar a pessoa que atraíra a atenção de tantos pedestres.

E lá estava Many Catão.

Saída de casa ornamentada com um dos seus belos chapéus e – santo Deus! – usando calças compridas, vestimenta que, em Belo Horizonte, só vinte anos depois iria se tornar um costume *aceitável* para as mocinhas e, mais tarde ainda, das senhoras.

Nos dias seguintes, as colunas sociais não trataram essa ousadia como escandalosa, mas registraram, discretamente, o espanto e a perplexidade dos colunistas. Mais segura de si mesma do que quaisquer curiosos e colunistas, Many deve ter dado boas gargalhadas, após esse passeio pelo centro da cidade. E, que fique o registro: essa pioneira nunca foi de riso fácil.

Sempre que convocada por famílias ricas ou bem situadas, Many cuidava de preparar as noivinhas trêmulas. E, na véspera do casamento e também algumas horas antes da escalada até o altar, ela assumia o comando não só da casa da noiva,

mas também da empregada, dos pais aflitos e nervosos, do noivo curioso e do resto da família.

Além de dar ordens a torto e a direito, jamais hesitou em expulsar do quarto o noivo que insistisse em ver sua futura esposa já vestida a caráter, no ensaio final. Simplesmente ordenava ao cara que fosse para a rua, atrás da sua turma ou encontrasse qualquer outra diversão, porque naquele dia a noiva não lhe pertencia.

E ai do rapaz, se resistisse às ordens.

Mas, no dia seguinte, tão elegante quanto a própria noiva, lá estava ela, bem perto do altar, para verificar se as recomendações estavam sendo obedecidas nos mínimos detalhes.

Aí – e só então – permitia que o noivo beijasse a noiva.

# Hora do *rush* em 1950



# Um bonde rumo ao passado

*“Nem sequer a chegada do bonde fez o homem  
levantar a cabeça”.*

*“Trabalhadores do Brasil”, conto de Wander  
Piroli.*

Cantados em prosa & verso por jovens e bons poetas e contistas, em Belo Horizonte e nas maiores cidades brasileiras, os bondes não só transportavam operários rumo ao trabalho, mas também levavam belas senhorinhas para a escola e senhores engravatados e de chapéus rumo aos escritórios e esquinas do cento da cidade.

Havia “carros de aluguel” (os atuais táxis), que ficavam estacionados sob os fícus ao longo da Avenida Afonso Pena, mas no final da década de 40 os bondes foram o principal meio de transporte público, tanto em Belo Horizonte quanto em São Paulo e no Rio de Janeiro. Lentos e barulhentos, anunciam e expunham, desde as primeiras horas da manhã até o fim da noite, a trajetória de cada mulher, homem e criança por ruas e avenidas.

Dependurados do lado de fora, os cobradores se equilibravam de uma fileira de assentos para a outra e muitos se tornaram personagens conhecidos nas jovens metrópoles.

O poeta Carlos Drummond de Andrade e o escritor Wander Piroli contribuíram para que homens e mulheres comuns, em Belo Horizonte, percebessem a poesia não só desse meio de transporte, mas também dos encontros diários das pessoas que iam e vinham pelas ruas da cidade.

Na cidade ainda provinciana e provisória, os pedestres podiam acompanhar de perto a trajetória de todas as pessoas. Era quase impossível fazer segredo da movimentação de jovens e adultos ou ocultar algum destino diferente e especial. A cidade era tão transparente quanto seus moradores.

E algumas linhas de bonde, usadas diariamente por jovens alunas, como aquelas senhorinhas incrivelmente belas do Colégio Santa Maria, sempre foram

acompanhadas com grande interesse pelos conquistadores de plantão, que se postavam na rota diária para os *flirts* à distância.

Só que esses bondes, descendo da Rua Pouso Alegre para a Praça Rui Barbosa, traziam sempre uma freira atenta, atuando como guardiã-chefe e incorruptível das garotas. Bastava um olhar fixo e feroz da religiosa para que os sedutores de plantão fingissem olhar para o outro lado.

Para a maioria desses jovens, era a única oportunidade diária de ver as futuras namoradas e, quem sabe, até as futuras noivas e esposas. O bonde e as garotas do Santa Maria ainda sobreviveram por muitos anos na memória de Belo Horizonte. Mas só na memória...

No ano de 1947, o bonde foi meu companheiro de todos os dias e noites, como instrumento de trabalho, usado para buscar notícias em todas as fontes e para o retorno à redação do jornal. E era também o meio de transporte que me levava à casa da namorada e nos trazia de volta ao centro, rumo aos cinemas e aos bares frequentados por casais de jovens.

Aventura mais longa, com a namoradinha, só mesmo nos fins de semana, indo do centro da cidade até a represa da Pampulha.

Tomávamos o bonde no abrigo da esquina da Rua da Bahia com a Avenida Afonso Pena e saímos do centro da cidade pelos bairros de Santa Teresa e Floresta, passando pela Cachoeirinha (a Avenida Antônio Carlos e o viaduto da Floresta só foram construídos alguns anos depois).

E em 45 minutos de “viagem” chegávamos ao destino.

Os mais audazes podiam atravessar a Lagoa da Pampulha em barquinhos e passar o dia inteiro contemplando a louca e sedutora invenção de JK. Em apenas um ano, percorrendo cerca de 70 quilômetros de trilhos, os bondes chegaram a transportar quase 73 milhões de pessoas. Por aí se percebe a importância desse modo de transporte na vida cotidiana de Belo Horizonte e no imaginário de poetas e contistas.

Desde 1950, com a retirada dos trilhos da Praça Sete e ao longo da Avenida Afonso Pena, aos poucos os ônibus – mais rápidos e, eventualmente, mais confortáveis – foram substituindo os bondes. Até a vida ficou mais rápida e menos poética, desde então.

Em 1963, foram desativadas as últimas linhas e retirados os trilhos por onde trafegavam os bondes. Já então não se podia mais recitar o falso poema que vinha na parte interna e mais alta de todos os bondes:

*- Tudo passa, é passageiro, menos o cobrador e o motorneiro.*

A verdade é que tudo passou bem depressa, em nome do tal progresso, deixando muita saudade. Hoje, na metrópole de quase três milhões de habitantes, o metrô e os ônibus podem ser (e são) mais rápidos que os bondes daquela jovem capital de 350 mil moradores.

Mas que poeta ou contista irá falar das toneladas de gases poluentes lançadas nos céus da cidade ou dos 57 milhões de passageiros transportados em um ano?

Números assim só cabem em relatórios burocráticos. Não há lugar para eles em contos, poemas e memórias.

# Almoço com os amigos



# Os homens e o rio

*“... aventuras reais, pensei, não acontecem para os que ficam em casa; devem ser procuradas”.*

James Joyce, em *Dublinenses*.

Toda pescaria é inesquecível, mesmo quando não há peixes.

Nunca perguntei isso a eles, mas um desses antropólogos que julgam saber tudo talvez saiba explicar por que os homens, mesmo que jamais cheguem a pescar, amam tanto a ideia de uma boa pescaria, sobretudo se não há mulheres por perto.

Pode ser a sensação de total liberdade, à beira do rio?

O gosto de contar, depois, estórias mirabolantes?

Ou, talvez, a oportunidade de provar que, após milênios de dependência, ainda sabemos sobreviver sem elas, as mulheres, tanto para acender o fogo quanto para preparar e apreciar o que vamos comer. Mas só para isso, ou pouco mais...

O certo, mesmo, é que toda pescaria dura para sempre, como demonstrou o *coleguinha* e escritor Ernest Hemingway, em “O Velho e o Mar”. E também não é desprezível a hipótese de que a pescaria significa o último e real campo de batalha que resta aos civis, fora do escritório nosso de cada dia.

Esta é uma história de escritório e pescaria, do tempo em que a então TV Belo Horizonte-Globo estava instalada na Rua Rio de Janeiro e ainda era dirigida por José Otávio de Castro Neves, um sujeito de bem com a vida, criativo e sempre bem-humorado.

Dia após dia, ao chegar à emissora, José Otávio cumprimentava o Clóvis, tímido porteiro da emissora, sempre com a mesma notícia:

- *Hoje eu “dei” duas...*

Num certo dia de setembro, acompanhando Walter Clark, o então poderoso diretor da TV Globo, que visitava a emissora, José Otávio, até por força do hábito, comentou com o porteiro empertigado:

- *Hoje “dei” duas...*

É impossível imaginar o que passou pela cabeça do Clóvis, mas – no exato momento em que desfilavam pela portaria os dois diretores e sua comitiva – ele retrucou, pela primeira vez, em voz alta e bem clara:

- *O senhor dá quantas vezes quiser. O senhor dá o que é seu...*

Desde aquele momento, decidimos atender ao pedido do Clóvis para nos acompanhar em nossa próxima pescaria, mas sob a condição de que, no primeiro dia, preparasse o almoço para o nosso grupo de cinco pescadores.

Às seis da manhã, saímos do rancho e descemos de barco o Rio São Francisco até a grande corredeira da Catuaba. Enquanto isso, o Clóvis deveria mobilizar toda a sua inspiração e aprontar o almoço do dia: macarronada com molho de queijo. Retornamos, depois de duas da tarde, naturalmente famintos.

Na porta do rancho, mais bêbado que um gambá sortudo, o Clóvis gritou, exasperado, quase enlouquecido:

- *Que merda de cachaça é essa que vocês trouxeram?*

Por não saber nada de cozinha, o nosso improvisado “cuca” abrira, “só pra tomar coragem”, uma garrafa da aguardente *Januária*.

E, sob a inspiração dessa companheira habitual dos pescadores, acendera o fogo, encherá de água um caldeirão e jogara tudo lá dentro: o conteúdo de dois pacotes de talharim e todo o queijo ralado que tínhamos levado. Quase meio quilo.

Percebendo que essa mistura não funcionava bem, abrira outra garrafa, em busca de mais inspiração e pensando que também fosse de cachaça. E tomara um gole tão grande quanto o tamanho do problema. Só que essa companheira garrafa não continha pinga, mas o querosene intitulado *Jacaré*, usado nos lampiões *Aladim* que iriam iluminar as nossas noites no rancho.

O almoço não chegou a ser um problema: fritamos os modestos piaus arrecadados no rio. Quanto ao Clóvis, dormiu por mais de 24 horas, na rede esticada sob uma cajazeira.

De volta a Belo Horizonte, convidei o Clóvis, que sobrevivera ao querosene, para um almoço com os demais companheiros da pescaria. Preparei, então, um prato simples, para compensá-lo da desastrosa experiência vivida em Três Marias: fettuccini ao molho de amêndoas.

Se alguém quiser reproduzir a memória daqueles dias, saiba que os ingredientes são simples e fáceis de lembrar: meio quilo de massa, 200 gramas de nozes, 100 gramas de castanhas de caju, duas xícaras de azeite, dois dentes de alho, 100 gramas de queijo ralado, uma caixa de creme de leite e salsinha a gosto.

Para começar, é só bater ligeiramente no liquidificador todos os ingredientes, menos a massa e o creme de leite. Depois, cozinhar o *fettuccini* e reservar.

Em seguida, levar ao fogo médio uma frigideira funda, com o azeite, e colocar os ingredientes, misturando bem. Adicionar o creme de leite e, finalmente, a massa cozida. E, por cima de tudo, não esquecer a salsinha, bem lavada e sem resíduo de água.

Nem precisa ir ao forno, para fazer o maior sucesso, porque na beira do rio toda fome é sempre grande.

Os iniciantes em cozinha podem experimentar também uma receita inacreditavelmente simples, mas que faz o maior sucesso, tanto em casa quanto às margens do São Francisco, de outros rios ou até do mar.

Chamo esse prato de “peixe rosa” e uso como ingredientes um quilo de filés de peixe (de escamas ou de couro, de rio ou de mar), um copo de purê de tomates e um copo de requeijão cremoso, além de sal, pimenta e limão.

Tempero os filés de peixe com sal, pimenta do reino e caldo de um limão e deixo tudo descansar por 15 minutos, no mínimo. Em seguida, misturo bem o purê de tomates e o requeijão cremoso e passo dos dois lados dos filés. Arrumo os filés em uma assadeira, jogo em cima a mistura que sobrou e levo ao forno quente, durante 20 minutos.

É a minha tardia homenagem ao Zé Otávio, ao Clóvis, ao Rio São Francisco, à aguardente *Januária* e aos tempos antigos.

# Nunca mais saiu de nossas vidas...



“O Direito de Nascer” - o maior sucesso da história da TV

# O nascimento da TV

*“A lembrança revivida nunca é algo simplesmente desarquivado: é uma descoberta”.*

**George Steiner**, em “*Nenhuma paixão desperdiçada*”.

O equipamento da RCA Victor, para a instalação da TV Itacolomi, foi todo ele adquirido nos Estados Unidos. A montagem das peças, de alta tecnologia para a época, seria completada naquele país e transportada para Belo Horizonte.

O engenheiro Vitor Purri Neto viajou para os Estados Unidos com a missão de participar da montagem e se familiarizar com a complexidade de uma estação transmissora de imagens. Uma surpresa, porém, esperava por ele.

Por não ser sindicalizado naquele país, não o autorizaram a participar dos trabalhos. Por isso, limitou-se a ser um “olheiro”, para acompanhar à distância tudo que acontecia e que ele teria que aprender. Ainda assim, aprendeu o suficiente para instalar a emissora no 23º e 24º andares do Edifício Acaiaca, com suas antenas dominando a cidade.

Inaugurada, com absoluto sucesso, por Assis Chateaubriand, a Itacolomi formou uma equipe brilhante. E alguns feitos posteriores da equipe de técnicos, liderada por Vitor Purri e Adauto Machado, surpreenderam até os mais experientes funcionários das duas outras emissoras associadas, as TVs Tupi do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Um dos grandes desafios, naqueles primeiros tempos, foi a transmissão de uma partida de futebol realizada fora da Capital. A emissora contava com um único carro de reportagens e não havia *links* capazes de enviar imagens até a torre de transmissão.

Como as imagens de televisão não contornam obstáculos, ao contrário das ondas hertzianas, e a partida de futebol seria realizada em Sabará, tendo a Serra do Curral como grande obstáculo a ser transposto, era preciso inventar um caminho alternativo.

A imaginação e a criatividade dos técnicos do Canal 4 nunca foram tão eficientes. No ponto mais alto do morro, eles montaram uma tela – dessas de galinheiro – e junto dela o equipamento complementar.

De Sabará, o carro de reportagens enviaria as imagens para a tela, instalada em um ângulo capaz de direcioná-las para a torre da emissora, no Edifício Acaíaca. Pela primeira vez, em Minas, um jogo de futebol realizado no interior do Estado pode ser visto na capital. Narrado por Cleto Filho, o chefe da secção de esportes da emissora. Um sucesso quase inacreditável, para aquele tempo. Depois dele, já com melhor suporte técnico, foram narradores de esportes no Canal 4 Milton Colen e Dênio Moreira.

# Visitando os perigosos comunistas



# As portas do Kremlin

*“Sou um homem que, desde a juventude, sempre teve a convicção de que o caminho mais fácil na vida é o melhor”.*

Herman Melville, em *Bartleby, o escrivão*.

Entre os 30 e 70 anos de idade tive a oportunidade de fazer um bom número de viagens, a praticamente todos os estados brasileiros e a diversos países nas Américas e na Europa, poucas vezes a trabalho e muitas por simples lazer, visitando os países que mais me atraiam: Uruguai, Argentina, Peru, Colômbia, México e Estados Unidos; Portugal, Espanha, França, Itália, Inglaterra, Alemanha, Dinamarca, Polônia, Suíça, Áustria, Finlândia, Suécia, Rússia e Ucrânia.

Mário Veras, publicitário em Minas, morando hoje em Salvador, Bahia, foi meu companheiro de viagem a muitos desses países (lembro-me de termos comemorado o aniversário dele num restaurante em Berlim – chucrute, pouco provável para mim, cerveja alemã, certamente).

Cidades como Copenhague, Helsinque, Lisboa, Roma, Viena, Florença, São Petesburgo e Barcelona me encantaram e voltei a algumas delas pelo menos mais uma vez. E Paris, a maior paixão dos românticos, sempre foi a predileta. Estive também em Kiev, Varsóvia, Madrid, Berlim, Lima, Cidade do México e três vezes em Nova York, uma cidade que sempre me pareceu hostil.

Mas, entre todas elas, foi em Moscou, certamente, que vivi a experiência mais incrível.

Era um domingo de pausa no trabalho de cobertura jornalística da Conferência Internacional de Medicina, motivo da minha viagem, e decidi visitar o Kremlin, que tem mesmo a aparência externa de uma fortaleza e fica na Praça Vermelha, bem no coração de Moscou.

Toda a área, com uns 30 mil metros quadrados, é cercada por muralhas de proteção do poder e seus símbolos mais antigos: Palácio do Governo, museus,

estátuas, igrejas várias vezes centenárias, além do antigo palácio e residência dos czares, quase tudo coberto ou cercado de ouro e da imensa curiosidade dos visitantes.

Pagava-se caro para entrar no Kremlin.

Aos domingos, na ocasião em que estive lá, permitia-se que os soldados estacionados em cidades próximas visitassem aquele símbolo do antigo poder dos czares e imensas filas de curiosos se formavam na Praça Vermelha, para a aquisição dos tickets, como acontece no Brasil, nos dias de grandes jogos de futebol.

Naquele domingo, o fenômeno se repetia. Primeiro, todos os visitantes passavam, em silêncio e com a cabeça descoberta, pelo mausoléu que guarda o corpo embalsamado de Lênin, do lado de fora dos muros. Depois, formavam duas imensas filas, com mais de um quilômetro de extensão, uma delas para adquirir os ingressos e a outra para atravessar os portões de entrada.

Coloquei-me, disciplinadamente, no fim de uma dessas filas e quase duas horas depois cheguei ao guichê para adquirir o ticket. Só então percebi que fizera a escolha errada, ou seja, estava na interminável fila das pessoas que já haviam adquirido os ingressos.

Restavam, então, duas opções: desistir da visita ou ocupar o último lugar na outra fila, que se estendia a perder de vista, na imensa Praça Vermelha e passar o resto do dia ali. De repente, vindo não sei de onde, tive um daqueles *insights* que no Brasil de antigamente eram chamados de “*Estalo de Vieira*”, ou seja, uma ideia luminosa e salvadora, para não perder mais tempo.

Sempre fui um cidadão razoavelmente cumpridor de leis e regulamentos, mas a condição de turista às vezes desperta o nosso lado oculto, aquele que guarda o que existe de pior: a esperteza própria dos malandros.

Com o corpo empinado e cara de bravo, um jeito de ser típico das autoridades com pouca autoridade em qualquer país, exibi (orgulhoso, aliás) ao soldadinho da portaria a minha carteira de sócio do Clube Atlético Mineiro.

Visivelmente perplexo, diante de um documento desconhecido e que não poderia ler, contemplou a carteira, com a foto do portador e o escudo do Atlético, estrelas douradas e faixas verde amarelas, e certamente deve ter pensado que só podia ser o passe livre de um burocrata poderoso, com acesso a qualquer lugar e,

ainda por cima, de péssimo humor. Ou um general aliado, de algum país perdido, quem sabe? E é bom lembrar que Stalin dera um poder incontestável à imensa burocracia soviética.

Todas as ditaduras agem assim.

Para resumir a comédia, o soldado, que jamais iria querer complicações com os poderosos, perfilou-se, abriu espaço e me deu acesso preferencial ao Kremlin.

As ditaduras são sempre iguais, em todos os lugares.

O soldado só me fez uma pergunta, que deixei sem resposta, tanto por não entender a língua quanto para manter a coerência com o personagem que interpretava. Só bem mais tarde, naquele dia, um assustado médico brasileiro que entendia russo e assistiu perplexo o meu desempenho, traduziu-me a fala do soldado: querendo me agradar ainda mais, ele perguntara se eu desejava um guia ou cicerone, para me acompanhar na visita.

Mas o meu silêncio e a expressão de mau humor falaram mais alto. Não é assim que agem as tais autoridades?

# Um híbrido fértil

*“O fim último do Estado é a virtude”.*

Aristóteles

Figura singular e instigante, o cidadão Jarbas Passarinho. Probo, decente, leal, dotado de excelente nível cultural, leitor dos clássicos franceses no original, articulista com espaço em importantes jornais brasileiros, e, no entanto, como graduado oficial do Exército, uma das lideranças do golpe militar que derrubou João Goulart, proclamou o AI-5 e permaneceu no poder durante duas décadas.

Jarbas Passarinho foi governador do Pará e senador em dois mandatos sucessivos; presidente do Congresso, ministro do Trabalho e Previdência Social, com Costa e Silva; ministro da Educação, com o general Médici; e ministro da Previdência Social, com João Figueiredo. Só não foi escolhido para ocupar a presidência da República, indicado por lideranças militares com apoio político até de membros da oposição, pelo veto do general Ernesto Geisel (*não faço continênci para subalterno* - Jarbas Passarinho era coronel).

Posteriormente, já no período democrático, foi ministro da Justiça no governo Fernando Collor, deixando o cargo logo que foram apontadas irregularidades na gestão do político alagoano e antes do início do processo de impeachment.

Jamais enriqueceu no poder ou depois dele. Sou testemunha do pagamento da última parcela do financiamento de sua casa, no Lago Norte, financiada pela Caixa e em nome de sua mulher, já falecida.

Durante o período em que fui jornalista credenciado no Congresso, mais de uma vez registrei a postura do senador, representando claramente a parcela dos militares moderados. Lembro-me bem da entrevista que concedeu a um jornal de Brasília, na qual criticou a atuação do deputado Bolsonaro, seu colega de farda, e condenou todas as formas de radicalismo:

“Não suporto radicais, nem de esquerda, nem de direita. Estes são piores, até porque me lembram o livro de Simone de Beauvoir “Pensamento de direita, hoje” – *o pensamento da direita é um só: medo. O medo de perder privilégios*”.

Foi essa atuação política no Congresso que me levou a participar, com interesse, da edição do livro de memórias escrito por esse intelectual, um acreano de Xapuri (\*), editado pela Expressão e Cultura.

Valeu a pena.

Nossa convivência foi além desse trabalho e chegamos a lançar três edições sucessivas de “*Um híbrido fértil*”, alusão à atividade do autor nos diversos postos e áreas em que atuou.

Lançado o livro, no salão nobre do Senado, o autor assinou dedicatórias em mais de mil exemplares, somente naquela ocasião. Participei também do lançamento em Estados do Nordeste e do Sul, com igual sucesso. E continuamos amigos no tempo, até a minha mudança para o Espírito Santo. Sei que ele escreveu outro livro, como revela o texto do e-mail que me enviou:

“Caro amigo e contista emérito Rubens.

*Estava com saudade de notícias suas e mais ainda do nosso papo amigo. Afinal, consegui que a CNI aceitasse meu enésimo pedido de exoneração. Não foi fácil, mas usei o argumento definitivo: o do octogenário que precisava ficar em casa. O tiro saiu pela culatra: o telefone não me deixa em paz. Não sei se foi praga, mas há dez dias caí de novo, desta feita na rua, procurando sem sucesso o estacionamento onde o motorista me esperava.*

*Vinha do Campo da Esperança e decidi comprar o “Livreiro de Cabul” para presentear um aniversariante. Saldo: nariz fraturado, testa batida fortemente, luxação e fratura linear no ombro direito. Não é a primeira vez que a direita me agride...*

*Estou terminando meu livro sobre a Amazônia a ser editado pela “Univercidade”, estranho nome que editou um dos últimos livros de Jean-François Revel, a Obsessão Anti-American. Lastimo não contar com você para a leitura antes da arte final, já que está em Manguinhos.*

*Afetuoso abraço,*

*Jarbas Passarinho*

(\*) – Pequena cidade do Acre, Xapuri, proporcionalmente ao número de habitantes, é a cidade brasileira com maior número de figuras ilustres ali nascidas:

- Jarbas Passarinho, o médico Adib Jatene, o jornalista Armando Nogueira, o líder da floresta Chico Mendes, a ex-senadora Marina Silva, o ator José Vasconcelos, o deputado federal Enéias Carneiro (“*meu nome é Enéias!*”), a autora de novelas Glória Peres, o artista João Donato, o médico e político Tião Viana e a ex-governadora Iolanda Fleming, a primeira mulher a governar um Estado no Brasil,

# No Recife, com Gustavo Krause

*“Em Recife, os rios Capiberibe e Beberibe se encontram para formar o Oceano Atlântico”.*

Anônimo

Quando Ferdinando Bastos de Sousa, ainda vice-presidente do Grupo Gilberto Huber, e Ricardo Pamplona Vaz, diretor das duas editoras – Expressão e Cultura e Esplanada – passaram-me a missão de planejar, produzir e fechar a edição de um livro com artigos de Gustavo Krause, sabia, a respeito dele, que fora prefeito de Recife, governador de Pernambuco, ministro da Fazenda em curto período no governo Itamar Franco e ministro do Meio Ambiente no governo de Fernando Henrique Cardoso. E amigo de meu filho, parece.

O trabalho me levou a viajar até Recife pelo menos quatro vezes, em pouco mais de dois meses, propiciando-me conhecer melhor a histórica capital de Pernambuco e o político e escritor cuja maior paixão, no entanto, era a bandeira do seu time do coração, o Náutico Futebol Clube.

Krause já escrevera outros livros, com circulação circunscrita ao Nordeste, e a Editora pretendia dar amplitude nacional ao pensamento do homem público que atuou sempre como um autêntico democrata, liderando na sua região, com Marco Maciel, o movimento político contra a ditadura militar.

Recolhi três de suas mais importantes obras e selecionei textos sobre os principais assuntos tratados em cada uma deles, para montagem de um agrupamento de ideias convergentes que formaram os capítulos do livro a ser editado.

Política, humor, pessoas, assuntos heterogêneos capazes, no entanto, de propiciar ligação entre o pensamento do autor e o espírito da iniciativa. O autor

aprovou essa estratégia editorial, acrescentou a ela alguns toques pessoais e o livro alcançou excelente receptividade.

O lançamento de “Cantos e Contos” foi um verdadeiro acontecimento político e social na vida do Recife. Mais de 400 pessoas compareceram e, entre elas, o então vice-presidente da República Marco Maciel, também representando o presidente Fernando Henrique Cardoso, e Pedro Renato, do GGH em São Paulo.

Gustavo Krause foi outra pessoa que integrei à relação de meus amigos. Voltamos a nos encontrar algumas vezes, em Recife e em São Paulo, até que o tempo e as encruzilhadas da vida nos levaram a tomar rumos diferentes.

# Perestroika - o princípio do fim

*“O mundo não será salvo pelos caridosos, mas pelos eficientes”*

*Roberto Campos*

Empresa do Grupo Gilberto Huber, a Editora Expressão e Cultura, que desapareceu no tsunami que mergulhou no nada as empresas da companhia, foi responsável pelo lançamento no Brasil de importantes obras da literatura universal.

Apenas relacionados com Minas Gerais, entre muitos outros volumes, foram editados “Viagem ao País dos Mineiros”, “Guia dos Bens Tombados de Minas Gerais”, “São João del Rei na História de Minas”, “Ouro Preto”, “Bens Tombados de Mariana”; no Espírito Santo, “Orquídeas do ES”, “O Colégio e as Residências dos Jesuítas no ES”, “Orquídeas”, “Colibris”, “Bens Tombados”.

Já com a Editora Documenta Histórica, do Rio de Janeiro, dirigida por Ferdinando Bastos de Sousa, colaborei na produção de “Espírito Santo – Orquídeas”, trabalho notável do professor Erico de Freitas Machado, edição *post-mortem*, fruto dos esforços da guerreira Helga Hees de Freitas Machado, viúva do escritor.

Tive o privilégio de participar de muitos desses lançamentos, mas quero ressaltar o projeto, a execução e a edição dos “Discursos de Gorbachev”. A eles, dediquei tempo integral de trabalho durante mais de três meses.

A compilação dos discursos de Mickhail Gorbachev em “A Proposta”, “A Perestroika”, “A Perestroika e a Política Internacional” e “A Perestroika e o Processo de Democratização”, foi reunida em cinco volumes, à época recebidos como importante instrumento para a redemocratização do País e seus satélites.

Fui assiduamente à Embaixada da então União Soviética, em Brasília, na coleta de subsídios para o trabalho que enfocou a decisiva participação do líder russo na queda do comunismo soviético. Meu contato, ali, era o seu adido cultural, Malakov, de quem, por força de muitos encontros, me tornei uma espécie de confidente. O regime comunista começava ruir e o pessoal da Embaixada se fechava mais ainda atrás de suas altas paredes. Malakov se preocupava com a perspectiva de ser chamado de volta ao seu país. Sua vontade era permanecer em Brasília, desfrutando de uma liberdade com a qual sequer podia sonhar em Moscou.

Certo dia, almoçando com Malakov, depois da ingestão de muitas doses de vodka nacional (nacional da terra dele), o “adido cultural” abaixou o tom de voz para me dizer que na verdade era ele um homem da KGB, representante da temível polícia secreta da União Soviética nos negócios da Embaixada mas que ninguém, nem os serviços de informação brasileiros, tinham conhecimento disso.

Entre outros assuntos, alguns dos quais não devo tocar por serem muito pessoais, falou-me do fracassado projeto soviético de levar o comunismo a países da África. Depois de investir bilhões de rublos em regiões vulneráveis do Continente Negro, os *experts* em política internacional soviética concluíram que seu esforço fora inútil porque... não havendo na África classe trabalhadora, em desdobramento não havia sindicatos, e fora dessa área não se sabia como proceder para chegar lá. Mais de 50 países, com mais de 20 grupos diferentes em nove etnias, zulus, basotho, nabele, iorubas, alguns pontos de ocupação em fase tribal de civilização, o desafio proposto não foi superado. Os rublos ficaram lá e o comunismo, não. Em alguns países, enquanto a moeda russa chegava, o partido se infiltrava: Etiópia, África do Sul com Samona Machel, Tunísia, Nigéria. A Argélia, já sob regime comunista, abrigou Miguel Arraes no seu exílio. O político pernambucano, que era um radical de esquerda, mas não era bobo, não perdeu tempo ali. Amigo dos ditadores ficou rico, intermediando venda de petróleo argelino para os países capitalistas...

Os cinco volumes com os surpreendentes e impactantes discursos de Gorbachev foram importante marco na transformação política da União Soviética. Traduzido para vários idiomas, provocou fortes reações também em

outros países comunistas, já balançando com o ritmo das mudanças que ganhavam força no tempo e na geografia.

Depois do lançamento, perdi contato com a Embaixada da União Soviética, voltado para outras áreas do meu trabalho.

Apenas uma vez falei, por telefone, com seu “adido cultural”, Malakov, que estava mergulhado num dilema hamletiano, sem saber se retornava à sua pátria ou se refugiaria numa dessas cidades chamadas satélites de Brasília. Certa feita, quando tocamos numa possível deserção dele, por mim estimulada, sugeri uma fuga para as barrancas do Araguaia, lá para as bandas de Bananal, onde certamente ninguém o iria procurar e onde índias sem timidez exibiam corpos desnudos queimados pelo generoso sol do sertão banhado pelo Rio Tocantins. Bem melhor do que as tundras siberianas, mesmo no verão.

Confesso que durante muito tempo uma interrogação sem resposta me inquietava. O que afinal fora feito do meu quase amigo, perestroika confirmada? Teria voltado para enfrentar os novos tempos de uma Rússia que definhava politicamente, correndo o risco de ir parar num gulag siberiano? Decidiu refugiar-se nalgum lugar incerto e não sabido onde, mesmo não tendo a igual predileção dos alemães pelas nossas mulatas, teria encontrado consolo nos braços acolhedores de uma Olga Benário cabocla?

Torci por Malakov, figura que, muitas vezes, me fazia lembrar o jornalista e escritor Fritz Teixeira de Sales, um comunista de Santa Luzia, frequentador da Gruta Metrópole, capaz de fazer até um radical de direita aceitar o pensamento político de um advogado do demônio em terras do Curral del Rey.

# Amigos são para sempre

“Os anos de agora já não vêm como os de antigamente”.

Gabriel García Marquez, em “Cem anos de solidão”.

Ninguém constrói por acaso amizades duradouras e inesquecíveis. As grandes amizades quase sempre pressupõem admiração mútua, confiança e sintonia, mesmo quando não há convergência absoluta de ideias, crenças e princípios.

Sinto orgulho – que jamais ocultei – dos numerosos amigos conquistados durante décadas de trabalho, nas diversas atividades profissionais a que me dediquei.

Foram dezenas de companheiros, em dezenas de anos. Algumas vezes trabalhando lado a lado, no mesmo front. E, em outras ocasiões, como leais e sinceros adversários, em posições de comando e disputa de espaços, na inevitável busca de sucesso para as empresas em que atuávamos.

Lembrar todas essas pessoas, aqui representadas por três companheiros que partiram antes de mim e serão, para sempre, inesquecíveis, não é fruto de uma espécie de nostalgia, mas homenagem e reconhecimento a dezenas de outros amigos.

Jair Rebelo Horta, Clementino Viana Dotti e Frei Martinho Penido Burnier deixaram, no cenário de Minas Gerais, marcas indeléveis de humanismo, talento e generosidade.

Conheci Jair Rebelo Horta na redação da “Folha de Minas” e, com a passagem do tempo, tornou-se meu mestre e uma presença marcante na minha formação profissional, além de amigo fraternal ao longo de décadas. Apadrinhou meu casamento e, mesmo quando seguimos caminhos profissionais diferentes, nossa amizade resistiu ao tempo. Quando da sua mudança para Brasília, nossa

convivência se tornou ainda mais próxima e frequente, até o dia em que nos deixou para sempre.

Quanto a Clementino Dotti, uma figura singular, foi um dos homens de maior elegância pessoal e de comportamento que conheci. Ex-diretor da Companhia de Teatro Joracy Camargo, conquistou presença marcante no cenário artístico brasileiro e projetou seu nome até à Europa, como executivo competente na sua área de trabalho.

Quando o conheci, em Belo Horizonte, era diretor da empresa que administrava os cinemas da cidade. Logo nos tornamos amigos e companheiros dos melhores sonhos e desejos para uma cidade em rápido processo de crescimento. Mais tarde, Clementino foi Secretário de Turismo da Prefeitura de Belo Horizonte, quando eu gerenciava a área de Relações Públicas das “Páginas Amarelas” e participamos, lado a lado, de projetos e iniciativas relacionadas com as funções que exercíamos.

Vítima de um câncer que se mostrou vertiginoso e mortal, esse bom amigo e companheiro, que não fumava, não bebia e se alimentava com notória sobriedade, deixou um grande vazio no território profissional em que se movia com tanto saber, competência e entusiasmo. Belo Horizonte ficou menor, quando ele se foi.

O dominicano Frei Henrique Penido Burnier, que conheci no período em que ele ainda apresentava um programa semanal na TV Itacolomi, sempre se destacou por sua coragem. Em plena ditadura militar e na condição de diretor da emissora, muitas vezes tive que analisar com ele o conteúdo das suas apresentações, de modo a evitarmos confrontos diretos com as autoridades.

Queríamos alcançar o mesmo objetivo – a resistência democrática ao autoritarismo – mas sem comprometer a própria existência da emissora. Ainda que discordássemos em torno de um ou outro trecho do roteiro, nosso diálogo semanal sobre os textos de cada programa sempre foi cordial, respeitoso e acompanhado de enriquecedora troca de ideias sobre meios de comunicação, política e religião.

Nunca tivemos problemas mais sérios. Pequenos ajustes nos textos, para evitar conflitos num período tão sensível para os meios de comunicação, serviam

de ponto de partida para debatermos quaisquer assuntos. E, ao longo de todo esse tempo, nunca fui excomungado.

Nessa época, passei até a frequentar o Convento dos Dominicanos, no bairro da Serra, então dirigido por Frei André, egresso da França e dono de extraordinária cultura histórica e política. Impressionado com a frugalidade das suas refeições, muitas vezes almocei com os frades nesse Convento e recebi deles lições de humildade, independência e coragem, próprias de autênticos revolucionários, no sentido mais amplo da palavra.

Aprendi muito com Frei Henrique Penido Burnier e os seus companheiros no Convento da Serra. Meus quatro filhos foram batizados por ele e nossa convivência só foi interrompida porque a direção do Convento, para garantir sua segurança pessoal, decidiu transferi-lo para Uberaba, onde faleceu durante uma intervenção cirúrgica.

# O caminho do sonho

*“O Governo tem a subida honra de informar que o povo não deve se preocupar. Não há nada de anormal acontecendo”.*

**Ignácio de Loyola Brandão, em “Zero”.**

Dois anos depois da minha chegada a Vitória e com o Brasil retornando à democracia, o empresário Camilo Cola, proprietário da Viação Itapemirim, decidiu se candidatar a uma vaga no Senado Federal.

Nelson Mendes, um mago da propaganda no Rio de Janeiro, foi designado pela MPM, empresa que cuidava da publicidade da Itapemirim, para vir ao Espírito Santo e dirigir a campanha política do empresário. Para isso, Mendes formou em Vitória uma equipe profissional de alto padrão, cujo trabalho iria revolucionar a prática do marketing político no Brasil. E, embora sem o mérito indiscutível dos companheiros, fui contratado pela agência carioca para trabalhar no projeto.

Sob a liderança de Nelson Mendes e trabalhando em tempo integral, ao lado de Oswaldo Oleare, jornalista, radialista e peça fundamental na conquista de votos no interior, e de Marien Calixte, jornalista de projeção em todo o Estado, formamos a espinha dorsal do grupo de trabalho.

Os capixabas reconhecem, ainda hoje, que foi uma campanha épica.

Inexperiente em política, mas disciplinado e incansável, o candidato aceitava sem discutir o programa estabelecido, viajando por todo o Estado em um ônibus adaptado para essa maratona e visitando lideranças previamente contatadas por telefone pelo infatigável Oswaldo Oleare.

Camilo Cola obteve a maior votação entre todos os candidatos, com o total de quase 200 mil votos, mas José Ignácio, menos votado, foi eleito graças à soma dos votos de legenda, como permitia a legislação eleitoral daquele tempo. Seus dois outros companheiros de chapa obtiveram pífia votação.

Personalidade singular, Camilo Cola evoluiu de lavador de carros em Cachoeiro do Itapemirim para a condição de proprietário da maior empresa brasileira de transporte terrestre de passageiros: a Viação Itapemirim.

Sua segunda campanha para o Senado foi um autêntico desastre.

Cercado por um clima de exagerado otimismo, mas sem o brilho da campanha anterior, o candidato foi novamente derrotado, embora seu nome fosse um trunfo dos militares para assumir a liderança do PDS capixaba, após a saída do ex-governador Élcio Álvares.

Um relatório do SNI, com o carimbo de *Confidencial*, ao qual tive acesso tempos depois, quando já vivia em Brasília, indicava esse interesse dos militares pelo nome de Camilo Cola e aconselhava uma visita do então presidente João Batista de Figueiredo a Cachoeiro do Itapemirim, para prestigiar o empresário.

O volume II, página 323, da Comissão Nacional da Verdade, também cita o nome do empresário como um dos apoiadores importantes do regime militar. Tempos depois, Camilo Cola foi eleito deputado federal, mas sem qualquer participação da equipe que o apoiou na primeira campanha.

Superadas as campanhas políticas e até o momento em que retornei a Brasília, Nelson Mendes e eu comandamos, em Vitória, uma agencia intitulada Grupo 6 de Propaganda e Marketing.

A temporada no Distrito Federal, no entanto, seria interrompida mais uma vez e, de novo, para atender a um chamado do Espírito Santo.

A pedido do então presidente da Confederação Nacional da Indústria, Mário Amato, o Grupo GH permitiu que eu me deslocasse até Vitória para participar da campanha de reeleição a deputado federal de Jones dos Santos Neves Filho, vice-presidente da entidade.

*Prezado Senhor Roberto Palleta de Cerqueira,  
diretor da EBID – Editora Páginas Amarelas*

*Atendendo a solicitação do nosso vice-presidente Jones dos Santos Neves, vimos consultar V.Sa. sobre a possibilidade de autorizar a colaboração a esta Entidade, por um período de 90 dias, do jornalista Rubens Pontes, o qual vem*

*participando ativamente, em conjunto com o referido vice-presidente e deputado federal, dos esforços em defesa dos princípios da livre iniciativa e da economia de mercado.*

*Agradecendo antecipadamente a colaboração de V.Sa.,*

*Subscrevemo-nos, atenciosamente,*

*Mário Amato*

*Presidente da Confederação Nacional da Indústria*

Filho de um ex-governador do Espírito Santo e nome de grande conceito entre os capixabas, o candidato não encontrou dificuldade para se reeleger: foi o terceiro mais votado, entre os 10 eleitos.

Participou da campanha, como responsável pela imagem do candidato nos programas de televisão, o radialista Wladimir Godoy. E ainda desta vez, valendo-se da sua experiência, Tião Martins atuou no planejamento da campanha, facilitando bastante o nosso trabalho.

Esse novo período de residência e trabalho no Espírito Santo foi determinante para que, algum tempo depois, retornasse ao Estado, desta vez para ficar. E ficar para sempre.

Somados, são mais de vinte anos de idas e vindas e, em seguida, de opção definitiva pela cidadania capixaba. Opção essa que envolveu a mente e o coração e me permitiu construir amizades eternas.

Convidados, Márcia e eu participamos, de forma permanente, das reuniões de um grupo de pessoas da sociedade capixaba preocupadas com o país e com os problemas que afetam principalmente a parcela mais desprotegida da nossa sociedade.

A cada quinze dias e, em rodízio, sempre na residência de um dos participantes, homens e mulheres, engenheiros, médicos, economistas, bancários, professores universitários, católicos, espíritas, neutros, discutem temas da atualidade e problemas de interesse geral, na busca da participação convergente de

cada um e por extensão do grupo, com a certeza de que uma boa célula plantada irá gerar um corpo sã.

Esses encontros intimistas, com a forma de uma agradável e descompromissada troca de reflexões pessoais, terminam em torno de comes & bebes oferecidos pelo anfitrião. E só então ficam liberadas as queixas contra jogadores, juízes e treinadores de futebol. Além da insatisfação geral com a situação do País. O *Grupo Aliança* foi formado há mais de 30 anos e nunca foi interrompido, desde então.

Desde Manguinhos, para preservar os neurônios, continuo realizando trabalhos na pequena área que domino e conheço.

José Eugênio Vieira, escritor com vários livros publicados, superintendente do Sebrae no Espírito Santo, tem me associado a alguns dos seus trabalhos, no desdobramento do seu infatigável esforço de pesquisa histórica nos municípios capixabas.

Oswaldo Oleare me abriga no *Don Oleare Ponto Com.* me distinguindo como “diretor de conteúdo” do Portal.

Esse é o presente, o meu e o nosso.

Quando ao futuro, só sei dizer que recomeça a cada dia.

# Carta da amiga

Embora não tenha a audácia de me reconhecer no generoso retrato, tomo a liberdade de reproduzir uma crônica a mim dedicada, na qual a escritora Leida Lusmar Rodrigues, companheira desde antigos tempos, traça improvável perfil do seu amigo.

(Vale, pelo texto).

*Um grande abraço.*

*Leida Lusmar Botelho*

*BH – maio, 05*

*“Era uma vez um homem que gostava do mar. Entrava mar adentro sozinho, embarcação singela, poucos pertences, gostava mesmo era de estar lá naquele azul profundo manchado de branco, ondas altas aquela imensidão puxando seu olhar (Você, que sabe tudo, pode me dizer se existe mar que não seja bravio e, naturalmente, tido como manso?)*

*Era um homem que gostava de ventos, e como gostava!*

*Ventos que às vezes involuntariamente provocava. E vinha sopro de todo lado, do sul, do norte, do céu, de baixo, rajada, aragem, brisa delicada, ventania, furacão. O maior prazer desse homem era esse: no azul imenso, meio entregue à sorte, meio comandando, seguindo o que mandava nele seu coração.*

*Era um homem que sabia de lugares distantes, de coisas terrenas, de palavras pequenas e grandes, de luzes e de falta de luzes, de portos também. Esse homem às vezes ancorava. Fingia-se humano como nós unicamente pra não mostrar superioridade ou escandalosa atitude de rejeição dos iguais e assim manter-se mais ou menos em paz (com os outros, naturalmente, não com ele).*

*Ficava pouco em terra, a conta de matar saudades e firmar os vínculos que esta vida desata sem dó e sem pena se a gente os coloca de lado muito tempo.*

*Cuidava com atenção da sua parte, a sua parte no mundo, e depois partia. Para o mar.*

*Daí a pouco, no barco, o sorriso lhe marcando o rosto, dizia consigo:*

*- Lá vou eu de novo, que fazer?*

*E partia, sempre.*

*Esse homem aprendia tudo do antigo e do novo e o que não aprendia com os outros descobria sozinho em si mesmo da Fonte Inesgotável que lhe alimentava, que mora em todos nós, é claro, só que Dela ele sabia haurir com perfeição e gosto e depois passar adiante, tanta beleza, tanta poesia, tanta não-poesia também fazia ele, poesia escondida em teto linear de raciocínio impecável, incomum e inconfundível, poesia linear, diria eu.*

*Andou muito, pescou muito e o quanto pôde viveu sozinho enganando todos, a todos nós que à sua volta vivemos e não vimos que à parte estava ele, nem triste nem alegre, como Cecília Meireles bem definiu-se, mas com ele, com uma certa coisa, com um pouco de silêncio, um pouco de distância, um diferente modo de viver que algum dia alcançaremos, que algum dia poderemos alcançar ao passar por aqui.*

*Apesar de tudo, das aparências em contrário, isto é, das fugas para o oceano, era um homem cheio de negócios, vida cheia, muita gente em seu entorno, muita risada solta, vez em quando sobressaltos, muita emoção, muita, muita paciência, acredite!*

*É preciso muita paciência para lidar com o mar, ele que o diga!*

*E assim, aqui ou lá, vivia o homem, uma canção tocando em sua alma, uma ponta de orgulho pela própria coragem, uma tristeza fora de hora por certas covardias, uma vontade de ser inteiro e de abandonar tudo (tudo o quê, se já no mar vivia?) o que esse homem queria de fato era o impossível, era percorrer tintim por tintim o mar profundo, só ele, mas como não dava conta de algo assim, então fazia o que podia, fazia um pouco do que queria e um pouco não. Ou então eu posso dizer, sem exagero, que fazia quase tudo o que queria quase tudo, quase tudo.*

*Aparentemente era um homem bem sensato, mais sensato se tornando com o passar dos anos.*

*Graças a Deus! – chegaram a dizer os que lhe queriam mais em terra. Pensávamos não ter cura pra tanta inquietação! – suspiravam outros, baixinho,*

*para não serem ouvidos por ele. Havia ainda uma suposição: talvez quisesse histórias pra escrever, histórias vivas buscando longe os temas, ou então esse homem infatigável quanto a longas viagens talvez corresse das adversidades tão frequentes nesta terra (eu sei que não!).*

*O que ele de fato queria era ausentar-se do solo firme vez ou outra alguma parte do ano ou durante um semestre e ficar longe, olhar perdido, a sós, conversando com pássaros ou peixes, correndo riscos desmedidos ou impensáveis até mesmo para um homem como ele. Eu sei de mim que esse homem não realizou tudo não. Foi na verdade um estranho, um meio estranho no ninho, neste mundo, embora se fingisse pássaro sem asas, como nós.*

*Eu sei de mim que esse homem percebeu (em boa hora) que apenas viver dessa forma normal, cercado de muros, montanhas e cercas, andando em estradas marcadas e seguras, seria um mau negócio. Que veio para mais, sem dúvida: pra viver a vida de outro jeito: inteira, aberta, o fogo, a chuva, a noite, o desespero, a alegria, a escolha e tudo que disso decorresse, fosse o que fosse.*

*Esse homem seguiu seu coração praticamente o tempo todo. Não sei aonde chegou. Se me contassesem, eu andaria longe para saber. Mas não de suas histórias, não, de outra coisa. O que busco saber e invejo, à distância, é o que ele não conta: é aquele silêncio, a força, o mistério, a beleza do azul profundo – a liberdade que sua alma conheceu. Desse azul, esse azul eu também quero viver. Que as águas do Grande Mar lhe sejam cada vez mais doces.*

# O que vem depois?

*“Se der para me entenderem, está bem. Se não,  
também está bem”.*

**Clarice Lispector** em “A Hora da Estrela”.

Pensar que toda história tem começo, meio e fim é uma dessas crenças absurdas, características dos adultos. As crianças, seres tão diferentes de nós, não vivem nesse mundo do faz-de-conta e desde bem pequenas tentam nos ensinar.

Você pode esticar a farra da Branca de Neve com os sete anões. Pode matar a bruxa que aprisionou Joãozinho e Maria. Ou até inventar a festa de casamento do Príncipe com a Bela Adormecida. Para você, tudo tem um fim. Para a criança, não. É apenas um episódio a ser desdobrado. Por isso, as perguntas são inevitáveis:

*- E depois, pai? E depois, mãe? O que foi que aconteceu, vô?*

As crianças sabem que a farra, a morte da bruxa ou o casamento da Bela nunca é o fim de tudo, mas só o começo de um novo momento. Busquei o exemplo das crianças para escrever este livrinho que reivindica o direito de ser adulto.

Nenhuma das histórias, dos momentos ou das singelas reflexões que o compõem chega a um final.

Apesar de sermos todos bem grandinhos, podemos experimentar a opção das crianças, que adoram imaginar e criar o que vem depois.

Que fim levou o jagunço matador? Quem era aquela mulher linda? O prefeito da UDN, para onde foi? E os jornalistas presos por nadarem nus em plena Praça da Liberdade, o que aconteceu com eles?

Sei de algumas coisas, não de todas. Livro não é novela de TV, que explica tudo no capítulo final, para endeusar os bons e punir os maus.

# Até um dia, prezado leitor

*“Nenhum homem sábio deixará de se espantar com a cegueira do espírito humano”.*

Sêneca, em “Sobre a brevidade da vida”.

Não sei se foi por incompetência, desatenção ou qualquer outro motivo, mas levei 90 anos para chegar a ser quem sou e como me sinto hoje. Outros podem ser mais rápidos, talvez, mas não os invejo. A rapidez nem sempre garante a coerência entre o pensamento e as ações.

Fiz a mim mesmo, entretanto, uma pergunta radicalmente ociosa: vale a pena viver tanto? Como não obtive resposta, já que a vida não está nem aí para essas perguntas, segui em frente.

Nunca, em toda a minha vida profissional, adotei qualquer posição conspiratória como ponto de partida para futuras e maiores conquistas. Jamais conspirei para derrubar colegas e chefes, respeitando sempre os companheiros de trabalho e aventura profissional.

Evoluí naturalmente, em consequência da dedicação profissional, do estudo e da liberdade de ação. E, mais tarde, desenvolvi uma espécie de repulsa por aqueles que conspiram para conquistar posições, poder, vantagens indevidas e reconhecimento imerecido.

Hoje, quando vejo cidadãos impotentes diante da força bruta de governantes corruptos, peço ao futuro que seja gentil com os meus filhos, netos e bisnetos e afaste do poder todos aqueles que desrespeitam a inteligência e a liberdade de escolha dos cidadãos. E que esse futuro elimine do cenário nacional a possibilidade de que o cinismo volte a ser uma característica dominante dos homens públicos.

Como tenho bisnetos, ouso acreditar que essa quarta geração, mais consciente e melhor informada, saiba impedir que os poderosos locais e mundiais

prossigam impondo sua vontade e suas aventuras bélicas aos povos de todos os continentes, neste nosso planetinha mínimo da Via Láctea, marcado pelo absurdo.

Sonhos todos nós temos, no decorrer da vida, e realizei alguns, suficientes para não me tornar um indivíduo frustrado.

Como jornalista, fui até onde minhas limitações permitiram.

Na publicidade e propaganda, superei certas dificuldades próprias da época para me ajustar às necessidades de um novo tempo. E jamais violei os fundamentos éticos de uma profissão que, no Brasil, gerou tantas polêmicas, ao longo do seu desenvolvimento.

Como qualquer outro profissional, vivi decepções. Mas a queda e a decepção – confrontadas com a capacidade de trabalho e a cabeça erguida – jamais me impediram de seguir em frente e alcançar novas conquistas no campo profissional.

Não posso negar que, em certos momentos, o campo emocional foi invadido por sentimentos menores, mas o tempo sempre trouxe de volta a serenidade, o equilíbrio e a paz, qualidades reforçadas por amigos leais e bons companheiros de luta.

Sobreviver à inquietante trajetória econômica que o Brasil vem vivendo há décadas, com altos e baixos, quedas monumentais e promessas de chegar ao paraíso, nunca foi tarefa simples, até para os maiores guerreiros da minha geração.

Muitas vezes não percebemos claramente os efeitos que essas pressões externas provocam em nós, mas felizmente encontrei, em atividades lúdicas, a energia que me permitiu sobreviver e crescer, acreditar no país e nas pessoas e seguir em frente.

A cozinha foi um dessas *descobertas* quase mágicas.

Trabalhar junto ao fogão, reinventando receitas e produzindo algo que será compartilhado com os amigos, é das experiências mais enriquecedoras para um ser humano. Digo e repito, mesmo ofendendo os especialistas, que é uma espécie de terapia.

Deixando a modéstia de lado, ouso dizer que me tornei um bom cozinheiro, capaz de criar e executar pratos que os amigos geralmente elogiam, não (apenas) por serem amigos, mas porque sabem apreciar aquilo que vai à mesa.

Em outro departamento, talvez até mais ousado, passei a pintar quadros, usando principalmente o crayon e tintas à base de água. São telas de qualidade duvidosa, admito, mas a família e os amigos – solidários com o “artista” – garantem que são até razoáveis.

Além disso, por não admitir que o teclado – presente do casal Tozzini – fosse apenas um enfeite na sala da minha casa, em Manguinhos, decidi garimpar sons e até melodias inteiras.

Estimulado principalmente por Márcia, que sempre descobre em mim possibilidades jamais antes sonhadas, aprendi a brincar com o instrumento e, mais que apertar teclas e improvisar acordes, buscar o som da música, ainda que sem maestro e professor.

E, assim, descobri que a idade, até a mais avançada, não é prisão, não é o fim de tudo e nem nos impede de seguir em frente, rumo ao futuro. Motivos e estímulos não faltam para abraçarmos o novo, mesmo tendo vivido uma trajetória tão longa que chega a parecer milagre.

Ao compartilhar essa experiência com os jovens de todas as idades – dos 20 aos 90 – minha intenção é sugerir que nenhum deles renuncie à vida e nem se deixe superar por obstáculos que encontrarem em sua caminhada rumo ao futuro.

Obstáculos são incômodos, é verdade. Mas não passam de fantasmas, que podemos derrubar um a um, dia após dia.

E todos desaparecem, porque somos mais poderosos do que eles.

Meu sonho, agora?

São muitas e belas as recompensas que a vida nós dá, guardada a otimista certeza de que o melhor está ainda por chegar.

Obrigado por assim me fazer entender como superar barreiras para viver a vida, companheira Márcia. Abraçar a paz, dividir o querer bem e viver acreditando sempre no amanhã que me cumpre criar.

Até um dia, prezado e paciente leitor.

# E VAMOS NÓS, PELO MUNDO...

## - Uma mulher chamada Márcia-

Ainda que alguns homens discordem do modelo, a natureza - mais sábia que qualquer um de nós - acertou nos mínimos detalhes quando criou a mulher.

Trata-se de autêntica obra-prima que, ao longo dos séculos, vem surpreendendo e enlouquecendo poetas, pintores, desenhistas, escritores e cineastas.

Milênios se passaram e tanto os artistas quanto os homens comuns ainda tentam retratar, compreender e explicar esse fenômeno.

Mas a maioria não passa nem perto do original e reconheço que também eu me perco, vez ou outra, tentando decifrar os códigos que orientam a postura de Márcia diante da vida, mesmo geralmente aberta como um girassol depois da chuva.

É mais fácil descrever a Via Láctea, como fez Isaac Asimov, e imaginar outros mundos possíveis, com suas estrelas e planetas, do que interpretar a natureza feminina.

Não sobre Márcia, sendo ela uma mulher que não se vale de subterfúgios, clara e franca, mostrando-se sempre como é.

O desenho geral da mulher é cuidadoso. Feito no *capricho*, como dizem os garçons de botequim. Como Márcia foi modelada.

O modo de ser da mulher é mais ágil, mais rápido, mais sensível e, acima de tudo, mais humano. Márcia é assim.

A mecânica de pensar da mulher difere da nossa, como se vivesse em uma espécie de futuro e nós, pouco evoluídos, ainda batalhando com o passado. Márcia insiste em não ser vista assim.

Compreendê-las é o maior desafio à inteligência de cada um de nós, que nos julgamos sábios donos do mundo e senhores de todas as certezas.

Márcia escapa do conceito e busca ser transparente, sem preocupação de ser julgada, ao se expor como realmente é.

Até o doutor Freud, conhecido desbravador de almas, penadas ou não, cometeu erros graves ao tentar compreender como funcionam a inteligência, a mente, a memória, a sensibilidade e o coração das mulheres.

Márcia, se por magia pudesse vencer as dimensões que limitam nosso espaço-tempo, como mulher poderia ter ensinado muito ao seu colega doutor Freud, se ouvida fosse, mudando sua visão, julgamento e classificação segundo as crenças e preconceitos do seu tempo.

Aqueles que me conhecem bem sabem que aprendi muito da vida e de seus mistérios com Márcia, uma criatura generosa, desprendida e sensata.

Lúcida e humanista e, muitas vezes, brava, ao perceber que este autor ainda conserva e cultiva ousadias, impaciências, intolerância, arroubos e riscos próprios do adolescente ou dos primeiros anos de profissão.

Os homens e mulheres da minha e de outras gerações muitas vezes confundiram (e alguns ainda confundem) a paixão, que é evento de vida curta, com o amor e seu compromisso com a eternidade.

Ainda hoje a literatura, os filmes e até músicas que mais apreciamos transmitem e reforçam esse equívoco, induzindo homens e mulheres à busca da paixão real ou imaginária, mas sempre fugaz.

Sei que o amor é presença, carinho e cuidado e não o sentimento trepidante e insustentável que une os jovens e também que pode leva-los ao rompimento, diante da primeira reação de tola impaciência.

A paixão nunca foi tão frágil quanto nesse nosso tempo, marcado por encontros rápidos e fugas inexplicáveis.

Muitas pessoas costumam dizer que um casal só é feliz se os dois admitem tranquilamente e confessam que nasceram um para o outro. De verdade, e não apenas nos romances e nas novelas.

Com ou sem proclamação, sei que um casal só vive esse encontro duradouro se souber construir, dia após dia, o carinho, a aceitação, a compreensão recíproca e até mesmo a preservação de suas diferenças.

Márcia e eu prosseguimos dia após dia, muitas vezes em silêncio, nessa jornada de compreensão, aceitação e preservação do querer bem, por sabermos que a viagem só é possível a dois. A dois e de mãos dadas. E só assim faz sentido.

Não há medo entre nós... E nem certezas absolutas.

A escritora Karen Curi define bem uma das aparentes contradições que caracterizam o amor romântico e nos surpreendem a cada dia:

*“Se é prá ser feliz, eu quero ser agora. E amanhã? Bom, amanhã é outro dia. Amanhã a gente vive tudo outra vez”.*

E é assim que nós somos.

Se não fosse assim, viveríamos - sem rumo - uma vida sem pé, sem cabeça e muito parecida com o nada.

# Quem é Rubens?

*Márcia M. Dias Barbosa*

Não sei, não há uma palavra para defini-lo. É múltiplo, como pessoa e como essência. Como múltipla pessoa só posso dizer o que ele permite que eu veja e como essência posso dizer aquilo que eu percebo entre linhas, o que não dito, mas é expresso por atitudes diante de situações diversas, sendo, portanto subjetivo.

Quem é Rubens?

É coragem e medo, alegria e tristeza, sonhador e descrente, buscador de si mesmo, mas podendo negar a existência de emoções ocultas que o impelem a comportar-se de modo x ou y.

É sensível a ponto de comover-se às lágrimas por coisas simples como o pôr do sol, pequenos pássaros coloridos e ser duro diante de injustiças e posturas antiéticas.

É leal e ético por convicção. É capaz de omitir-se deixando de tomar atitudes ou decisões, se isto, em sua fantasia, poder magoar o outro, esquecendo que, às vezes, abster-se pode fazer sofrer as pessoas próximas a ele.

É desprendido com relação às suas habilidades, como jornalista e escritor, a ponto de cedê-las, mesmo que terceiros possam algumas vezes abusar desta generosidade para uso pessoal.

Rubens, enfim, é múltiplo e é único. Entrar em contato com sua essência é perceber um ser como nós, que aqui está para aprender, transformar-se e transformar.

É um ser muito especial.